

RA NOVA

REVISTA
QUINZENAL
ILLUSTRADA

RAHYBA DO NORTE

25 DE DEZEMBRO DE 1921



NUM. 18

A VIRGEM

UMERO DO NATAL

PREÇO 1\$200

734

ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

SOCIEDADE ANONYMA

OFFICINA GRAPHICA DA "IMPrensa OFFICIAL"

ANNO I

*

Parahyba, 25 de dezembro de 1921.

*

NUM. 18



NATAL! A alma da gente se evola em preces, num doce mysticismo, ante o humillimo presepe onde Christo nasceu.

Os seculos, na sua passagem precipite, ainda não conseguiram o desbotar das creugas das multidões. Irradia, com toda pujança, a doce adoração de Jesus nas cerimoniaes lithurgicas de 25 de dezembro como um suave mysterio que a rudeza dos homens jamais poude comprehender.

Abramos nossos olhos á luz desse magnificante dia e esqueçamos, por um momento, tocados da salutar philosophia de Jesus, a iniquidade de nossos eguaes, a miseria dos impios e dos perversos.

Reportemo-nos áquelle estabulo pauperrimo onde Maria enternecida contempla o filho que abre os olhos á claridade, cheios de perdão e de amor.

E, agora, vinte seculos depois, leitoras gentis e bons leitores da -ERA NOVA-, pedimos que as bençãos das mãos nevadas e puras do bambino excelso, mais tarde redemptoras da louca e ingrata humanidade, vos avelludem a estrada da vida, na alegre passagem do NATAL DE 1921.

PAE E FILHA

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

5452

Coelho Lisboa entremostrava em sua intellectualidade um apreciavel sentimento heroico. Essa faculdade, que o commum dos homens publicos desdenha, elle não aprimozeira, fixou em construcções de estylo e, destragou na combatividade e nas intimações de tribuno.

Se diria que aquella organização de forças, capaz de demolir instituições, tinha em reservas moraes que lhe mediam o passo pela cabeça.

De perto e comprehendendo sua sensibilidade, um instante em que elle, em sua proteridade, experimentava a necessidade de comunicação de desafogo e me procurava, para esse entendimento, porque o mais vizinho ou, por outra, porque se comenos, o unico a seu lado.

O começo de seu dissidio com o salvador Machado.

Resposta a umas palavras minhas, como de da opposição, em Areia, elle proferiu um discurso formidavel, em cuja veia como que se sentia o chicote de feridas queimadas ao cauterio das oposições.

Uma eloquencia de ouro, ponteguda e vibrante, entremeadada, a reveses, de clamores e imagens. Na tarde desse mesmo dia, em direitura de Alagôa-Grande—nós fomos.

É temerosa a invernia nessa zona, a três leguas de lameiras e escorregadeiras sob cergas d'agua. A travessia da serra foi ao lusco fusco.

O ar irregular de nossa natureza revela, ao choque dos elementos, as desordens e os arrancos daquelle temperamento de revolta e de ternura. A enxurrada desce das lombas empinadas e caia, roncando nos grotões. Noutra sítio, o jorro emtremontado entre bambuats, crerescia, espumava e desfoava-se, como uma faixa branca, sobre a verdura.

Quando se nos deparava um fio de agua e tranquillo em contraste com a dançante correnteza.

Com essa impressão que Coelho Lisboa descobriu sobre as suas preferencias. O homem que manobrava, com pedras e armas, por signal que organizava essa terra e, consequentemente, de um beneficiario que fuzimou muitos innocentes se se mettem mãos a essa obra

que ainda está por escrever para reabilitação da memoria de dois degradados e chronica da politica e da justiça de outr'ora.

Ajuntou ainda que tinha em meio uma traducção do *Weyher*. E, preconizando os thesaurus da instrucção, disse, talvez amortecido pelas primeiras amarguras da campanha contra uma situação consolidada e ao presentimento do ostracismo, que era esse o unico patrimonio que herdaria a seus filhos. Não previa esse impenitente ideologo que, para a independencia economica da familia, a politica n.



Newton, filhinho do dr. Seixas Maia.

offereceria mais opimas vantagens que elle renunciou, estoicamente, para não alienar o patrimonio mais valioso do caracter. E finou-se abraçado com os seus principios, num país de materialões e utilitaristas que têm os apóstolos de nossa regeneração republicana em conta de visionarios.

Quando elle evocou o lar venturoso, que, na sua saudade e aos transeos do caminho, se afigurava ainda mais distante, espilhava, intimamente, numa effusão de carinho, ao invés dos horrores da enxurrada, o fio d'agua cantando, para seus filhos, as vantagens de um futuro. E, dos talentos paternos, a hereditariedade de uma senhora de intelligencia culta e emancipada

que formava um casal de coincidentes affinidades moraes e intellectuaes.

Anos depois invocaram minha curiosidade literaria para as primicias desse engenho quasi infantil que entrava a poesia. Foram amostras indecisas da perfeição que a musa

atingiu, dahi a pouco, com o desabrocho da sensibilidade e do pensamento.

A Academia de Letras premiou o *Rito Pagão*, num certame de luzida concurrencia, o que, se para nós outros não lhe acresceu realce, não deixa de ser, para um povo sem discernimento critico, um titulo de superioridade.

Tenho que a senhora Rosalina Coelho Lisboa não perdia de vista a consagração que vem accender rivalidades desarrazoadas e preteridas.

Seu livro vale sua gloria sem credencias nem patronymos.

E o Patabyba tem parte nessa conquista, porque a victoriosa poetisa, apesar de carioca, é filha de Coelho Lisboa. A nossa terra, que conta nomes do quilate de Augusto dos Anjos e mais três que, no Rio, no Recife e aqui, se emparelham com os mais insignes representantes do parnaso nacional, a nossa terra não prescinde desse ornamento que releva de seu avandamento.

Quem sabe se remotas influencias do nosso meio não contribuíam num apuro da desconfiança, a ra essa floração do sentimento pratico? Dahi o interesse que me assiste de familiarizar a nossa gente com esse magifico padrão de belleza que perpetua a fama de um dos nossos nomes mais illustres.

A natureza do *Rito Pagão* attendeu, fidelmente, a sollicitação para a publicidade nesta pagina de algumas de suas producções inéditas. Houve por bem remetter, para esse fim, os sonetos *Confiteor* e *Invocação*.

O estudo de sua arte poderia ser determinado apenas por esses dois modelos. Um simples verso, muitas vezes, define toda a orientação de uma obra. Mas o meu criterio já estava formado pela leitura de outras composições do mesmo filão. O ultimo exemplar da *Revista da Semana* trouxe-nos mais quatro dos seus sonetos que assignalam, dentro nos mesmos moldes, uma variedade de inspiração para nos nossos poetas que se apoucam na

Não ha meio mais propicio á comprehensão e ao amor de uma arte que, conquanto mol-

dada em rigorosa technica, ostenta, de onde em onde, uns retalhos d'alma á nossa profana contemplação. Na frente, as ondas traquinas, com a transição de suas tonalidades; atrás, a matta perfumosa com os cajueiros cheios de pingentes amarellos ou vernichos e a fluorescencia da murta e da ingizeira, em cima, o coqueiral, em leque, numa agitação hospitaleira: mais adiante, a ruina multiseccular da Igreja de Nazareth — tudo é um convite da natureza para o seu idéal. Aqui só se deve ler poesia e poesia verdadeira.

Minha penna, que escorrega, velozmente, no papel, emperraria, amuada, se eu me aventurasse a dissertar sobre as possibilidades intellectivas da mulher, a historia da poesia feminina, a classificação das escolas, os factores da literatura e outras sensaborias que se distanciariam do plano deste escripto a perder de vista.

Restrinjo-me á impressão esthetica do *Rito Pagão* proporcionada por esses padrões dispostos pela publicidade.

Não sei, sem exagero, em nossa geração de poetas, de versos que se avantejem a essa caprichosa feitura que não direi parnasiana porque, até em sua feição aparentemente objectiva, é sempre palpitante de idéa ou de acultamento. O ritmo é, ás mais das vezes, dessa escola. Mas sua perfeição não trae nunca a angustia da construção, como tantas que escorrem suor e sangue. É, antes, espontanea e correntia, como se saísse feita de dentro do coração com toda a sua impecabilidade. Tam pouco, tropeça em asperezas, que lembram engasgos, nem se soccorre de bordões que tanto alçam essa arte. Pouco se lhe dá a rima rara: basta-lhe que seja exacta e rica.

Todos os trabalhos têm uma marca que, sem embargo dos pontos de contacto com os mestres dessa ourivesaria, accentuam a sua personalidade. É sempre original a concepção. Dos seus sonetos que tenho á vista: *Mão-Dia* é uma paisagem rica de verdade, de côr e de movimento; *S. Luiz* é uma evocação historica com muita propriedade e graça na descripção; *Confiteor* é um admiravel grito de dôr e de resistencia; *Voz do Ignoto* é um primor á Anthero de Quental:

*Mas, de uma feita, a lei indefinida,
Que tem os homens sob o seu poder,
Libertou da materia a alma atrevida.*

*E dispersou—porque não ha morrer—
Pelos mysterios multiplos da vida
A universabilidade de meu ser!*

Essa inspiração não está, de conseguinte, subordinada a nenhuma exigencia estranha: vive á mercê de seus proprios impulsos.

A senhora Rosalina Coelho Lisboa andou bem avisada em mandar para a Parahyba o seu soneto—

INVOCACÃO

A meu Pae

*Eu, que perturbo o heroe na grandeza remota
De um passado de gloria ha seculos sepulto,
Invoco, para exemplo, o teu sereno vulto,
E a verdade reforça a minha voz ignota.*

*De pejea em pejea e derrota em derrota,
Terçaste contra o mal, num sagrado tumulto...
Qual o fizeste, heroe que ennobreces meu culto,
Que eu perlustre da vida ingrata a impervia rota.*

*Tiveste, sonhador, por supremo destino,
—Desdenhoso de gloria ou trophêu ou renome,
O sacrificio a Patria, inutil, mas divino.*

*E eu digo bem do ideal que a mente me consome,
Da altivez que me exalta, ao gravor, paladino,
No broquel de meu verso, o brasão de teu nome.*

Este poema de ternura filial retrata o deste-

meroso republico que, no seu apêgo ao idéal da Patria, encarnou as virtudes antigas.

Seu sacrificio de heroe «inutil, mas divino», creou-lhe um culto devido pela musa que adocou suas derradeiras desillusões e por todos os patriotas.

Seu nome perdurará na memoria de seus valores e, muito mais ainda, na irradiação desse rebento de gloria.

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

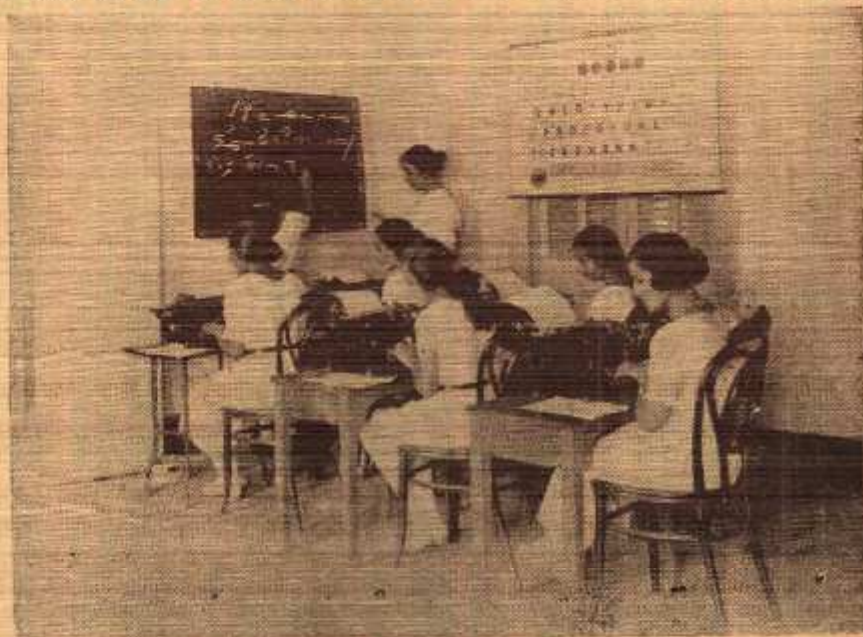
ESCOLA REMINGTON



Illustramos esta pagina com dois clichés das aulas da Escola Remington, a cargo da professora Rosita Brandão.

Se bem que seja de recente fundação, a

Escola Remington já tem seu prestigio formado entre nós e é de esperar que o mesmo não arrefeça pois os seus ensinamentos são, na actualidade, de uma utilidade inconteste.



OS VARIOS ASPECTOS...

ADHEMAR VIDAL

Dum só troço, Cesario enguliu todo café, desbotado e já frio, que a chicara de cem reis continha. Depois, limpando os olhos, muito empenhado, um tanto nervoso, gemeu:

—São os «varios aspectos» da vida de nós homens, meu amigo.

Não podes repeti-los? Acho bastante bizarra essa divisão dos «varios aspectos».

Repita-os, por favor.

—Pois bem, ouça.

Puxou a cadeira mais para perto de Raul, afastou a chicara vazia, accommodou a colher no pires, e passando o lenço de barras violáceas nos lábios polpidos, muito vermelhos e voluptuosos:

—Divido-os em quatro phases, como já lhe disse, e conforme o conto dum escriptor bahiano. São quatro phases em que bancamos, em primeiro lugar, o perú, depois o burro, depois o cachorro, e, por ultimo, o macaco.

—Como é isso? Recordo-me que ao chegar aqui você explicava ao Lourenço a parte referente ao macaco. O principio não ouvi...

—Ouça, então. Para começar: você, por exemplo, atravessa o período consagrado ao perú...

—Eu?

—Ora, é o que lhe digo! Explico-me. Mais ou menos uma época em que se vive á roda das moças, conversando banalidades, dizendo graças, lembrando passagens futeis, criticando falando, vomitando asneiras de toda ordem, inconveniencias até—apenas com o intuito unico de encher tempo e amar essa gente complicada. E' ou não? Vive-se numa eterna procura e offerta ao mesmo tempo. Dia e noite gravita-se em torno daquella que impera directamente nos mandamentos do coração, e também das amiguinhas della, das que podem agir em favor dos reciprocos interesses de ambos... Encantadora phase! Como inspira saudades a boa vida de quem já foi rapaz completo. Banca-se, pois, o perú, tal e qual. Que acha?

—Parece...

—Não senhor, retrato fiel.

—Vá lá...

—Vem após o período em que o homem vira burro.

—Quando é esse?

—E' quando elle se casa. O pobre, feliz ou infeliz, põe ás costas, dum instante para outro, uma carga enorme, carga pesadíssima,

alarmante para quem encherça um palmo adiante do nariz.

—Mormente hoje em dia...

—Vira burro, meu amigo, burro completo, burro maciço, burro para todos os effeitos, burro para todas as situações...

—O cachorro deve ser muito differente, não?

—Ah, nem lhe digo! E' quando os filhos estão crescidos, Você não imagina quantas torturas e inquietações elles inspiram a quem é pae. Crescem e é nesse período, exactamente nesse período que se faz necessaria

PELOS MUNICIPIOS



O sr. Olegario Jaes, commerciante em Catolê do Rocha.

muita vigilancia e um constante cuidado. O homem rosna, então. Não pôde vêr com bons olhos os pelintras approximarem-se, cautelosos e malandrões, das virtudes innumeras das filhas castas,—virgens que fazem a ventura e a despreoccupada alegria do lar feliz.

Rosna, e rosna até o dia de felicidade ou de desgraça em que ellas partem de casa para sempre, embaladas pela rosca illusão, pelas falazes seducções do amor, ao lado dum sujeito, dum canalhocrata, dum exciuo qualquer ou de um homem de bem, o que é muito raro...

Resignado e triste, juntou ás suas palavras exaltadas:

—Você não sabe, Raul, você não pôde saber, pelo menos por enquanto.

—Sei bem, Cesario. Meu espirito não é

tão pobre assim que não tenha forças sufficientes para comprehender tantas angustias de um pae.

—Não, não é a energia espiritual que impera nessas terriveis occasões. São os sentimentos com todos as suas vibrações insopitaveis.

—Assim, hein? Agora vamos ao macaco...

—Finalmente, a gente passa a ser macaco ao chegarem os nettos. E sabe? Banca se o macaco com a maior satisfação e naturalidade deste mundo. Estou nessa phase...

Faço como todo avô. Faço graça para os netinhos sorrirem, carrego-os ás costas, faço-me de «cavallinho», fico, ás vezes, de quatro pés, outra de côcoras, faço cardeas, corro, pinto o sete por traz das portas, nas salas, nos quartos. Riem, ríem gustosamente, com os lábios franzidos como cravos vermelhos, e eu me dou por satisfeito, sentindo nesses bons momentos uma grande alegria no coração e no espirito, sentindo-me a creatura mais venturosa da terra...

—Depois?

—Depois, acaba-se tudo quando se morre ou quando se attinge á idade da decrepitude.

O garçou veiu e levou a chicara vazia com um nickel no pires. Raul levanta-se. Tinha muito que fazer. Apertou a mão sapuda e suada de Cesario e sahio monologando consigo mesmo, perdido na duvida dumas tantas interrogações sem resposta...

O bonde passava. Tomou-o. Ia a lêr qualquer coisa, qualquer retalho de jornal, que tirára do bolso, quando Lourenço, atraz de seu banco, segredou-lhe baixo:

—Mas, Raul, o Cesario é um optimista impertinente. Desconhece que as mulheres não são eguaes. Muitas facilitam, escorregam e cahem... Ferem-se, e sempre ficam alcijadas, perdidas, perdidas para aquillo que é util e nobre aos trabalhos honestos, indispensaveis ao logar onde se deseja o imperio da felicidade.

—Tens razão. Admiro-me muito que Cesario, homem já velho e experimentado na vida, tenha esquecido (ou ignore mesmo) a necessidade inadiavel de accrescentar aos «varios aspectos» uma outra classificação...

—Á moderna?

—Sim...

E Lourenço deu uma gargalhada estridente, alarmando os silenciosos, contemplativos e pacatos passageiros do bonde.



S. Guimarães Sobrinho

SOLILOQUIUM

A SEVERINO DE LUCENA

*Armei-me cavalleiro andante da amargura
Nos areiaes da chimera, onde, poeta, me illudo;
Cedo fugiu-me a crença, a fé, fugiu-me tudo..
Ficou sómente a dor que a vida me entristura.*

*Horas a fio estudo, e, quanto mais estudo,
Menos conheço o mal que tanto me tortura...
Ah, porque, para minha eterna desventura,
Essa ambição do bem no meu destino rudo?!*

*E saber que ainda após a morte continúa
A ânsia de ser feliz, o martyrio sublime,
De sempre trazer a alma de peccados núa!*

*Até quando, Senhor, o fado me transfórmas,
Dando-me a aspiroção, que o espirito me opprime,
De outros planetas, de outras vidas, de outras fórmas?!*

DE PASSAGEM...

XIII

... Ninguém avalia quantos milhões de almas catholicas se movimentam neste ultimo mez do anno, a começar pelo dia da Immaculada Conceição até ás 24 horas do dia de S. Sylvestre.

Desde a meninice vai a gente entrando no conhecimento desse glorioso e festivo passado, com elles e identificand'o, com elle vivamente se impressionando, ouvindo a narração minuciosa e «fiel», feita pelo respeitavel cura d'aldia, pela meiga avózinha, ou por outra pessoa versada no assumpto, como se tivessem a tudo assistido, inclusive ao nascimento do Divino Rabbi da Galiléa testemunhando ao seu primeiro gesto de bondade, sabedoria e bemaventurança.

«Este é o mez da Fecundidade maior, é o mez em que rebenta o germen dos germens—Dalem é o alfóbre, o estábulo, é o sulco de onde irrompe a arvore bem dita do Amor e da misericórdia», conforme dissera C. Filho Netto em uma das suas apreciadissimas conferencias.

Correm os seculos, povoa-se o universo, progride a sciencia, afervora-se a religião, pulsa-se a civilização, mas a humanidade é sempre a mesma, eternamente peccadora e ingrata, incontentavel nos seus desejos, insaciavel em suas ambições, a carregar todos os germens do mal e a propagal-os por onde passa.

O mais velho e o mais lido dos mortacs não será capaz de dizer quantas paginas se têm escripto sobre esse magno assumpto, a evocar um passado que é ao mesmo tempo um misto de alegria e tristeza, reaffirmando as nossas crenças, retemperando a nossa fé:— a crença dos bons e dos dignos, a fé dos justos e dos honestos.

Natal! Natal! Gritem todos, contentes e felizes, como se estivessem habitando o melhor dos mundos, com todas as suas illusões, e a phantasia os prazeres breves da vida, esquecidos de que o Padre Theodoro de Almeida sentenciava que:

«Feliz chamo ao que é menos desgraçado,
E contente ao que menos tem chorado».

... Mas, o que pretendo registar nas estreitez e sensaboria da presente chronica, é esse

habito mullto nosso de se pedir «festas» aos amigos, aos parentes e aos caros padrinhos.

Já vai por duzia e meia o numero de pedidos desta natureza que, em artisticos e delicados cartões, me têm chegado ás mãos, facto que commetto não como uma censura, mas como uma nota alegre e característica dessa



DR. FLAVIO MAROJA (GIL)

época religiosamente historica e respeitosa tradicional.

A questão é poder attender-se a todos os requerentes, despachando favoravelmente todas as petições. O melhor despacho, porém, seria este:—aguarde melhores tempos...

Sem que, entretanto, podisse «festas», recabo até a hora em que encerro estas linhas, os seguintes valiosissimos brindes, remetidos por amigos que me sabem apreciador desses excellentes manjares.—Conferencia de Frei Marcelino de Milão, sobre *Dante Alighieri*, realizada em novembro findo, no Recife; discurso de Julio Pires sobre a *Victoria do Trabalho* pronunciado perante os alumnos do Gymnasio do Recife, em 9 de dezembro de 1921; Conferencia do dr. Pinto de Abreu sobre *A instrução e a sociedade*, no Lyceu de Artes e Officios do Recife; *Educação da Mulher*, discurso do dr. Henrique Castriciano, na Escola Domestica de Natal; *A Febre Typhoide em*

S. Paulo e seu Historico, pelo dr. Emilio Ribas; *Campanha sanitaria contra a ancylostomose*, conferencia do dr. Belisario Penna, pronunciada no Instituto de Hygiene da Faculdade de Medicina de S. Paulo; *Conferencia do mesmo sobre a Prophylaxia do impudismo no Brasil*, pronunciada no mesmo local; *O problema do alcoolismo sob o ponto de vista juridico*, por Adalberto Raynero, Pará. «Sessão magna commemorativa do octogésimo terceiro anniversario em 21 de outubro de 1921 no Instituto Historico Brasileiro, do Rio.

Ora, diga lá o meu «constante leitor» si quem se encontra deante taes iguarias pôde invejar a sorte dos que se locupletam com as especiarías das dispensas commerciaes, correndo ás vezes o grande risco de se ingerir de mistura com o veneno trazido occultamente no seo dos petiscos solidos e liquidos, de cheiro duvidoso e origens suspeitas!

Offereço ao leitor amigo uma provinha das minhas iguarias:

Frei Marcelino, terminando a sua conferencia: «Das cristas dos meus Alpes, dos mares da minha Veneza, envio a ti, Veneza brasileira, na estrophe alada do amor fraternal, todos os effluvios de minha alma agradecida».

Do discurso de Julio Pires:—

«E' na forja das luctas e das afflições, que abatem tantos homens fracos, que o homem forte se apura, que a sua vontade se fortalece, que a sua coragem se enrija».

Da conferencia de Pinto de Abreu:—

«Ser, a ninguém é dado dispensar os beneficios da instrução, por modesto que seja o papel no scenario da vida. Ha talentos espontaneos, precocidades assombrosas, irrompendo da multidão anonyma, como a lympha da rocha bruta».

De Belisario Penna, campanha contra a ancylostomose:—

«A ancylostomose ou uncinariose (opilação) é a doença mais espalhada no territorio nacional, podendo-se affirmar com absoluta segurança que nem uma só região do paiz escapa aos seus graves maleficios, e que ella é ao lado do impudismo, a causa maxima do triste labro de indolente, com que o ferreteado a nossa população rural».

De Henrique Castriciano, discurso no Escola Domestica de Natal:—

«A Liga de Ensino tem por principal objectivo o preparo da dona de casa e lamenta que a intensidade da existencia moderna obrigue não raro a mulher a trocar os mistéres do lar pela officina, pela burocracia e outras extraneas».

Adalberto Raynero:—Duvido de que se extirpe o vicio da embriaguez conservando-se as prateleiras pejudado de garrafas.

ERA NOVA

MAIS UM ANNO...

Joaquim Inojosa

E agora dirá o leitor amigo, a quem, por minha vez, desejo boas festas, em simples cumprimentos si tenho, ou não, sobejas razões, de preferir esse *Plum-pudding* tão compatível com a minha sobriedade, aos descomedimentos e intemperança de muitos!

GIL

CURIOSIDADES

A título de curiosidade damos publicidade aqui ao interessante prognóstico do sr. Pedro A. de Farias, adjuncto de promotor da villa de Taperod.

Essa curiosidade foi-nos enviada por um particular amigo com a devida permissão do auctor para darmos-lhe publicidade por estas columnas.

O Prognostico di anno di 1922

O Astro Sol para o anno,
E' quem passa a governar,
Com Seu poder Soberano,
Pela ordem matinal.

Envernoso e criador,
Pela Sua gerarchia,
Anima os gricuhor,
Assim diz a Astronomia.

Sendo dos setes Planeta,
O Astro rei imperante,
Traiz sempre boa colheita,
Com seis raios fulgurante.

Parece ser natural,
Deve haver milho e feijão,
Sendo em todo litoral,
Boa safra de algodão.

Quando o Astro Sol governa,
Traiz sempre muita esperança,
De haver chuva na terra,
E tudo com abundancia.

Comadre Dona Sinházinha,
Noticias lhe mando dar,
Morreu sua afilhadinha,
Este meu anjo do lar.

Faz hoje quarenta dia,
Que foi ella sepultada,
Grande lembrança da familia,
Pelas as saudades deixada.

Ella era um astro que nasceu brilhando,
Era uma santa que soffreu sorrindo,
Um passarinho que viveu cantando,
Era uma rosa que morreu si abrindo.

Ella era um anjo que voou brincando,
Uma harmonia que cessou subindo,
Uma alma pura que existiu amando,
Um sonho atrege que extinguiu-se lindo.

Ella era das flôres o perfume infundo,
Ella era das brisas o sussurro brando,
A fé mais pura que do céu tem vindo,
Desta mesma forma foi ella espirando.

Pemeridez já morreu!
Fimôsse a minha alegria
Este sofrimento he meu
De Pedro Alves de Faria.

Villa de Taperod, 10 de Novembro de 1921

PEDRO A. DE FARIAS, adjunto promotor.

Si cada homem, ao fim de cada anno, se interrogasse: Que fiz eu? poucos responderiam ter feito alguma coisa. Nada fiz! nada fiz! seria a resposta fatal, o grido da consciencia revoltada contra si propria e contra a fraqueza humana.

Si os que, á luz do dia ou á claridade da luz, conjugaram o verbo amar com todas as ardencias da imaginação, alando-se ás regiões idéicas de erotismo inconsciente, derem habãoço nos factos passados, ilagirão o amor ephé-

rependidos talvez da inercia durante os mezes idos, apothéosam os que chegam com a indifferença estúpida do tempo e a concessão bemfazeja do calendario.

Os velhos recordam idades remotas, e, com o mais pallido riso de sarcasmo nos labios, pasmando a vista na nova aurora, zombam dessa juventude cujo entusiasmo saborá de futuro ser pura illusão. A descrença invade-lhes o espirito e o arrependimento os acobranha.

E dizem: Ah, si me voltasse a mocidade não morreria eu como simples anonymo, tantas obras de valor realizaria!

Todos os velhos assim o repetem:

O tempo é que corre com o desdem de sempre. Os que o souberam aproveitar têm a recompensa de fructos saborosos da realidade de nuvens cor de rosa; os rotineiros choram pervagando em campos estereis e desertos...

Si se reflectias em tempo que o tempo não volta mais, realizar-se-ia no minimo possivel o maximo da obras. Então o proprio tempo saberia recompensar a voz dessa sua serva que é a historia.

A illusão, porém, constitue o jardim florido e aromatico da vida: nelle entra sorrindo a mocidade; para sahi quando as flores enmurchecem e não ha mais sopro divino que as reanite.

Passa-se um anno; a natureza transforma-se; age brutalmente todos os dias. Olhem-na: não conhece calendario mas trabalha sem cessar. E' a eterna fabrica onde se encontram todos os artigos, desde o licor dos deuses para as portas embriagados de imaginação ao alimento do organismo humano.

Não o homem accumula cada anno obras para o anno seguinte; e nunca as realiza.

E' que, para vivermos, ante os esplendores e a luxuriância da mãe-natura, não trabalhamos a terça parte do que trabalha uma formiga.

Todos deviamos ser mais ou menos formigas e abelhas. Infelizmente á humanidade pertence a maioria de cigarras. Je tanto pouco harmonioso hymnando a ociosidade e roubando das formigas e abelhas o seu trabalho e o seu sustento.

Mas os annos passam...

E um anno que passa é mais a' a illusão que fica, a realidade que se approxima com a tunica de Nessus para envolver os mais satisfeitos de viver, um pouco que cresce do cypreste sob o qual repousarem os um dia...

Porque recebemos em festa o mez de janeiro? Deviamos festejar fevereiro que, aborrecido ou envergonhado, resolve findar antes dos trinta dias.

Não se explica a eterna contradicção da na-



Joaquim Inojosa

mero como o fumo em espiral; amar sem mentir verdadeiro paradoxo, e que, portanto, os 365 dias levaram-nos a mentir.

Os estudiosos, com os olhos cavados de longas vigílias, hourindo em paginas incandescentes sabedoria e enlevo, convencem-se de nada haver apprendido no complexo das sciencias hodiernas, arrasados como são os espiritos á perturbadora e dispersiva vida mundana, sem o silencioso recolhimento que conduz á reflexão e á victoria pela intelligencia.

Os commerciantes, os utilitaristas, na preocupação azafamada de multiplicar chelpa, lastimam haver feito pouco relativamente ás ambições que os guiam em geral e ao desejo ardente de poderio e dominio.

Os moços idealizam cousas futuras, tracejam no espaço da imaginação enorme quadro a palmilhar no anno seguinte, e, cheios de fé,

tureza: todos os dias repetem-se na terra as mesmas desgraças, vertem-se as mesmas lágrimas; esmolam uns e são immolados outros, entretanto as manhãs surgem na polychromia das mesmas apothéses, na soberbia dos mesmos encantos e no défilé dos mesmos sorrisos.

E dizer que o homem, causador das desigualdades da terra, poderia, com o assombro de sua intelligencia, realizar tantas obras quantas fossem necessarias para a sua gloria, e o não faz!

«Tudo é obra do orgulho humano, escrevia Machado de Assis, que pensa aperfeiçoar a natureza quando infringe as suas leis mais elementares».

O annoahi vem com as mesmas estações do anterior. A esperança é que trará a felicidade que este não trouxe. Um expira exangue, o outro surge com o colorido natural das grandes galas.

Desconhecemos o que traz em seu seio; mas a humanidade possui uns tantos habitos reveladores de sua enorme fluctuancia de espirito: vezou-se, por exemplo, a maldizer de todos os annos que surgem. Estes possuem já a certeza de serem, como os outros, odiados no fim da caminhada, e por isso pouco beneficiam.

O culpado és tu, homem, pois o tempo, em sua vertiginosa carreira, desconhece privilegiados pessoas. Em tuas mãos está o ser ou não feliz. Pensas zombar do tempo e elle zomba de ti: os annos se despedem com gargalhadas sarcásticas e expressões de caveira. Levanta-te; ali surge um novo anno. Lembra-te nada fixe te nestes doze mezes enfadonhos, enche-te de coragem; aproveita as occasiões. Si assim o fizeres esquecer-te-ás do que vem para agradeceres em festa ao anno a desaparecer. Não trepidas: as grandes victorias valem tanto mais quanto maiores forem os obstaculos a vencer e mais renhidas as batalhas, por que as obtêm. O teu valor está na razão directiva da tua fucta pela vida. Abandona esse desejo de ver os dias passarem-se, na ociosa esperança de a ventura no dia seguinte. Escreve sempre algo de novo, de proficuo, no livro de tua vida. Não esperes, como Eudymion, que Diana te venha acordar, nem, como Sisypho, te sujeites ao supplicio de rolar a mesma pedra. As serpentes de Laoconte procuram sempre envolver-te; reage contra ellas; vence-as. Trabalha, homem, causador de todos os males, trabalha todos os dias, e lembra-te sempre que isso de anno é u'a questão de calendario que a natureza desconhece.

Exposição do Centenario da Independencia

E' obra de patriotismo mostrarmos na grande Exposição do Centenario, a se realizar no Rio de Janeiro, em 7 de setembro de 1922, o adiantamento do nosso Estado em todos os seus ramos industriais e com os elementos de que dispõe para o incremento e expansão do seu commercio.

PHASE DE REALIZAÇÕES NA PREFEITURA

A primeira mensagem do sr. dr. Guedes Pereira

Na primeira sessão da ultima reunião do Conselho Municipal, que teve lugar a 6 do corrente, o illustre sr. Guedes Pereira, prefeito da capital, procedeu a leitura da sua primeira mensagem, dando conta aos representantes do povo das occorrencias do municipio desde sua posse até aquella data.

Anno certo de allizers o primeiro da



administração municipal Guedes Pereira. Trabalhos e mais trabalhos tiveram inicio nesse curto lapso de tempo, dos quaes alguns já terminados estão attestando a capacidade administrativa do actual detentor do executivo do municipio.

A mensagem do sr. Guedes Pereira é um documento desprovido de litteratura, hoje em voga em documentos semelhantes dirigidos por administradores pouco conscienciosos aos delegados do povo. A sinceridade traduz se em todos os topicos do documento a que nos vimos referindo; trata da execução de obras de vulto sem a exhibição tola das qualidades administrativas do seu creador, como fazem alguns outros avulsos da criação de um

nome que o recommendasse a empregos elevados. Nella vê-se a independencia com que o sr. Guedes Pereira age na Prefeitura, sem alardear.

Como se pôde observar da leitura da mensagem, o sr. Guedes Pereira, no primeiro cargo publico que exerce, revela-se um administrador operoso, possuindo, além disso, tal dosagem de criterio como homem publico e particular que é de causar estranheza nesta época de aviltamento do caracter em que os triumphadores são os desprovidos d'elle.

A capacidade administrativa do sr. Guedes Pereira já era de todos conhecida na direcção dessa meritoria instituição de caridade que é a Polyclínica infantil, já de si bastante para recommendar o seu fundador á admiração e estima de um povo.

Felicitando ao illustre sr. Walfredo Guedes Pereira pela optima impressão que causou no espirito de todos a sua primeira mensagem: «Era Nova» faz votos por que se a possa levar a bom termo a execução do completo programma que se traçou.

Para conhecimento dos nossos leitores publicamos hoje a substanciosa mensagem que muito diz da competencia do sr. dr. Guedes Pereira no desempenho do cargo que lhe foi confiado.

Fazem-se as mulheres para o amor.

Tem-se depois grande cuidado em lhes impedir o uso. E' preciso convir que somos simplesmente inconsequentes!

As mulheres amam, em proporção á sua virtude. Em uma bella alma o amor se aprofunda e faz as maiores devastações; passa ao de leve pelas almas corrompidas.

A virgindade é uma poesia que não existe para todos.—P. L. Mouraz.

A mulher coquette procura adoradores, a mulher seria busca amigos. A primeira não consegue quasi sempre nada e a segunda alcança geralmente o que a primeira não obtém.

A uma mulher seria é uma cruel injuria manifestar-lhe ciúme; á uma mulher galante é fazer-lhe muita honra; e á uma coquette, é collocal-a no melhor joço.

CORIOLANO DE MEDEIROS

A AMÉRICO FALCÃO

PAGINA

ANTIGA



Caro Americo Falcão,
Velho amigo idolatrado;
Deste meu peito o vulcão,
Deita lavas do passado.

Sob este sol triumphal
Do n. sso mez de Dezembro,
Nestes dias do Natal,
De quatta cousa me lembro!..

Estamos de ventre oblongo,
De cabellos alvejando;
Nosso nariz fica longo
E a bocca vai se afundando.

Quasi velhos .. insoffridos
A caminho do poente -
Olhamos os dias idos
De costas para o presente!...

Não têm graça, digo a ti,
Os versos que vou traçando:
—O velho quando sorri
Parece um moço chorando

Por isso não rio agora,
Tomo attitude serena
Lembrando os tempos de outr'ora
Em tua calma Lucena...

A's vezes, da noite em meio,
Ao rumor dos vendavaes,
Eu sinto o ouvido cheio
Da solfa dos coqueiracs;

Outras vezes divagando
Neste doce recordar
Contempro a brisa ameigando
A furia immensa do mar;

E vejo as ondas revoltas
De exclamações pontilhadas;
Correndo de villas soltas
Jangadas em pós jangadas;

E a lua? mimosa oblata
Que no infinito desmaia,
Com seus cabellos de prata
Vartendo as dunas da praia;

Tenho n'alma as serenatas
De modinhas e canções,
E as singulares tocatas
A flautas e violões;

Em dolencias tu dizias
Fitando a criste umbela
A moda de Antonio Elias:
«Sunhei contigo, donzella»;

E o Arthursinho choroso
Numas toadas tristonhas
Cantava, todo amoroso,
«Geníra, talvez supponhas»;

E o Zé-Miguel que soprava
A sua flauta dolente
Que ás vezes suspirava
A's vezes ria contente,

Foi um concerto vibrante
Certa noite concertar,
Com a rabeca chiante
Do m'rrado João Guiar;

Era em frente das «Pallhinhas»,
Ao rubor de um lampeão,
Onde oito pastorinhas
Dansavam de pés no chão;

Paredes, a rir, deixou
A sua tristeza stóica
Quando a pastora gritou:
—Não sei dansá esta póika!

E o nosso Esperidião
Todo serio, recatado
Já tinha geito e acção
De um velho magistrado;

Da memoria eu não perco,
Nem o Zé por onde está
Esta phrase: «Seu Americo
Quero amenhá armaçá»!!...

E o Neves, o passarinho,
Todo escovado, contente,
Com aquelle sorrizo-inho
Dando rasteiras na gente;

E o Tonho, teu sobrinho,
Que inda falar não sabia,
Muito gordo, vermelhinho
Ao nosso grupo seguia;

De longe, desconfiada,
Nes sorria a Joanninha,
Botão de rosa espontada
Sob a saizugeni marinha!

Que verde e suave olhar
O do major teu padruho
Coração d'ouro, sem par
Num peito todo de arminho!

De Octavio, Nanô, Nozinho
Como estou a recordar:
—Saudade, não és espinho,
E's flôr a desabrochar!

E o depois desditoso
Poeta Lyra Falcão,
Pequeno, todo nervoso
Appendendo violão!...

E a roda do carro avata,
Que sorte das cousas, varia!
A' sombra da caçara
Servindo de secretaria;

Nella foi que se rimou
A parusca poesia
Que o nome celebrou
Da Aguia da... alegria!

E em torno dessa roda
Commentava nossa claque
Que então estavam em moda
Os sogros de cavagnac!..

Preito de funda saudade
Na minh'alma se entranhe
Rememorando a bondade
Da velhinha tua mãe!

E nessa quadra em que só
O prazer desponta e medra
Eu era «nião «Curio»
E tu, «Gigante de Pedra»!

Depois o tufão dos dias
Que tão rijo nos soprou
Desfez essas alegrias
E um a um nos dispersou.

Pelo viver iracundo,
Cada qual por onde erra?
—Uns pela face do mundo
Outros no ceio da terra!

Porém jamais esqueçamos
Essa pagina querida,
Flores seccas que deixamos
Pelo caminho da vida!

HOGOCAUSTO

Jardim antigo. Grupos de escultura pagã. Ao fundo da ilha tortuosa, um Amor, em bronze, vindo da sua malhada de pequeno deus despeja do arco distenso a trécha ervada que envenena os corações. Chibões mancham de sangue os conteiros em fiôr e violetas e manacãs, miço occultas na alfombra, insinuam no ambiente, espiritualizado pelo mysterio da hora vespéral, um perfume subtil de essencias esvanecidas.)

—A'mas lo?

—!? . . .

Sim, dize, confessa! Já me não pôdes dissimular a verdade: o timbre estranho da tua voz, quando lhe pronuncias o nome, a lividez de cicio com que o recebes, as lagrimas silenciosas que te heil surprehendido, tudo, tudo denuncia-te! Ha muito suspeitava eu da gehenna que te vae n'alma. Tu o amas, pois, não é verdade, minha querida LELIA? Occulta-me os teus sentimentos, occultaste los desde o primeiro instante, criminosamente, e deixaste que se conjugassem as nossas almas no laço eterno do affecto enternecido que nos votamos. Por que o fizeste? Não tinhas, acaso, o direito de confessar o teu amor? Não te amava elle? Embora! Ao menos não se crearia em mim esta paixão delirante—lamma escandecida que tu tens abrigado com a tua solicitude, que tu tens avivado com o teu carinho, como se procurasses na nossa ventura maior o agravamento do teu supplicio ind-scriptível. Como nos fizeste infelizes! Nas vespéras de me unir a PAULO, por toda a vida, sob a benção de Deus e o assentimento da sociedade, a revelação incontinida desse immenso e doloroso holocausto! Sacrificas e te, e lançaste na krátère desbordante de venturas que apenas começávamos a relibrar um fél cetero! PAULO, o meu PAULO, nunca será meu, exclusivamente meu! Os seus beijos terão o saibo amargo de uma traição, porque uma bôcca sofrêga fica orphã d'elle, a ansiar eternamente por elles. . . Nas nossas horas de encantado enlêvo, de embevecido esquecimento—momentos de beatitude e de extasis que provoca o excesso de felicidade—não o poderei fiar sem a visão allucinante da tua ventura perdida para todo o sempre. . . As nossas lagrimas de alegria misturadas são as tuas de desespero mudo, da dôr inconfessavel. A torre reclinbrante do nosso Sonho, tão anciosamente idealizada, surgirá do mural da tua desventura suprema. Oh! é horrivel! Como somos desgraçadas, minha irmã!

LELIA deixou-se resvalar, lentamente, do banco de marmore sobre o saibro micante. Passou em LUCIA os olhos profundos, ennevoados de lagrimas, em que se reflectia, como

numa toalha de aguas remoradas, o brilho tremulo das primeiras estêllas, tomou-lhe as mãos ambas, e repetiu num cicio:

—Como somos desgraçadas!

E deixou tombiar pesadamente a cabeça sobre o regaço da outra, numa attitude de anniquilamento. LUCIA inclinou-se e beijou-lhe os cabellos revólitos, num tumulto de filandras negras. Abraçaram-se commovidas. E para os altos céos suspirou, num grande soluço angustiado, um côro de supplicas e perdões.

Houve uma queda, rapida da luz—último estertor do sol moribundo—e o crepusculo desceu, muito passo, dissolvendo as côres,

TROVAS

Que funda tristeza a minha!
N'gro p-zar me enlaçou!
Um rio de amor que eu tinha
Verão ingrato seccou!

Moça que tinge de côres
O rosto, perde a beizeza,
Por isso morro de amores,
Pela gentil camponeza.

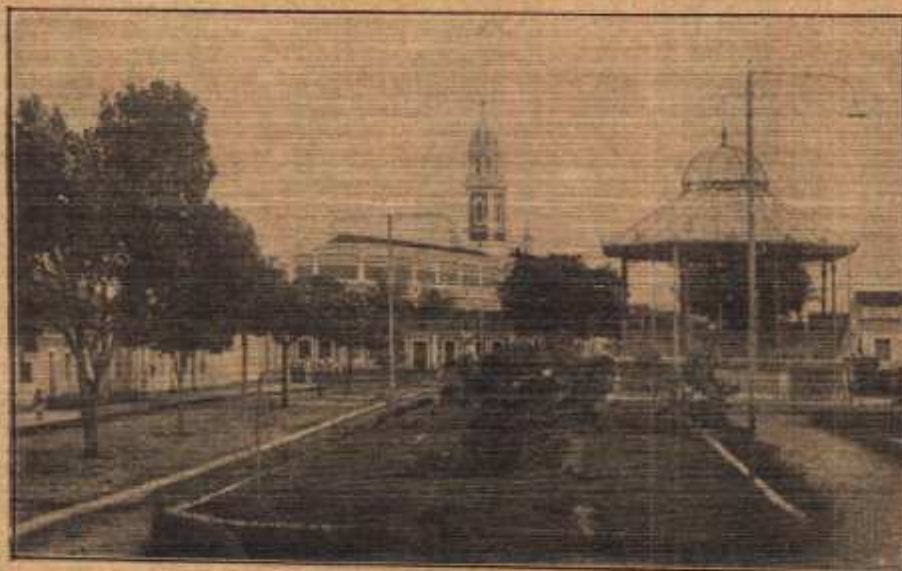
Camponeza felicicira,
De cura e cuidados meus:
Eu daria a vida inteira,
Por um sorriso dos teus!

Um dia te vi no banho,
Num rio claro e sereno . . .
Senti um prazer estranho,
Vendo-te o corpo moreno.

Passo torturas penosas,
Vivendo na capital . . .
Ai, camponezas formosas,
Da minha terra natal!

Oaclar

EM ITABAYANNA



UM TRECHO DO JARDIM PUBLICO

esfumando os contornos, até envolver as coisas numa bruma de oiro e cinza. Bele e—Ruit celeste—começava, no alto, a séga das pavelas luminosas das estêllas. . .

LEOPOLDO PERES.

LEOPOLDO PÈRES é uma formosa revelação de artista que, com a sua alma de privilegio e a sua sensibilidade de requintes, dá agora ao meio intellectual do Rio o mais brilhante attestado de que no Amazonas de oncé tudo abalou fugindo numa desconfortadorn aphyxia ambiente, vae e lucta, che a de altos anseios, uma brilhante e luzida geração nova.

A paciencia é a coragem da virtude.

Amigo reconciliado, inimigo dobrado

Os beneficios fazem amigos, a verdade inimigos.

OS BANHOS AROMATICOS — Estes banhos estão cada vez mais em moda. São bons e produzem salutar effeito. Para preparal-os, emprega se quasi sempre os alcoolatos aromaticos que podem, sem inconvenientes, ser associados com o sabão ou com os bons cremes perfumados.

É preciso, porém, evitar a associação do sabão empregado com os vinagres que os decompõem e deixam livres os acidos gordurosos.

Muitas vezes esses banhos são preparados por meio de infusão ou decoção de plantas aromaticas; e neste caso, são considerados como tónicos e estimulantes, e é que o n'ém sabão ou materias alcalinas são sedativos ou resolutivos.

A VOZ DO FAGUNDES

—Ora, seu Fagundes, cante alguma coisa. O senhor, *necessariamente* ha de saber qual-quer modinha. Era o apello que ao Fagundes faziam as tias da sua noiva, também presente no salão. Apesar de influenciado pelo meio profundamente musical, onde uns tocavam piano, outros, flauta, outros, violão, elle re-luctava. E fazia muito bem. A natureza lhe negara os dons artisticos mais elementares. Em creança, as rodas do seu carrinho eram mais ou menos quadrangulares. Na escola primaria, experimentara o desenho e todas as tentativas saihavam de um modo lastimavel. As mães que fazia, todos achavam parecidas com laranjas.

Quando ia dar lições de solfejo, a porta enchia-se de collegas, attrahidos pela sua desafinação phenomnal.

Quiz aprender flauto, e passou quasi um mez para tirar a primeira nota — o *ré*. A conselho do mestre desistiu. Aos 18 annos, tentou dançar—outro desastre. Relembrando, agora, todos esses insuccessos, o Fagundes recusava-se a attender ao pedido amavel e lisongeiro das tias de sua noiva, que, insistentes, não se davam por vencidas.

—Tenha paciencia, seu Fagundes cante alguma coisa. O senhor, *necessariamente*, ha de saber qual-quer modinha.

A' falta de assumpto, ao apello das tias se juntavam ainda os da futura sogra, das outras filhas e de mais duas moças da vizinhança. E todos, por fim, pediam quasi em côro:

—Vairos lá, seu Fagundes, cante, cante n'á modinha. O certo é que a resistencia ia-se lhe afreuxando pouco a pouco. As suas recusas, agora, não eram já tão precisas e terminantes como no começo. Sentia-se lisongeadado. Era a primeira vez que via tanta gente confiar em sua voz, em seus dons artisticos. A lembrança do passado, dos caprichos da natureza, já não o atormentava tanto. A capitulação não tardaria muito. Com excepção do seu futuro sogro, homem de poucas falas, sentado no sofá, a um canto do salão, que se conservava silencioso, tudo mais appellava para a voz inédita do Fagundes. Os moveis, as jarras, as fiões, pareciam palpitarem de ansias e desejos canoros.

Por fim, a noiva, dando ao olhar um certo brilho e ás palavras uma doçura extranha, falou por sua vez:

—Ora, Fagundes, não te faças rogar. Canta, canta qual-quer coisa. Eu acompanho . . . E, certa da victoria, foi sentar-se ao piano. A ultima resistencia desappareceu. O Fagundes, pallido e commovido, abriu a bôcca:

*P.sadas trevas humidas cahiam,
E o castello real silente estava.

No fundo do carcere, gemendo,
O prisioneiro, o pagem murmurava:

A' primeira seguiram-se a segunda, a terceira estrophe, até o fim da canção. O trovador parecia electrizado. Todos bateram palmas.

—Que encanto esta modinha do pagem!
—O senhor, *necessariamente*, sabe outras, seu Fagundes; cante mais. O Fagundes já não fazendo a menor cerimonia, abriu de novo a

dinhas. As tias, sempre amaveis, recommecam:

—Ora, seu Fagundes, cante alguma coisa. O senhor, hoje, *necessariamente*, ha de cantar de novo "O pagem". Gos ámos immensamente da "Stella", A Quindinha nunca mais se esqueceu daquelles versos:

"Tens olhos são negros, negros
Como a noite sem luar"

—Vamos, Fagundes, começa pelo "Pagem"

MARIA

Que suave encanto esse teu nome encerra . . .
Que perfume e poesia!
Nome mais doce do que o teu, na terra
quem pronuncia?

Teu nome é para mim eterno idyllo.
Tem aroma, tem expressão e sabor . . .
Ouço em tudo o teu nome neste exilio
da minha dôr! . . .

Na hora da paz e da tristeza,
em que tudo é dormente,
e a Natureza
resona dolorosamente,

ouço da ventania,
vindo da voz dos sinos soluçantes,
o teu nome de amor e de melancolia.
Teu nome anda também na voz de aguas errantes . . .

A voz dos sinos tem expressão commovente
e dolente, dolente
erra no espaço azul, na abobada deserta . . .

Minh'alma está deserta
e a Saudade me vem doirada de poesia . . .
Que hora triste e feliz, a hora da Ave Maria!

SILVINO LOPES

bôcca, e cantou: "Teus olhos são negros, negros . . .", e mais "Que noite! O plenilunio . . .", e mais "Cahi do céu uma estrella . . .", e sempre com applausos e palmas sempre.

Estava radiante. Nunca lhe passára pela mente que cantava tão bem!

O que, no entanto, não o deixava de desconcertar um pouco no meio da sua gloria lyrica, era aquella impassibilidade glacial do futuro sogro, calado como um tumulo.

Dois semanas mais tarde, outra reunião em casa da noiva do Fagundes. Contam-se casos. Generaliza-se a conversação, que vem por fim a cahir novamente sobre poesias, cantos e mo-

acrescentou a noiva, com aquelle olhar e aquella voz irresistiveis.

O Fagundes, pallido e commovido, agitou-se na cadeira. Era como que o signal de entrada. Ia já abrindo a bocca, quando o futuro sogro, levantando-se inesperadamente do sofá, o interrompeu:

—Fagundes, és capaz de fazer-me um grande favor? Pego-lhe, pego-lhe por tudo, mas é para não cantar . . . E retirou-se immediatamente do salão.

O Fagundes, mais uma vez fulminado pela natureza implacavel, antecipeou o casamento e nunca mais cantou em sua vida.

PHYSIONOMIA DE URBIS

FLORENÇA

Escrevo eu daqui, do centro fecundo das artes, deste ninho de genios que por si só daria para illustrar toda historia gloriosa do paiz. Florença é uma especie de Athenas moderna, como já dissera ha muito um dos seus maiores filhos.

Cidade augusta pela historia, pelos monumentos, pelos museus e pelas suas interminaveis gallerias. É circumdada de maravilhosas collinas, adornada de passeios magnificos e, nas épocas primaveris, recebe a alegria canicular de um sol abrasador, que mais parece dos tropicos. Em conjuncto, a cidade, com suas praças e vias que marcam trechos gloriosos da historia, perpetuando a tradiçào dos tempos idos, dá-nos ao olhar uma impressào suave de poesia. De tal arte, que tudo parece harmonioso e delicado, feito por uma especial disposiçào da Natureza.

A sua populaçào á primeira vista se nos assemelha calma e ordeira, sem esses furores tempestuosos de revolta que diariamente se registram. Tão enganadora é a apparencia, que a principio cheguei a descrever das noticias frequentes dos jornaes.

Na tarde do meu segundo dia aqui, sentado á mesa de meu café, o espirito fazia-se-me interessado, a pensar na realidade destas opposiçõs. Mas, ainda bem não se me fundara com a analyse introspectiva, ouço em torno portas que batem precipitadamente, gente que se agglomera, confusão, policia e uma meia hora após, toda cidade em *pê de guerra*.

E assim, quanto mais me fui identificando com as coisas de cá, tanto de extraordinario me surprehenderam. Um só dia não ha em que fascistas e communistas não andem ás escaremuças, resultando sempre mortes e ferimentos. De modo que, não sendo em films cinematographicos, fôra aqui que pela primeira vez, viera eu a conhecer em sua fórma authentica, os infernaes tanks de invenção norte americana, exercendo contra o povo, em pleno centro da cidade, a sua inconteslavel autonomia.

..

Logo que cheguei á terra de Dante, a minha preocupação voltava-se quasi exclusivamente para uma só coisa: encontrar o Consulado Brasileiro. Envidei todos os esforços que estão ao alcance de um estrangeiro, junto á secretaria do Hotel, auxiliado pelas informaçõs dos catalogos.

Após incessante lucta, conseguira por meios indirectos dar com a direcção do nosso consulado, que é ao mesmo tempo de San Marino. Finalmente, respiro um tanto satisfeito, antegozando essa natural satisfação de quem, após longos dias de completo isolamento, sen-

te-se avizinjado a um pedaço do paiz com os ouvidos sequiosos da caricia do idioma.

Na manhã seguinte, com a mesma preocupação anterior arraigada no pensamento, parli em demanda da via Cerretani, precisamente ás nove horas, com o fito de aproveitar todo o expediente, que se prolonga até onze. Pouco depois, eis que se me depara ao longe tremulando ao vento, do segundo andar de um prédio, a bandeira do Brasil. Pareceu-me alegre e communicativa, como que a falar em uma linguagem somente por mim comprehendida.

Emfim, cansado e satisfeito, chegara eu ao



O Sr. CASSIANO NOBREGA

Academico de medicina

nosso Consulado, onde fôra recebido pelo porteiro, um velho florentino que nunca ouvira falar-se o portuguez.

Soubera então não se achar em Florença o consul, mas que não tardaria o vice, seu substituto. Effectivamente, quinze minutos mais ou menos chegava elle.

Aproximámo-nos, e lhe eu fui explicando os motivos da minha presença alli. Necessitava naturalmente auxilios do consulado, para tratar de certas e determinadas incumbencias. Mas, ainda bem não findara a phrase, ouço-o dizer-me um tanto surprehendido: *Io non parlo lo spagnuolo!* Situação terrivel. No entanto, quando del por mim, estava como que cadaverizado dentro da propria roupa.

AMBIÇÃO

Pobre, só, ignorado, no meu ermo,
no deserto de minha solidão,
meu torturado coração enfermo
ralava se, invejoso, de ambição.

Ambição de ouro facil, a mancheias;
de renome, de gloria, de poder;
de predomínio omnimodo, sem peias;
de amar, de ser amado; de vencer...

E venci. Pelo esforço da vontade?
pelo bem? pelo mal? Nem mesmo sei.
Venci. Tanto bastou para a vaidade,
para o orgulho supremo que me dei!

Venci. Tenho os mil gosos opulentos:
riqueza quanta quero e me é mister,
fausto, amigos aos centos,
e gloria, e amor, e beijos de mulher...

Tudo. Os mais altos sonhos da cobiça
vejo-os realizados, um por um:
a fortuna inconstante, a mim submissa,
não foge de servir-me instante algum.

E agora, ao cabo de victoria tanta,
farto de orgulho, satisfeito, a impar,
heis de suppor—ingenuidade santa!
que nada mais me resta ambicionar.

Cegos que sois, cegados pelo fumo
do proprio incenso falso que queimais!
Cegos e ingenuos! Nescios, em resumo!
Nescios que sois, se o crêdes! Nada mais.

Eis-me subido ao pinacolo, ao fastigio?
Certo. Amigos, renome, ouro, esplendor,
gosos: desde a vangloria do prestigio
ás delicias edenicãs do amor,

nada me falta? Certo. Nada falta
dessas mentidas pompas e europeis!
Raspei-me a crosta rutila: resalta
o imo negror das decepções cruéis!

Amigos?... Triste hyperbole irrisoria!
Vamos ser hoje francos entre nós:
sois commigo, a applaudir me na victoria,
porque também commigo vencis vós!

Poder?... Velha palavra sem sentido
ou, se acaso é forçoso definir,
represalia illusoria do opprimido
que se põe a opprimir.

Gloria?... Estimulo á inveja, ao dente frio,
ao colmilho das coleras anãs,
corpulencia bovideã em desafio
á pequenez ridicula das rãs.

Amor?... Quem, no delirio dos desejos,
presa de seus tentaculos subtis,
distinguirá, pelo sabor dos beijos,
os sinceros dos vis?

Riqueza?... O baixo incenso da lisonja
tanto corrompe as vezes o meta!,
que o ouro toma o feitiço de uma esponja
que absorve o bem, mas só poreja o mal.

E suppondes-me farto e contentado?
Nescios! resta-me—ainda uma ambição:
voltar á vida humilde de ignorado,
no deserto de minha solidão!

VIDA DE IMPRENSA

REMINISCENCIAS

VI

Desde que eu ouvira aquéllas palavras do official, ficara-me a *a mosca na orelha*. E minhas *conclusões* eram estas:

O *Republica* fazia opposição tenaz ao governo: a folha era um háluate a despejar metralhas contra o dr. Prudente de Moraes e seus auxiliares de administração.

Imagine-se um jornal feito na flamma ardente de espiritos como Quintino Bocayuva, Manuel Victorino, Alcindo Guanabara e Barbosa Lima—para não falar nos outros—homens educados na escola politica do marechal Floriano, cuja bravura civica e militar ficará perpetuamente na historia deste paiz; imagine-se que fervilhamento de suggestões insinuativas ao animo do povo, que florescimento de idéas, que energia de attitudes, que demonstrações de civismo!

O exercito não era infenso ao *Republica*; mas a fatalidade do erro de Bispo, cujo tiro homicida, ao em vez de attingir ao dr. Moraes, matara um illustre general do Exercito—essa circumstancia nem podia deixar de modificar a disposição de animo dos illustres militares. E o *Republica*, a meu ver, estava naquella dia condemnado ao exício...

Depois do jantar, ainda quasi de dia, entrei na secção dos revisores e disse para o chefe do serviço:

—Hoje não trabalho...

—Por que, então?

—Porque não tenho minhas costas para sobre...

—Ora! o sr. está sonhando...

—Antes eu estivesse sonhando: estou bem acordado e não tenho duvidas de que isto hoje vai ao entulho...

—Pois bem: eu o substituirei no serviço.

—Boa noite! conclui, descendo a longa escadaria do edificio.

Não fui para muito longe: fiquei alli bem perto, no antigo *Café do Rio*, onde pedi-me servissem uma limonada. Seriam, então 7 horas da noite.

Muita gente na rua. O salão do *Café do Rio* regorgitava. Ouviu-se a aproximação de uma patrulha de cavallaria de policia. Os commentarios vôaram de bocca em bocca...

Ainda não tinha eu acabado de ingerir a limonada, quando se ouviu a crepitação irritante de vidras estilhaçadas... E toda gente gritava na calçada do *Café*: «Quebraram o *Republica*! quebraram o *Republica*!»

Não me alterei, mesmo porque já o esperava.

Passados os mais fortes rumores, serenados por um pouco os gritos do populacho, sahi

do *Café*, para me informar mais de perto: fôra mesmo o diabo! Tudo, lá dentro, arrebitado: o pessoal procurou salvar-se por varios modos, tendo havido quem, pelos fundos do predio, se passasse para o edificio do *Jornal do Brasil*: à rua Gonçalves Dias...

No outro dia, após o almoço, encontrei o chefe da revisão, que me disse:

—Como v. sabia de tudo aquillo e nada nos disse?

O sr. tomava por medo as minhas previsões, e eu não quiz explicar-me para evitar novas ironias do sr.

—Mas afinal escapámos: foi só o susto...

—E eu nem tive o susto, porque tomei a precaução de descer as escadas e pôr-me a salvo da investida...

Poucos dias depois (o Rio é o Rio) já se falava muito pouco no quebramento do *Republica*: surgia um outro jornal *O Debate*, com um rancho de governantes na direcção e o dr. J. J. Seabra á frente. Convidaram-me para entrar neste novo jornal como reporter e collaborador: Desisti... foi justamente quando, assaltado por minha inseparavel neurasthenia, tive de abandonar o Rio e volver «aos patrios lares».

Aqui desembarcando, tentei afastar-me por muito tempo da imprensa: isso não era facil, mas eu o consegui... por pouco tempo embora.

ABEL DA SILVA

O NATAL DE JESUS

AMELIA RODRIGUES

(PARA AS CRIANÇAS)

Bellas creancinhas de cabelo d'ouro,
De boquinhas doces, de risonho olhar,
Vou tirar agora cá do meu thesouro
Muito linda historia para vos contar.

Não gostas de historias? Mas seguramente,
Gostas muito dellas!... que m'o diga a avó!
Pois então sentadas e, tranquillamente,
Consenti que eu fale. Dois minutos só.

Foi ha muitos seculos. Numa noite fria
Mas serena e calma, lucida, estrelada,
Uma joven linda, linda como o dia,
Caminhava a esmo, sem achar pousada.

Seu marido, um velho de cabellos brancos,
Meigo, affectuoso, lhe tomava a mão,
E por invios trilhos, pedras e barrancos,
Lá com ella andava, procurando em vão.

A cidade perto lhe negara um tecto
Que elles eram pobres, muito pobresinhos,
E nem sempre os ricos são ricos de affecto
Para os infelizes, meus gentis anjinhos.

Quasi meia noite! Finalmente, o esposo
Duma escura gruta no portal parou;
Vil estabulo era... Que humilhante pouso!
Todavia a esposa nesse asylo entrou.

Tudo escuro dentro. Ruminavam quedos
Os animaes, donos da pousada fria;
E lá fôra o vento pelos arvoredos,
Como que chorava, como que gemia.

De repente... um doce vagidinho sóa,
No silencio calmo; de repente ainda
Se illumina a gruta, cujo seio echôa
Musicaes accents de alegria infinda.

Logo e logo descem das azues alturas
Anjos, envolvidos em doirados véos,
E, cantando, dizem suas vozes puras,
«Paz na terra aos homens!»... Glória Deu vos elab!

Tal cantar ouvindo, grupo de pastores
Deixam seus rebanhos, com alegres passos,
E um menino encontram, bello como as flôres,
Sobre a mangedeira, da mamãe nos braços!

Que prodigios ternos!... Que mysterios novos!
Porque tantos hymnos?... porque tanta luz?...
Jubilae, creanças! alegrae-vos, povos,
Resuscita, mundo, que nasceu Jesus!!

Esse tenro infante, que no estabulo nasce,
E' o Divino Verbo, do universo o auctor!
Oh!... preciso era que elle o céu deixasse,
Para dar aos homens a lição do amor!

Vêde o... deitadinho sobre a palha dura...
Como é bello... como docemente chora!
Sua Mãe ditosa, Virgem sempre pura,
Co'a mantilha o veste, reverente o adora!

E o amavel velho, commovido, tenro,
Soffre, ao contempial-o nesse berço vil!
Mas, se é tal a ordem do Senhor superne,
Curva a fronte e beija seu Jesus gentil.

Tangem os pastores pitanos e frutas,
Celebrando a grande, santa maravilha;
Tiram mais de luz, maná é o mar aos nauas,
E uma nova estrella no infinito brilha.

Nunca o mundo vira noite como esta,
Noite que trouxesse tão perfeito bem!
Ai, minhas minhas! ainda dura a testa
Do divino Infante que illustrou Belém!

Inda hoje esplende como um sol a gruta
Onde o Amor Supremo quiz baixar por nós!
E daquellas palhas inda o mundo escuta
Sua terna, humilde, gloriosa voz!...

Bellas creancinhas, de cabellos loiros,
De boquinhas doces, de risonho olhar,
Decorae a historia, que ella vai thesouros,
E eu desejo muito que a possaes contar.

TIA JOANNA

PINTO PESSOA

Tia Joanna, uma velhinha já corcunda, de cabelos brancos como o leite e José Bento, seu neto, a quem chamava Bentinho, eram os únicos sobreviventes de uma família de retirantes desfrutada pelos rigores da fome e da peste numa terrível seca que assolara os sertões da Parahyba, alguns annos antes.

Habitavam uma casinha de sapé assentada á base de uma das montanhas da Borborema e proxima á estrada que conduz á villa de Pões.

As necessidades d'agua na choupana de tia Joanna eram perto suppridas, com abundancia, por um riosinho crystallino que descia da serra saurando por entre pedras e arbustos, dando ás suas proximidades uma frescura de inverno.

A casinha, com o terreiro muito varrido, era circundada de frondosas arvores. Algumas laranjeiras floridas espalhavam pelo ambiente um suave perfume que se misturava ao das alvas florinhas de um viçoso jasmineiro, ao lado da choupana, num cercadinho de varas, entre vasos de barro e latas com flores sobre grados, que constituam o singelo jardim da tia Joanna, a sua *cachaça*, a sua distracção nas primeiras horas da manhã e nas ultimas da tarde.

Alli viviam gosando, numa vida calma, a tranquillidade bemfazeja daquelle retiro verdejante.

Tia Joanna fazia renda nas horas que sobejavam ás lidas da casa e elle, o neto, aquelle neto adorado, robitto e alegre, era carreiro-tangis, pelo dia, pacientes ruminantes no transporte moroso de carros de lenha e canna para o engenho do padrinho.

A lardinha voltava do serviço sempre satisfeito: de alpercatas, calças dobradas acima do tornozelo, deixando a mostra as presilhas e parte das ceroulas de algodão; chapéu de couro revirado para a nuca, a camisa grossa por fora das calças e presa á cintura por uma larga correia de onde pendia um facão de bainha quasi negra; *meuca* em punho a fustigar os ramos do camicho e lá vinha, sempre cantolando ou assobiando a soifa duma qualquer modinha do povo.

Lá estava no terreiro da casinha, junto á porta, sentada em frente á almofada, a sua avózinha do coração, aquella segunda mãe extremosa que o adorava—a trocar os bilros, o cachimbo ao canto da bocca, fitando com cuidado, sob uns velhos olhos remendados de linha, o logar certo onde cravar o alfinete.

Quando o presentia, erguia a cabeça investigando a estrada e todo aquelle enrugado rosto da velhinha era um sorriso de satisfac-

ção acompanhando com a vista a esbelta figura do neto que se aproximava.

Elle chegava, se descobria, pedia-lhe a benção; ella o abençoava, desejando-lhe uma boa sorte.

O neto entrava, dependurava, num mesmo torço, o chapéu, o rebo e o facão; ella batia o cachimbo na soleira da porta, guardava-o no bolso da saia e erguia-se com vagar, levando para dentro a almofada que punha a um canto cobrindo-a com um panno e, emquanto a neto ia ao rio, preparava o jantar

surpreheuder os habitantes felizes da casinha de sapé! . . .

Se a noite era de escuro, em breve a viola emmudecia e uma luzinha alumia a choupana por algum tempo; depois a porta era posta no seu logar e então a luzinha, escoando a claridade pela palha, ia e vinha no interior, saltando ás vezes até o quintal. Por fim apagava-se e o casebre adormecia silencioso.

Nas noites de luar a viola gemia até mais tarde; mesmo porque quasi sempre lá estavam



Milton e Elizabeth, o encanto do far do dr. Seixas Mata, clinico de muito renome, nesta capital.

sobre a esteira lorrada de alva toalha de algodãozinho. Depois, em face um do outro, durante a frugal refeição, conversavam sobre os rastos assumptos que lhea proporcionava aquella singela existencia.

Terminado o jantar persignavam-se e Bentinho, pegando da sua viola, sentava-se no terreiro fazendo-a gemer, acompanhando trovas e toadas populares; então tia Joanna, depois de ter agüado as florinhas, sentava-se também no batente da porta, cachimbando, com os cotovellos apoiados sobre as coxas e a cabeça mettida entre as mãos, escutando-o embevecida, com os olhos semicerrados . . .

Os passaros se perseguiram chilreando, sacudindo os ramos e, nas laranjeiras copadas, as rolas, com batido d'asas, agasalhavam-se.

As juritys gemiam tristonhas na serra . . . E era assim, quasi sempre, que a noite vinha

também a ouvir a velha Totonia da Varzes, comadre de tia Joanna, e Maria de Jesus, a sua neta, a mais-moça de las, a solteirinha—e, parece, a viola chorava, gemia mais sentida . . .

Os morcégos, talvez atraídos pela musica, esvoaçavam afoitamente pelas proximidades do grupo e, de quando em quando, uma namubú trínava um saudoso canto saudando a lua.

A voz bronzee e sonora da capellinha da villa echoava pelos campos em nove badaladas plangentes.

A visita erguia-se; erguam-se os visitados; se despediam, invocando mutuamente a complacencia de «Deus nosso Senhor» para uma boa noite e pouco depois dominava a choupana um silencio profundo.

Naquelle tarde tristonha, envolta na luz baça do occaso no inverno, em que o céu

perde o azul diaphano e alegre do estio e se reveste de espessas nuvens preguiçosas, escuras, de um tom pardacento e triste, tia Joanna, como sempre, esperava o seu querido neto, tecendo a sua alva e compliada tenda; não no terreiro, que estava encharcado pela grossa chuva que pouco antes cessara e da qual ainda se ouvia o cicante ecoamento das barrantas aguas e o gottejar monotono das arvores sobre as proprias folhas, mas no interior, dentro da casinha, na sala, numa esteira de junco.

Começava a impacientar-se. Eram já mais

sinistros pensamentos tentavam respondel-a; tia Joanna repellia os horrôricos.

A chuva agora era cada vez mais grossa; o vento rugia fôra chocando as arvores.

A velhinha já quasi chorava; sentia uma oppressão no coração, um aperto, uma coisa indefinivel... peor, muito peor, que as fortes palpitações e as dores, que ultimamente nelle sentia!...

Accendeu a lamparina; a chamma oscillou tonta.

Numa afflicção dolorosa, percorria toda a casa, mais curva ainda, ainda mais abatida, im-

velho oratorio, ornado de desbotadas flores de papel de cor, foram accesas, deixando ver algumas imagens de detestavel esculptura, alguns quadros de santos e uma palma benta já secca.

A velhinha prostrou-se de joelhos defronte do santuario, numa prece fervorosa; os olhos fitos nas imagens, as mãos entrelaçadas, ás vezes pendidas para os joelhos, outras vezes erguidas á altura da cabeça—os descarnatos labios batiam tremulos... Orava baixinho.

Ergueu-se de repente sobressaltada; ouvira vozes...

Estacou a dois passos da porta esgaziada, immovel, estarecida; um momento só nessa attitude de immobildade, porque logo começou a tremer; arriou-se á palha para não cair—a bocca entreaberta, nos olhos uma expressão accentuada de loucura, pelo que acabava de ver: três robustos camponzees entravam-lhe pela casa conduzindo um corpo inanimado!...

Tia Joanna não conteve um grito cavo, rouco, indescriptivel; ainda mais horrivel casso ao bramir sinistro da tempestade, reconhecendo naquelle que carregavam o seu querido, o seu ado-ado neto! E logo, em seguida, o seu corpo esquelético e mirrado rolo de braços, para o chão batido da cabana.

Um dos matulos correu para ella; enquanto outros dois estendiam sobre um tosco banco de madeira o corpo amillicido e inanimado de Bentinho.

Estavam encurcados.

O corpo, a fio sobre o banco de pouca largura, ficou com um dos braços pendido para o chão; o outro repousava-lhe sobre o prito largo onde, na camisa, appareciam grandes nodos vermelhos, desbotadas pela chuva. Os olhos baços semicerrados tinham a fixidez da morte e pelos cantos da bocca entreaberta corriam-lhe para o pescoço dois fios de sangue ainda vivo. Tinha o rosto contrahido numa expressão de dor.

Do nariz tambem escorria sangue que se coagulava no buço.

Foi momentaneo o desfallecimento da velhinha; logo tornou nos braços do camponês e, relanceando desvalrada o olhar esgasado pela casa, avançou com vacillantes passos para o banco onde repousava o neto e, como que ido-insente, curvou-se mais sobre elle freneticamente, tremula, começou a tocá-lo; apalpou-lhe as mãos, o corpo; o rosto.

Achou-o frio inerte...

Um soluço convulso sacudia-a toda; um terrente delles suffocou-a. Arrojou-se sobre o corpo, abraçou-o em pranto, ajoelhada no chão; chamava-o pelo nome.

Os tres homens, sem uma palavra, assistiam aquella scena tocante numa attitude religiosa; conservavam-se de chapéo na mão, contrafeitos a pingar, molhados. Um delles depositou com cautella, a um canto, o relho, o facão

Para o administrador dos Correios lôr

Reiteradas vezes temos recebido, de diversos pontos do interior, mesmo dos mais proximos, reclamações pela tardança com que lhes chega a nossa revista.

Com o reînôhrar dos estorços da administração da «Era Nova» não ha diminuido de modo algum o numero dessas reclamações, por que concluímos caberão somente ao correio a grave responsabilidade deste caso.

Posto isto, não é de esperar que na energica administração do sr. dr. Avelino Trindade se hajam de verificar factos desta natureza, ficando pois os nossos assinantes seguros da pontualidade com que terão de receber esta revista, doravante.

Teu riso tudo domina,
Por Deus não sorris mais...
Pô's teu sorriso assassina
Sem precisar de punhais!

Quem pensa na vida humana,
Não tem sócego um momento,
E' bem feliz quem se engana,
Torrando em gôso o tormento.



Mlle. Benilde Moreno, nossa distincta leitora, encurçada da estação telegraphica da povoação de Arara, no município de Serraria

demorados e frequentes os olhares para a estrada do qua para o papelão crivado de alfinetes...

Guardou a almofada e de pé, na porta, com uma das mãos apoiada no umbral, investigava anciosamente o caminho.

Nunca succedera aquillo; estava quase a anoltecer!... E Bentinho não apparecia!...

Tia Joanna foi, sem mesmo ter o que lá fazer, á cozinha; voltou á porta impaciente—já quasi não se distinguia nada; escurecia...

A no le de-cera por fim e o neto não voltava! Que teria acontecido?... Já muitas vezes havia feito a si esta pergunta e sempre

paciente, dando machinalmente aqui e alli uns arranjos desnecessarios—toda entregue a um pensamento: a demora de Bentinho...

Vinha á porta, escutava; voltava a andar de um lado a outro da saleta, desorientada, cogando a cabeça alva de neve, com uma expressão dolorosa na physionomia.

A chuva forte batia a palha do casebre e as folhas das arvores, com furia, impellida pelo vento desencandeado que bramia fora e arripiava a choupana; os relampagos a invadiam aclarando-a muito, supplantando a fraca claridade da luzinha de kerosene.

Num canto da casa as velas de cera dum

chapeu do morto. Estavam consumidos, ensternados, os matutos.

Tia Joanna ergueu-se desvairada, a soluçar, as mãos na cabeça, toda tremula; relanceou os olhos nevados da velhice, lacrimosos, para o infortunio e com voz debil, entrecortada pelos soluços:—«Meus Deus! Maria Santissima, mata-m o meu pobre filho; está morto!» E para os outros homens com entonação dolorida—«Está morto o meu filho, o meu querido filho!... Como foi? Quem o matou?! E arrojou-se ao chão novo para o cadaver, affagando-o, chorando-o, sacudindo-o!...

Um dos matutos adeantou-se commovido:—«Perdõe vnicê, mas nós três vinhamos vindo a Varzea, onde fomos vender umas cabras a feira, e vac d'ahi que, numa volta da estrada, topámos com uma junta de bois, sem direção, arrastando uma catraia de canna. Nós paramos o carro sem conhecer o gado, porque não moramos na redondeza. Vac d'ahi que mais adiante demos com elle neste estado e apontou com o chapeu o cadaver—deitado no chão de barriga e a modos que parecia que o carro lhe tinha passado emriba, nas costas, porque tinha o rasto da rodeira na camisa e um vergão arroxeadado quasi preto no corpo.

João, meu irmão, que anda mais por cá, é que nos disse que o coitado, que Deus o tenha, morava aqui... — Tremia-lhe a voz; sentia um nó obstruindo-lhe a gargantia, impedindo-o de falar; vieram-lhe as lagrimas. Passou o dorso da mão pelos olhos e calou-se.

Responderam-lhe um soluço mais intenso da velhinha e a voz formidavel de um trovão, que segundos antes fôra annunciado pelo intenso clarão de demorado relampago. A chuva jorrou mais forte; o vento sibilou com um gemido doloroso pelos intersticios da palha e arripou-a mais; as aguas entravam pela porta, alojando-se nas depressões do solo, barrentas, espumosas, trazendo em suspensão ciscos e folhas seccas.

Os três homens reunidos conversaram baixo por algum tempo; depois, o mesmo que antes falara, o mais velho delles, com a grossa voz ainda tremula, disse contristado para a tia Joanna, coçando a barba,—que não podiam infelizmente ficar porque moravam longe e ainda tinham de andar duas leguas *puchadas*, o que podiam fazer era avisar seu delegado, na villa, quando passassem—e, vendo que a tia Joanna não lhe respondia, avançou respeitoso para o oratorio, ajoelhou-se persiguando-se e, religiosamente, beijou a alva toalha de linho que pendia da mesa em franjas de renda. Os outros dois o imitaram, cada um de sua vez e depois silenciosos e tristes affrontaram a chuva...

Os relampagos succediam-se menos espaçados e mais intensos, aclarando os campos encharcados e o estampido formidavel dos trovões echaava pela serra e pelos valles es-

tremecendo o solo. A chuva continuava abundante e pesada.

Um sopro mais forte do vento impetuoso extinguiu de chofre as chammas das velas de cera e a da fumarenta lamparina, como se os ventos, unicas testemunhas daquella commovida scena, isto houvessem resolvido para se furtarem, com as trevas, áquelle supplicioso espectáculo!...

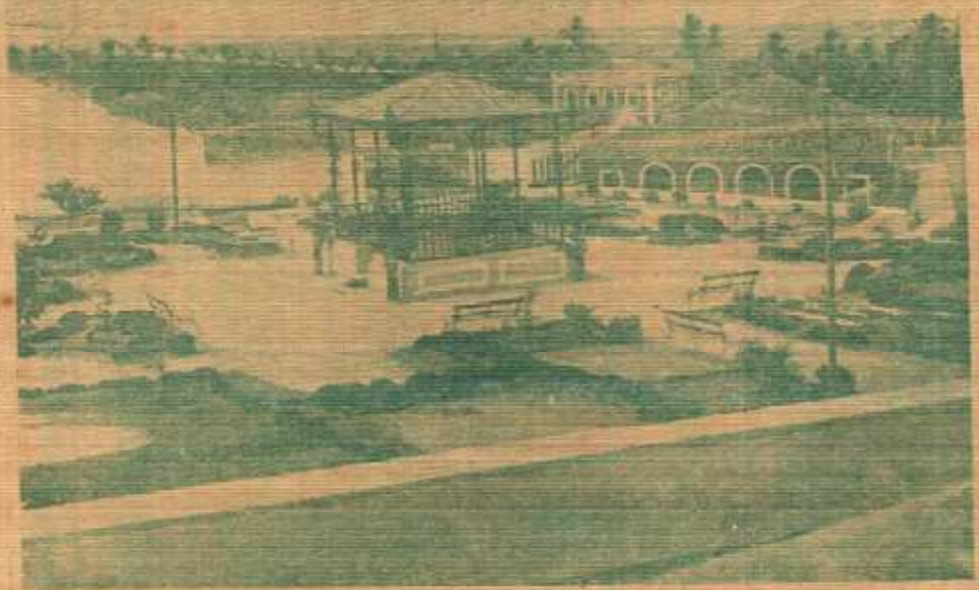
Predominou então na escuridão a luz mortua de duas brazas entre as cinzas de um quasi extincto lume, na coziella da choupana

A agua que invadira a cabana, alastrando-se vagarosamente de depressão em depressão, foi attingir as cinzas do lume apagando bruscamente os dois carvões que resfriaram com um ruido de phosphoros inflammados—e tudo ficou immerso em trevas.

Um silencio profundo envolveu por fim aquelles sillos; na casinha não mais se ouvia o soluçar sentido de tia Joanna.

As arvores, os arbustos, quedos, immoveis, escorridos, pareciam tambem possuidos de

PELOS MUNICIPIOS



JARDIM PÚBLICO DE MAMANGUAPE

eram os restos do fogo que cosera a refeição ainda intacta, numa vasilha de barro, sobre três tijollos a guisa de trempe.

A tempestade desfazia-se, moderava lentamente. Os relampagos tornavam-se raros e pouco intensos; os trovões eram agora um rumor longinquo e monotono... A chuva, menos forte, já teu e, ciciava nas folhas com o vento brando e a velhinha ainda abraçada ao corpo, agora hirto, do neto, aniquillada pela dor, soluçava fracamente, já sem forças, baixinho...

As duas brazas, cobertas de cinzas, luzindo foscas, assemelhavam-se a duas pupilas de fogo embaciadas; eram como dois sinistros olhos aterradores, immoveis, esgaseados de espanto, pela grandeza daquelle soffrimento.

Pouco a pouco o silencio empolgava os ultimos rumores da tempestade. Agora quebravam-no apenas o tenue soluçar da infeliz avósinha e o tristonho gottejar das arvores molhadas, ás vezes precipitado pela passagem duma aragem fresca...

Cessara por fim o temporal.

profunda dor pela desgraça que attingira os habitantes da casinha de sapê!...

E quando pela madrugada, já o ceo e os campos tingidos, carminados pelo arrebol, vieram, da villa á cabana, as auctoridades e curiosos verificar a veracidade da triste noticia que por lá correa, surpresos encontraram, na humida salinha, dois cadaveres rigidos, enregelados...

Ponta de Matto, dezembro de 1908.

PHARMACIA CONFIANÇA
DE
TERTULIANO C. DA MATTA

Avla recelias por preço modico e com a maior presteza
Rua Barão da Passagem, 123.
PARAHYBA DO NORTE

O amigo é uma só alma que vive em dois corpos.

O que vos deu a virtude, não vol-o pôde tirar a inveja—Padre Antonio Vieira.



AMERICCO FALCÃO

MISSA DE FESTA

Na rua gente animada
Passa contente. Onze e meia,
Toca a primeira chamada,
Missa de festa n'aldeia.

A capelinha está cheia!
Mudez profunda e sagrada...
Lá fóra por sobre a areia,
Vê-se gente ajoelhada.

Finda a missa, a pagodeira
Nos botequins se desata,
Ao vinho branco e ao figueira...

Emquanto um guapo matuto,
De collête e sem gravata,
Prosa, fumando um charuto!

FLOE DO SAMBA

Na casa da velha Rita
Brincam. Que doce maná!
Dansa uma roda bonita,
Tira o côco o Zé Prá...

De prazer tudo palpita...
Tudo canta: EI MARIA!
Emquanto um cabra se agita,
Vibrando o caracaxá...

Intervallo—toda gente
Suada, bêbe aguardente,
Emquanto a filha do Zé,

Se exhibe com todo zelo:
—Mangerona no cabêllo,
Sandalia á ponta do pé...

O QUEIMA DA LAPINHA

Alteiam-se alegremente
Vozes de peitos praeiros,
Ao guizalhar estridente
Dos maracás e pandeiros.

Surgem moças, de repente,
Com seus dançares ligeiros...
Nô seteno há muita gente
Dando seus rivas festeiros!

Chega o momento do queima:
Toda lapinha se abrasa,
Há mdras, vivas e teima...

Ranca o páu, aqui e além...
Apanha o dono da casa,
E os tocadores também!

A QUADRILHA

Sala de dança. No matto.
Noite de festa. Folia...
—Sen Zé, você paga o pato...
Grita de dentro a Luzia...

Responde Zé: Munto ridto!
Zé de contente sorria.
E após, com todo aparato
Vão dançar. Quanta alegria!

Sôbe a poeira do barro,
O cheiro a tudo deléita
—Suor, cacuaca e cigarro...

Nisto Zé, garboso, chama:
—Cavalero da direita,
Gran de rôda chan de dama.

TYPO ORIGINAL

Na caravana modesto
Que vem, formoso natal...
Ouvir a missa de festa,
Vê-se um typo original.

—Cabello em cachu na testa,
Collête enorme, que atesta
Ser de uma herança feudal!

lá vem um tanto na brisa...
Vae a loja do Gaiêtha,
Compra uma oitava de oriza.

E eis o retrato do moço:
—Cigarro detraz da orelha,
Lenço de ganga no pescoço.

FIM DO BAILE

Seis da manhã, Finda a dança,
Vão sahindo os convidados...
Uns com coléas na pança,
Outros de pés machucados.

E entre dois afeiçoados,
Vê-se ali—toda esperança,
Chiquinha, de olhos quebrados,
Sacudindo o pó da trança.

E para fazer saudade
Na gente da redondeza,
Em pura sonoridade,

Lá se vae o Chico Antão...
Tocando a valsa Tristeza
Num rolêjo de mão!

PSEUDOS BRASILEIRISMOS

Os colonos do Brasil trouxeram no sec. XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomática dos precusores da época classica; muitos dos chamados brasileirismos de expressão, e até de prosódia acham-se em perfeita concordância com certas peculiaridades dos seculos XIV e XV. (João Ribeiro—Scelta classica).

O phenomeno linguistico registrado pelo philologo sergipano pôde ser verificado por quem quer que observe com attenção o linguajar do povo inculto do interior nordestino, directamente ouvindo-lhe o falar ou estudando-lhe o *folklore*.

Não se necessita de ceifar em campo largo para colher nos escriptores antigos, sobretudo os do periodo ante-classico e do quincentista, messe farta de expressões e de prosódia com que topamos a cada passo no trato com a nossa gente rustica.

Escriptor de nota, como Sylvio Romero, discutindo uma interessante questão sobre o falar brasileiro, qual a de saber-se se temos dialectos nas diversas provincias do Brasil. (*Estudos sobre a poesia popular do Brasil*), considera como termos estropiados pelo *jurgo* das classes baixas entre nós, os vocabulos *malino* e *maginar* (por maligno e imaginar), quando tais formas são do pleno periodo quincentista, pois o *g* do grupo latino *gu* cahiu na prosódia dos classicos do occulo XVI, só mais tarde sendo restituído pelos eruditos. Assim é que aquelles diziam *dino*, *benino*, *malino*, etc., como se pôde verificar entre outros, em Sá de Miranda, Camões, e Diogo Bernardes:

(*) Por desastre malino—Sá de Miranda A. D. E logo fugirão ares malinos. Diogo Bernardes M. B.

Da gente a salvas perfida e malina—Lusiadas II, 22.

Quanto a *maginar* e *maginação*.
Maginação os olhos me adormece.

Camões, M. B.

num dos quaes eu estava imaginando.
—Heitor Pinto—M. B.

Taes peculiaridades estendem-se a locuções e tambem a nomes próprios.

Em Sylvio Romero (op. cit.) no conto—A onça e o bóde—, lê-se: Ambos os dois lemmam um ao outro.

E em Castello Branco,—Lyra sertaneja. Sendo bons ambos e dois

Tambem Camões e João de Lucena dissetam, respectivamente.

D'ambos de dois a fronte coroada, (Lusiadas, IV, 72) —semelhança d'ambos os dois

casos. João de Lucena, S. Francisco Xavier, J. R. Muito commum é, no povo, a expressão piconastica *mas porém*.

Mas porém tique tique, O. B., pg. 285.

Disse ainda Camões:

Mas porém quando as gentes Mauritanas Lus. III, 99

Mas porém de pequenos animaes Ido VI, 18
Nomes próprios calligimos:

Anrique (por Henrique).

Destes Anrique dizem

Lus. III, 25.

Sabemos tambem que *Anrique* é moeda espanhóla do sec. XV, e encontra-se *Anrique da Mota*, subsecrevendo um decreto na obra de Theophilo Braga:—Camões, epoca, etc. O Dicionario da antiga linguagem portugueza, de Brunswick, registra tambem *Antonho*.

Bertolameu (por Bartolomeu) era a fórmula antiga. Conhecemos, de facto, *Bertolameu dos*

Aprendero por aprenderam . . . com a ajuda e exemplo *aprendero*—Regra de S. Bento J. R.

—*Alimpar*—limpar

Estando o navio do capitão-mór *alimpando* se.—Roteiro de Vasco da Gama J. R.

—*Antrevallo*—intervallo. — . . . as cousas por *antrevallo* de longo tempo—Historia de Iria J. R.

—*Avera*—havia.

E que tempo *avera* para se emendar. Ainda El-Rei Dom Duarte. J. R.

—*Assossegar*—sossegar.

Parecendo que queria *assossegar* a terra mesma. B. Ribeiro—Menina e moça.

—*Arreccar*—recear.

E aquella que—por fria se *arreccá*. Lus. III, 51.

Em ALAGIOA NOVA



Mlle. NINA MACHADO

Martyres, escriptor e arcebispo de Braga; *Bertolameu Perestello*, referido várias vezes nas *Décadas* de João de Barros, *Bertolameu Dias*, conhecido vencedor do *Cabo das Tormentas*.

O romântico e mysterioso nome *Natercio*, que encobria, em anagramma, o da formosa namorada do grande epico lusitano, nada mais é que o pleben e prossico *Caterina* dos nossos matutos.

Lianor, tão vulgar no sertão, encontra-se no seguinte verso:

De tirar Lianor a seu marido—Lus. III, 139

Vê-se a em seguida um pequeno vocabulario de archaismos collidos em rapido deletrear de meia dúzia de auctores, fórmulas que a cada passo ouvimos da bocca do camponês inculto, pensando muita gente estar o vernaculo assim sendo corrompido, quando a verdade é que nessas expressões estão resistindo as fórmulas primitivas delle.

—*Abastar*—bastar.

Que só para abalar-se nada abasta. Lus. X, 3.

—*Assopro*—sopro.

. . . e tanto que tinham *assopro*—Arte de furtar.

—*Alembrar*—lembrar.

Mas al'mbron-lhe nua ira que o condemna. Lus. X, 45.

—*Agaticeer*—agradecer.

Com merecs sumptuosas me *agardete*. Lus. IV, 81.

—*Açure*.

Diccionario da antiga linguagem portugueza de Brunswick.

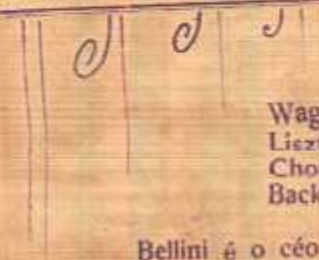
—*Alifante*.

Vocabulario do dialecto caipira, de Amadeu Amaral.

—*Alimá*—animal.

Carta de Vay de Caminha.

REINO DO SOM



Mozart lembra uma rosa a esfolhar-se tocada
Beethoven é o soffrer; é a grande dôr humana
Shubert evoca o amor, beijos, luz, alvorada.
Paderewski o minuete, a gavota, a pavana.

Wagner é o turbilhão do rythmo e a rajada.
Liszt é a eloquencia, o ardor, a paixão coherens.
Chopin é uma saudade; é a magua musicada.
Bach é o incenso christão, que a alma ao passado irmana.

Bellini é o céu da Italia encantada e florida.
Strauss é Salomé que, entre perfumes, dança.
Shumann é um pôr do sol; a ansia extrema da vida.

Cada um nos acorda uma estranha lembrança.
Carlos Gomes, porém, é a voz estremecida
Da patria e evoca o sol, a alegria e a esperança.

JAYME D'ALTAVILLA

- Antão-então.
- E nella antão os incolas primeiros. Lus.
- Avaluar-avaliar. Amadeu Amaral. Op. cit.
- Brasfemar-biasphemar.
- Mario Barreto-Factos da lingua
- Cando-quando.
- Cando o dito Rey Miro foi assentar-His-
- tória de Iria. J. R.
- Contaron-Contaram.
- ... e contaron os artigos de fé-Fernão
- Lopes. J. R.
- Corenta-quarenta.
- ... corenta mil homens de cavallo.-Ro-
- teiro de V. da Gama. J. R.
- Cuma-como a.
- ... branda cuma cera.-Carta de Vaz, de
- Caminha.
- Co-com.
- E co nome dos sopros se conhece. Lus.
- III, 8.
- Contia-quantia.
- Brunwick. Op. cit.
- Coresma-quaresma.
- Amad. Amaral. Op. cit.
- Casião-ocasião-Ibid.
- Depois depois.
- E depois que ao rei apresentaram. Lus.
- II, 9.
- Mas depois que o porteiro tem divino. Ib.
- III, 15.
- Dixe-disse.
- Brunwick. Op. cit.
- Dereito-direito.
- ... o que contra elle por direito-Carta
- de perdão a Camões, cit por Th. Braga.
- Entonces-então.
- ... entonces éra embargado. Livro da vir-
- tuosa bemfeitora. J. R.
- Estucia-astucia.
- Citado na Replica de Ruy Barbôsa.
- Emprasto-emplasto. Ibid.
- Entremetter-Intrometter.
- ... tão ousada que se entremettesse ...
- Gil Vicente. Sermão aos padres.
- Estruir-destruir.
- Com esforço tamanho estrie e mata. Lus.
- III, 114.

- O grande poder de Dario estrie e rende.
- Ibid. X, 21.
- Espirito-esprito.
- E que enquanto seu corpo o espirito-Lus.
- VI, 4.
- De tirar deste mundo aquelle espirito-Ibid.
- X, 37.
- Estamago-estomago.

mando assim precioso espaço a mais au-
zadas pennas, deixo de publicar maior por-
de termos da pequena colleção que por
Penso, porém, que a parte que vai agor-
lume é bastante para por de sobreaviso a
les que pensam serem innumeras palatit
nosso riquissimo idioma vocabuloso de
dialecto que se está formando no nosso
resantissimo hinterland.

FREDERICO CAVALCAN

(*) As iniciaes A. D.,—M. B.,—J. R. e
são de Almachio Diniz, Mario Barreto,
Ribeiro e Gustavo Barroso em cujos liv
Anthologia, Novissimos estudos—Selecta
sica e Ao som da viola foram colhidos
exemplos citados.

A tome fuge logo que se apresenta
balho.

D'encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

A anarella reina onde manda a ma

PELOS MUNICIPIOS



EM MAMANGUAPE — Rua Marechal Deodoro

Porque enfim vem de estamago damnado—
Lus. I, 39.

Eis tirada de meia duzia de auctores, ape-
nas, correspondente a algumas letras do al-
phabeto, boa copia, relativamente, de vocabulos
obsoletos usados pelo nosso povo inculto, fi-
dos, porventura, como corruptos pela ignora-
cia delle, quando nada mais são do que pala-
vras do lexicon portuguez antigo. Para não
tornar por demais extenso este trabalho, to-

A experiencia está mostrando
facto, quanto mais se veste com
cia mais se obtem sympathia e at-
am todas as rodas sociais. Nes
encontra-se a Alfaiataria Flores.

seu novo e melhorado estabelecim
rua Maciel Pinheiro, 97, que gar
maximo esmero nos seus trab
modicidade absoluta nos preços.

Tenho debaixo dos olhos a immensidão aquorea do Atlantico, verde, qual incomensuravel esmeralda, e o perfil do Cabo Branco, bem perpendicular, como se fôra propositalmente talhado por mão humana. A brisa constante invade o alpendre colonial em que escrevo e folheia as tiras do papel.

Cumpro uma promessa: a feitura de qualquer trabalho para a "Era Nova". Mas, Deus sabe como. Só agora sei como é difficil vencer a preguiça praeira, essa atonia muscular e volitica que a todo transe nos procura levar á quietude nirvanica.

Suspendo a penna em busca de um assumpto, debalde porque a inspiração não vem. No meio desta natureza tão rica de tons, que agora mesmo inspira a palheta de Olívio Pinho, como eu, veranista deste malfadado Tambau, por mingua de senso esthetico me vejo apathico, incapaz de talhar o meu promettimento.

Sempre me tentam as coisas de arte, mas diante dellas não tenho vontade de sair da commoda posição de mero espectador.

Ver e admirar, seria o meu programma noutra terra, que não esta, onde o individuo é, ás mais das vezes, impellido a tocar sete instrumentos.

Vinte e cinco seculos de literatura nos oprimem. As coisas mais bellas já fôram ditas e reditas. Todos os assumptos já foram explorados, todos os sentimentos analysados exhaustivamente.

Os pygmeus se perdem nessa floresta unim. Mais vale no meio della procurar as clareiras e lutar o sol do que plantar novas arvores para improficuamente disputar o espaço ás outras.

Chego á conclusao pessimista, e no entanto verdadeira, do Fradique Mendes: «Não vale a pena escrever».

Ademais, vivemos num tempo de ruins paixões, de profundo aviltamento moral, de decadencia sem nome, de desorganização medfavel. Por toda a parte a anarchia nas is e no ambiente social.

Este mundo parece vai fechar o cyclo do gresso e da civilização e voltar á barbaria. A propheta não é minha. Fel-a o velho *ser no começo deste seculo, em épocas* atormentada do que além que vivemos. No meio desta confusão universal, dessa reversão de todos os valores, só ha uma trilha luminosa que se pôde seguir confiante: a da contemplativa no seio da arte.

Frivola na apparencia, é todavia a arte a

única das creações fundamentaes da humanidade que ainda não mentiu á sua finalidade.

Passou o tempo da fé. Com o desmoronamento das certezas, ficou alluido o templo das sciencias e da philosophia que as corda.

Só a arte perdura na eternidade das suas creações. Só o culto esthetico ainda sacia a sede de felicidade que atormenta os homens.

A humanidade se irá redimindo da brutalidade primitiva á proporção que se fór iniciando na vida contemplativa da arte.

Inattingivel a verdade, incognocivel o bem,



DE. ALCIDES BEZERRA

resta ao homem a belleza para objecto do seu culto.

Façamos da esthetica uma nova religião.

Impregnetemos a vida de belleza. Com ella, e por causa della, se renovarão as forças espirituaes, se melhorará a conducta, se acry-solarão as virtudes.

Syncretizemos com o culto da arte o culto do passado, bebendo nas fontes antigas a serenidade, a experiencia, a tolerancia, o amor da patria, da familia e do proximo.

Felizmente o passado não morre completamente para o homem, porque em cada época elle é o mesmo das épocas anteriores», disse o uma feita Fustel de Coulanges.

Não é vã curiosidade que nos leva a estudar o passado, a prescrutar nos seus arcanos os factos idos e vividos. E o sentimento da continuidade historica, são os multiplos laços invisiveis que prendem o presente ás idades mais remotas.

Dizem que a Rita Cereja,
De proceder duvidoso,
Levara a uma certa egreja,
Para dar-lhe a mão de esposo,
Um infeliz . . . «Salvo seja!»

Vejam só que desalinho:
A noiva cheirava a sandalo
O noivo fedia a vinho!
O padre, vendo este escandalo,
Chamou de patte o padrinho:

O cesorio projectado
Não se pôde hoje fazer;
Pois, como temo que seja,
O noivo está num estado,
Que nem se pôde lambear!

Seu padre, não seja máo,
Case, que assim é preciso;
Pois esse seu Nicoláo,
Quando está no seu julzo,
Não quer casar nem a pão!

Um juiz ás direitas

Um ricaço muito avarento perdeu um saquitel com boa somma de dinheiro em ouro. Deitou logo annuncios nas folhas, promettendo cem talheres de alviças a quem lh'o restituisse. Um camponez, que tinha encontrado o sacco, foi contentissimo entregal-o ao nosso homem. Elle contou e tornou a contar o dinheiro, e depois de certificar-se que nada faltava, disse com a maior seriedade para o camponio:

«Deviam estar aqui dentro oitocentos talheres; não encontro senão setecentos, vejo que vocemecê teve o cuidado de tirar por suas mãos os cem que eu tinha promettido: *um pouco pagou».*

O camponio sahio das nuvens, porque não uma tocação no dinheiro e semelhante recompensa de modo nenhum o podia satisfazer. Vamos ao juiz, exclamou elle, muito azedado com a historia: não senhor, isto não fica assim; vamos ao sr. juiz, e o que elle disser é o que se faz. Fôram. O juiz ouviu um noutro com a maior attenção: pensou um pouco sobre o caso, e por fim sahio-se com esta sentença:

Vocemecê, disse elle, voltando-se para o ricaço, perdeu um sacco com oitocentos talheres; e vocemecê, continuou o magistrado dirigindo-se ao camponio, achou um sacco com setecentos talheres. Muito bem. Está provado que o sacco que vocemecê achou, não é o mesmo que este senhor perdeu, e portanto tome você outra vez conta delle, e guarde-o, até que appareça alguém a reclamar-o. Quanto ao meu amigo, conciuu o juiz, voltando-se novamente para o avarento, com um risinho de escarneo, não tem outro remedio, senão ficar esperando com paciencia que lhe appareçam os seus oitocentos talheres.

A ociosidade caminha tão deagrar, que a pobreza a alcança logo.

JERUSALEM DA SAUDADE

Traço-te o nome: é que te invoco ainda!
E é ardendo em sonhos que teu nome orchestro
Como si eu fôra um deus que habil e d'estro,
Um nome de mulher á Lyra brinda.

Enche-me esta saudade, que não finda,
A alma de susto e o coração de séstro . . .
E' como a voz do mar a do meu éstro
Nestas praias maritimas de Olinda! . . .

Por que não te esquecer? Por que teu vulto
Surgir assim das cinzas do passado
Na adoração do mesmo antigo culto?

Mas sentada appareces—ô ave mansa
Nas escadas de mármore rosado
Da Porta de Oiro da minha Lembrança!

A Silva Lobato

NO TRONCO DE UMA ARVORE

Pompeias sob o sol, em teus dias felizes,
Pródiga, offerecendo os fructos e o agasalho.
E squi á tua sombra ouço as frases que dizes:
—Abençôas a paz e exaltas o trabalho!

Sem jámais blasphemar, sem proferir um calho.
Como tú, esquecendo antigas cicatrizes,
Homem, pôssa imitar pelo que penso e valho
O secreto laborêdas tuas mil raizes.

Sobre o sólo que piso, o pátrio e amado sólo,
Pôssa eu ter como tens, a mesma aurea legenda
Aos beijos do seu sol e amparo de seu cóllo . . .

Para, ainal, dias tranquillo, olhos enxutos,
—Resignado viajôr ao fim da minha senda:
Feliz, dei bôa sombra e sezonados fructos!

OS REIS MAGOS

ANDRÉ FLEURIOT

Os três reis magos, Balthazar, Melchior e Gaspar, conduzindo o incenso e a myrrha, tinham partido em busca do menino Jesus, mas, como não conheciam bem a estrada de Belém, perderam-se no caminho e, depois de terem atravessado uma floresta espessa, chegaram ao cair da noite a uma aldeia da região de Langres.

Estavam cansados, os braços doridos do peso dos vasos contendo os perfumes destinados ao filho de Maria, e, além disso, mortos de fome e de sede. Bateram, portanto, à porta da primeira casa que encontraram para ali pedirem hospitalidade.

Essa casa—ou essa choupana—situada quasi à orla da floresta, pertencia a um lenhador, Diniz Fleuriot, que alli vivia miseravelmente com a mulher e seus quatro filhos. Era construída de barro amassado e coberta de terra e musgo, deixando filtrar a agua nos dias de grande chuva.

Os três reis, exhaustos de fadiga, bateram à porta, e, quando o lenhador abriu, pediram por favor ceia e pousada.

—Ah! meus amigos—respondeu Fleuriot, só tenho uma cama para mim e a mulher e uma tarimba para os garotos. Quanto à ceia, *ah! lhes podiamos oferecer batatas cozidas e pão de centeio.* Não obstante, entrem, porque, se não forem difficéis de contentar, tudo se arranjará.

Eles entraram. Serviram-lhe batatas que devoraram com grande appetite, e o lenhador e sua mulher lhes cederam o leito, onde elles dormiram a somno solto, excepto Gaspar que gosou dos seus cômodos e que se achava muito apertado entre o gordo Balthazar e o gigante Melchior.

Na manhã seguinte, antes de se pôem a caminho, Balthazar, que era o mais generoso dos três, disse a Fleuriot:

—Quero oferecer-lhe qualquer coisa para agradecer a sua hospitalidade.

—Demol-a de bom grado, meus amigos, e não por interesse—respondeu o lenhador, ao mesmo tempo que estendia a mão.

—Não tenho dinheiro—respondeu Balthazar—mas quero deixar-lhe uma pequena lembrança que valerá mais.

Metteu a mão no bolso e retirou d'elle uma flauta do oriente, que apresentou a Fleuriot e enquanto este, um pouco desapontado, fazia uma carantonha, continuou:

—Formule um desejo tocando uma aria nesta flauta e elle será immediatamente executado. Tome, não abuse e não recuse jamais a esmola e a hospitalidade a gente pobre.

Quando os três reis desapareceram na curva do caminho, Fleuriot disse à mulher, sopesando com desdem a pequena flauta.

—Podiam bem ter-nos feito um presente menos idiota do que este flautim; entretanto, vou immediatamente verificar si elles não zombaram de nós.

Então exclamou:

—Quizera ter para o nosso almoço pão branco, patê de caça e uma boa garrafa de vinho!

Em seguida executou na flauta uma aria regional, e de repente, com grande espanto seu, viu o pão, o vinho e o patê desejados.

Certo do poder de sua flauta, não se conteve, como é bem de ver, e pediu tudo que lhe veio à cabeça.

Tocava desde a manhã até à noite. Teve roupas novas para a mulher e os filhos, di-



MAURA, galante menina, filha do sr. Sebastião Vianna, agente fiscal do constimo em Areia.

neheiro na algibeira, mesa abundantemente servida, e, como lhe bastasse desejar uma coisa para tel-a logo, tornou-se em pouco tempo um dos ricos da provincia. Então, em lugar de sua choupana já meio desmoronada, fez construir um soberbo castello, que encheu de moveis preciosos e de tapeçarias, e no dia em que a construcção e o mobiliario ficaram promptos, deu uma grande festa para inaugurar a sua nova morada.

Em torno de uma mesa ricamente servida rutilante de prata e de lã, reunia-se o grande salão da redondeza. Elle mesmo presidira com sua mulher, adornada com uma vitrina, enquanto musicos installados numa galeria su-

perior regalavam os convivas com suas arias alegres.

Para que o festim não fosse perturbado ordenou aos criados que não deixasse, sob pretexto algum, entrar no pateo os importunos e os mendigos, e mesmo collocára ao portão dois alentados laçaios, armados de cacetes, que tinha por tarefa afugentar os pedinches dos arredores.

Assim, certos de não serem importunados, os convidados entregaram-se de coração à alegria, movendo os maxilares, chupitando o bom vinho e divertindo-se à tripa fórra.

Ora, naquella noite, os três reis magos, tendo deposto seus presentes aos pés do menino Jesus, voltaram de Belém. Ao atravessarem a floresta, reconheceram a aldeia em que tinham pernoitado, viram o castello todo illuminado, e Gaspar disse com ar chocareiro a Balthazar:

—Eu tinha curiosidade de saber si o nosso homem não abusou da tua flauta e se, depois de estar rico, manteve a promessa de ser bom para com a pobreza.

—Vejamos—disse laconicamente Balthazar.

Dislçaram-se em mendigos, trocaram por farrapos as suas roupas e se apresentaram à porta do castello, pedindo hospitalidade. Por aquella noite, mas foram muito mal recebidos e como insistissem, fazendo grande alarido, Fleuriot chegou à janella e percebendo que se tratava de mendigos, ordenou que lhes lançassem os cães em cima, de sorte que elles saíram à disparada, não sem terem as pernas bem maltratadas.

—Eu tinha certeza disso!—praguejou Gaspar, que fôra mordido na canella.

—Está bem—repliquou o gigantesco Melchior—isso não o levará ao paraíso!... Elle conhecerá o peso da ira dos reis magos!

Entretantes, os convivas continuavam a banquetear-se alegremente. Haviam chegado à sobremesa, e Fleuriot, de faca em punho, ia para partir um bolo colossal, quando se

ouve no pateo o guisalhar duma carruagem puxada por quatro cavallos fogosos, ajaesados de ouro. Fleuriot metteu de novo a cabeça na janella e, vendo que lhe chegavam ainda nobres convidados, ordenou que os fizessem subir sem demora. Elle mesmo foi com um archote recebê-los á entrada. Então viram-se entrar os três reis magos, pomposamente vestidos, cobertos de purpuras e pedrarias. Fleuriot, que, reconhecera seus hospedes, assumiu um ar distincto e com muitas saudades do tempo que tinhamem logar a mesa.

—Obrigado!—disse Balthazar seccamente: não comemos em casa de um homem que tão mal recebe a gente pobre.

—Cumprimento-o pela maneira por que cumpre suas promessas! — Cirion Melchior, com a sua voz grossa.

—Ah! tu atacas os cães contra os mendigos! — acrescentou Gaspar, apalpando a perna. Espera: vou tocar uma aria que ainda não conheces!

E tirando do bolso uma flauta igual á que tinha sido dado a Fleuriot, fez-a soar terrivelmente. Num ápice, a mesa os convivas, o castello se evaporaram e o lenhador acabou-se, só e nú, na orla da floresta, deante de sua choupana em ruínas, com sua mulher e seus filhos andrajosos.

—Felizmente, resta-me a flauta— pensou elle.

Mas em vão vasculhou os bolsos; o talisman desaparecera com os reis magos.

E' desde essa época que vem o costume de, ao pa' tir o Bolo de Reis, ter-se o cuidado de pôr de parte o quinhão dos pobres.

COSTUMES SERTANEJOS



Distinta senhorita patricia invernando em uma das nossas fazendas

O MAMÃO

O fructo do mamoeiro, combinado com sua mucilagem assucarada, refrigerante e saborosa, traz a papayna ou pepsina vegetal.

E' por esse motivo recommendado para o uso das pessoas cujos orgãos digestivos se acham paralyzados ou gastos pelos estimulantes causticos, taes como bebidas fermentadas e alcoolicas, as pimentas e pelo abuso do fumo. O mamão, quando usado para auxiliar a digestão, deve ser comido pouco maduro, verdeoengo, descascado e partido em talhadas que se devem mastigar bem.

Para o mesmo fim pôde ser usado ainda verde, cozido só ou misturado com legumes ou em calda de assucar em fórma de doce.

O mamão só deve ser usado bem maduro como refrigerante para acalmar as grandes sedes dos dias estivos.

PERYLLO D'OLIVEIRA

AVES DE ARRIBAÇÃO

Não tarda o inverno e já zigzagueiam no ar as andorinhas. Vão e vêm cortando a altura, sobem e descem numa intermina' loucura, vendo que a limpidez do estio vai findar.

E alguns dias depois, batem asas chilreando, indo buscar refugio em paragens distantes...

E ficam em silencio as torres e os mirantes que serviram de abrigo ao fugitivo bando.

As aves também têm revezes no viver; as máguas do desterro e o fel da solidão. Saudosas, deixam tudo, o ninho, a patria e vão procurar outro céu que não as viu nascer.

Levam consigo a prole amada mas, no entanto, as acompanha a dôr de não verem tão cedo o seu torrão natal. E lá no seu degredo Ellas cantam, porém, como é triste esse canto!

E' uma aria de saudade, uma canção dorida onde vibra a tristeza immensa dos proscriptos, e um concerto sem fim de gorgeios afflictos em cujos sons palpita a dôr de quem duvida.

Mas um dia, subindo e distendendo o olhar pelo infinito, vêm que ha sol na terra amada. O' que immenso prazer! E a tribo avoroçada abre as asas cantando, em ancias de voltar.

E' immensa na aurea luz de uma aurora de abril, volem ao lar querido as ledas andorinhas. E cantam, celebrando a belleza das vinhas, o divino fulgor do sol primaveril!

El-as a fabricar de novo os ninhos seus! E contemplando o azul que respande e irradia, ellas cruzam-se no ar, numa immensa alegria, parecendo que estão dando graças a Deus

(PERYLLO D'OLIVEIRA, de quem já temos publicado outros versos, é um poeta da nova geração paralybana cujas produções são trabalhadas num aprimorado labor de paciente cinzeladura)

FORMULAS EPILATORIAS — São substancias mais ou menos causticas e em geral, muito perigosas os depilatorios que são empregados com o intuito de fazer cair o cabello. A cal viva e o sulphureto de arsenico formam a base de quasi todas essas preparações. O conhecido epilatorio de Decroly, francez, muito usado pelas damas cabelludas, é composto do seguinte: cal viva, 15 grammas, gomma em pó 30 gram., e sulphureto de arsenico, 2 gram. Esta preparação é muito pe-

rigosa, mas as cabelludas não querem saber disso, e com a vaidade de ficarem livres de todos os cabellinhos que julgam prejudicar o realce das suas bellezas, vão applicando tal preparado de qualquer modo...

Formula franceza de Boudet: Cal viva pulverizada, 10 grammas; sulphurato de soda, 3 gram., e amido 10 gram. Dissolver o pó num pouquinho d'agua e applicar sobre as partes cabelludas que se quizer pejar. O effeito é rapido, produzido ao fim de vinte a trinta minutos.

IDEALISMO

—Soffies?
 —Muito.
 —E' porque ainda não sabes viver.
 —Ora! . . . Amas alguém?
 —Amo. Escuta-me com attenção. Poderemos viver em duas vidas bem distinctas: A natural, a vida que arrastamos por força das nossas necessidades; a vida cheia de grandes dôres, em que a nossa vontade é contrariada a cada momento; a vida que é um fardo mui pesado que nos magôa o hombro; a vida, estrada estreita e poeirenta e sem fim e cheia de pedregulhos que nos sangram os pés.

—E a outra?
 —A outra é a vida espiritual, independente, em que o nosso espirito vaga povoado dos melhores sonhos, de sitio em sitio, cada qual mais encantador. Essa é a vida do pensamento humano, onde não penetra vontade estranha.—Se se quer viajar—viaja-se; se se quer gosar as sublimidades da Natureza—gosa-se, por mais fino que seja o nosso gosto; se se quer amar—ama-se. Que impedimento nos impossibilita de continuarmos a viagem radiante? Estradas largas, cheias de luz, perfumadas, que nos conduzem ás regiões das magnificencias!

—E's um sonhador. Não sabes o que seja fome nem sede. Ainda continas a divagar?
 —Castello de cartas, quantas vezes eu te tenho construido no ar e na areia, obedecendo somente aos requintes da minha phantasia? Quantas edificações sumptuosas tenho eu levantado?! Quantas viagens pittorescas tenho eu feito através do mundo inteiro, guiado somente pela moribunda candeia do meu ideal.

—Quantas vezes? Quantas? Coração, tu que amas e que pulsas como todos os corações, quantas vezes tens pulsado mais acelerado quando os olhos do meu pensamento, perspicazes, encontram, além, illuminada por um halo fulgurante, essa figura gentil que eu vi um dia, ha três annos, em viagem, e em quem estão concretizadas todas as graças? Ella tem sido desde então o meu abençoado pharol no mar das fagueiras illusões que me tornam a vida feliz!

Vaga pensamento, vê como ella é linda! Continua a ir onde ella está? Porôa me, platonismo, o somno de sonhos de amor e felicidade! Conduze-me, illusão, aos teus domínios e faze-me gosar as tuas delicias!

—Qua me importam as dôres da vida, a privação de liberdade e a via cruzada por onde me conduz o Destino? Não é livre o meu pensamento?

—E's um idealista. Tudo vês pelo prisma do optimismo. Que tempo nos sobra, então, para resolvermos os grandes problemas que vamos

encontrando a cada passo? Não encaras as responsabilidades.

E's correspondido?
 —Não, e para que? Aquella a quem amo nada sabe e este é que é o grande amor nunca contrariado. Sou feliz.

—E' isso. Antes não pensavas desse modo. Estás ebrio de amor. Mas se tu tivesses como eu bebido do amor o copo de cicuta, saberias conhecer a vida sem a magestade das illusões. Enquanto não, vai gosando a delicia do teu platonismo.

ELIEZER DE OLIVEIRA



Julinha, dilecta filha do sr. João Baptista, guarda-livros desta praça.

cele e depois lavadas em agua corrente. Antes, porém, de servirem para uso do toucador ou de outros mistêres domesticos, as esponjas, além do processo já indicado a que são submetidas, passam por um outro que consiste em deixal-as durante vinte e quatro horas na seguinte mistura: Acido chlorhydrico, uma parte, agua, vinte partes. Lavam-se depois em varias aguas puras e põem-se n'uma solução de acido sulphuroso, na qual ellas ficam durante alguns dias. Retiram-se depois dessa solução, espremem-se bem, deixam-n'as durante um dia n'agua corrente, fazendo-as seccar ao ar e a sombra.

As que servem para o toucador devem ser enxagoadas logo depois de servidas, e, de mez em mez, devem ser postas na mistura de acido

FLANANDO . . . (1)

Já assistiram os caros leitores, aos quaes deosejo boas festas, a missa do Gallo, em algum pequeno povoado do interior do Estado? Eu já assisti, e vi, mais ou menos, o seguinte:

Aqui, alli, um ranchinho.
 Com a luz meio apagada,
 Debaixo de uma latada
 Toca a viola de pinho,

Alegre, a rapaziada
 Bebe seu tostão de vinho,
 E dança um baianninho
 Com a matuta enfeitada.

Chega o padre, o sino toca,
 Diz Josephá: «Já está prompta
 Veste o menino, Maroca»
 «E o challes, cabeça tonta?»
 Diz Quinquina que a provoca...
 «Isto é da sua conta?»
 Não vou lá; inda mais esta!
 E perdeu missa de festa...

Não importava a ninguém
 Perdi a missa também...

Nesse tempo era menino,
 Hoje vou antes do sino.

PINCELE

(1) "Flanando" foi uma secção diaria do saudoso est. Antonio Gomes de Arruda Sa rito, que se publicava no "Commercio" de Arthur Achilles.

PARA LAVAR A PELLE — Muitas pessoas estregam-n'a com as mãos; esse processo nada vale, a não ser para chamar o sangue, mas não limpa o redor dos póros, d'ahi ser de toda a conveniencia o emprego de uma esponja ou toalha com vellos finos. As esponjas são constituídas por um aggregado de animacs da classe dos polypeiros e colhidas em certas regiões do Mediterraneo, e principalmente, nas praias das ilhas do archipelago grego; ellas chegam aos mercados cheias de atóis e de mariscos que são retirados a ma-

chlorhydrico acima indicada, a fim de as desembaraçar das impurezas que nellas se accumulam.

O doce licôr da vida,
 Nos atira o embriaguez
 Ai! dalma desilludida,
 Nas horas de lucidez!

BRITO LYRA & CIA.— Tem frequentemente o melhor sortimento de fazendas com padronagens variadissimas

MENSAGEM

Apresentada ao Conselho Municipal da capital do Estado da Parahybae, em dezembro de 1921, pelo prefeito, dr. Walfrêdo Guedes Pereira.

Srs. membros do Conselho Municipal:

Com o mesmo sentir das responsabilidades de ha um anno quando assumi o cargo de prefeito deste municipio, mercê da honrosa confiança do exmo. sr. dr. Solon Barbosa de Lucena, dd. presidente do Estado, venho a vossa presença, de accordo com o dispositivo da lei organica dos municipios, trazer-vos a resenha do que foi feito durante o primeiro anno de minha administração e, bem assim, a proposta de orçamento para o exercicio financeiro proximo futuro.

Antes, porém, de entrar no assumpto e confiante nos vossos mais vivos applausos, selo-me permitido congratular-me com vossa pela solidariedade sempre aviguarda entre os poderes municipaes e a obra meritoria do nosso honrado e emérito presidente do Estado.

Esta união de vistas assegura nossas convicções, conforta os principios que se norteiam na pratica da felicidade do bem commun e nos fortalece no proseguimento da espinhosa tarefa por nós tomada e idealmente traçada para o cumprimento do nosso dever, no engrandecimento e prosperidade do Municipio.

Como bem sabeis, muito pobre é elle, minguada a sua renda e poucos ou nullo, em relação ao que necessita, são os benefícios nelle realizados. O seu interior, bastante productor de cereaes, fructos e canna de assucar, sendo o maior fornecedor desta capital, tem estado sempre esquecido dos poderes publicos, não possuindo além de cinco escolas rudimentares, em Gramame, Conde, Riacho, Alliança, e Pitimbu, sendo quatro estaduais e uma municipal.

Na excursão que fiz, com desejo unico de conhecê-lo, vi, e senti muito de perto, ser essa gente que o povoa, em sua maior parte, atacada pelo impudismo e pela opilgação, digna de melhor sorte, precisando, portanto, de um pouco de nossa boa vontade e do nosso concurso, envidando meios e modo genuinamente republicanos, retribuindo ao povo o que vem e é para o mesmo povo, satisfazendo, desse modo, as necessidades collectivas e dando-lhe o relativo conforto de que carece. E assim entendendo, foi que, logo após minha volta dessa visita, empreendi, dentro dos nossos minguados recursos financeiros, o primeiro beneficio, iniciando uma estrada carroçavel de quatorze leguas, que, aproveitando o mais possível a estrada antiga existente, partindo desta capital, atravessando todo o Municipio, vá á Booca da Matta. Isto realizado, como penso, em tempo não muito remoto, grandes serão as vantagens que sobrevirão, não só para os nossos lavradores que abastecem esta capital, como também facilitando, sobremodo, a communicação com a capital sul vizinha.

É com viva satisfação que vos communico já estarem bem adiantados esses serviços, bem assim ter encontrado na maioria dos proprietários circumvizinhos e mesmo distantes a melhor hã vontade, vindo ao encontro dos nossos desejos, contribuindo, cada um, com o contingente relativo ás suas forças economicas.

Tevo esperanças de, com o resultado da taxa sanitaria estabelecida no orçamento do corrente anno, crear a Assistencia Publica Municipal, que irá, muito especialmente, prestar serviço á população rural deste municipio com a instituição da quinização e de vermitugos na mais alta escala possível, e, assim, con-

corretemos com essa pequena parcella para a grande e secular obra do saneamento brasileiro.

Serviços ha de inadiavel execução nesta cidade e que, em virtude de nossos exiguos recursos, não serão, absolutamente, realizados se não tivermos o auxilio e a acção efficiente do governo do Estado, que, selente perfeitamente disto, está firme, vos posso garantir, desde que as condições do Estado permittam, em vos prestar todo o seu valioso concurso, passando mesmo, para o Municipio, como é de direito, a declina urbana com os encargos della decorrentes.

Entre esses serviços, já não falando do esgôto, que é das convicções do exmo. sr. dr. Solon de Lucena, e que em breve será uma realidade, o creio, destacam-se os da planta topographica da cidade e o da remoção e incineração do seu lixo.

Não me conformo e me sinto deveras constrangido toda vez que tenho de dar o alinhamento e locação de um predio sem o complemento e condigão primordial — o nivelamento da rua onde o mesmo vai ser construido.

É, portanto, para mim um constante pesadello agit com o maximo de boa vontade, sem, entretanto, poder ter a tranquillidade de consciencia, uma vez que não sabemos qual o resultado que amanhã, com o nivelamento topographico da cidade, terá o predio hoje construido. É essa falta, srs. conselheiros, como arabo de dizer, uma grande tormenta, mas, contiante na lealdade e amparo do illustre amigo e benemerito presidente do Estado, espero que num futuro proximo teremos a nossa planta, condizendo com os nossos lóros de capital civilizada. Conseguidos estes tão importantes serviços, basta para que o lado do vosso patriotismo e de vossa dedicação, não haja esmorecimento na tarefa de bem procurar servir á causa publica, conforme meu intento e dentro do programma administrativo e politico do honrado presidente do Estado.

Deficiente, como sabeis de sobra, a nossa receita, fui forçado a fazer um augmento organomontario de accordo com a nossa capacidade commercial; porém, infelizmente, mal comprehendido por alguns, fez-se preciso um accordo entre as classes contribuintes e esta Prefeitura, resultando tão somente um acrescimo de 20% sobre o orçamento antigo, ficando, também, as novas discriminações das taxas creadas pela lei n.º 98, o qual ainda, autorizado por esta illustre corporação, foi modificado na sua execução, a contento de ambas as partes.

ECONOMIA E FINANÇAS

As assumir a direcção desta Prefeitura, foi meu primeiro cuidado examinar-lhe a situação financeira de que dependia qualquer passo administrativo, a qual, infelizmente, não era lisongeira, pois, além de quasi um mez de atraso no funcionalismo, registrava uma divida de 18.566\$891. Graças, porém, á revisão organomontaria, que nos deu um pequeno augmento, e á medida administrativa por mim adoptada, me foi permitido satisfazer todo esse debito, ficando a Prefeitura em dia com os seus compromissos, tendo ensanchas para o inicio de serviços materiaes de grande utilidade publica.

A arrecadação de todas as verbas da receita organomontaria do exercicio de 1920 importou em rs. 247.740\$534 e a despesa

foi de rs. 247:740\$534, inclusive o saldo de rs. 6:638\$094 que passou para o anno de 1921, conforme se vê no balanço anexo, apresentado pelo sr. thesoureiro desta Prefeitura.

Durante o exercicio de 23 de outubro do anno passado, quando assumi este lugar, até 31 de outubro ultimo, a arrecadação produziu, inclusive rs. 12:000\$000 em deposito no Banco do Brasil, da venda do Mercado do Porto, a quantia de re..... 309:934\$776, sendo rs. 49:128\$362 daquelle data a 31 de dezembro e rs. 260:806\$414, que, deduzidos rs. 18:638\$094 (saldo de 1920 e venda do mercado), dão rs. 242:168\$320, de dez mezes, janeiro a outubro do corrente exercicio, conforme demonstra o balanço anexo.

Além da divida fluctuante da compra de materiais para os serviços municipaes em execução, a qual não chega a mais de 2:000\$000, esta Prefeitura deve tão somente 2.700\$000, esto a ser indenizado ao sr. Isaias Aranha pela desapropriação feita para o prolongamento da Avenida dos Tabajaras; curretauto, a divida activa atinge a somma de 72:016\$376.

OBRAS PUBLICAS

Tiveram regular intensidade os trabalhos deste departamento municipal. Assim é que, além dos serviços de terraplenagem de diversas ruas não calçadas, da pintura dos corétoes, grades e bancos de todas as praças e jardins, tendo sido fornecido pela Directoria de Obras Publicas do Estado a linta necessaria, serviços outros de real proveito foram e estão sendo executados.

Entre estes, temos a considerar: o alargamento e abertura de novas ruas e avenidas; a reconstrução da Estrada do Matadouro, construção da estrada carroçavel (em execução) para o interior do Municipio, ludo até Pooca da Matia ligar-se com a estrada de Pedras de Fôgo a Goyanna; a construção do deposito publico, inclusive a pega de cães e, finalmente, a restauração da Fonte de Tambiá, de que mais adiante falarei.

É digno de nota salientar aqui a maneira com que os sr. Clodoaldo Gouvêa e Antonio Andrade, respectivamente, architecto e agrimensor desta Prefeitura, têm sabido se haver no bom desempenho de suas funções.

Procurando satisfazer uma das grandes necessidades da nossa capital, determinei, pelo decreto n.º 32, de 4 de janeiro do corrente anno, hoje transformado em lei pela vossa esclarecida approvação, os perimetros urbano e principal da cidade e regularizei as construções que até então vinham sem nenhuma norma de hygiene e esthetica estabelecidas.

Não foi bem aceita a sua execução em começo, havendo, mesmo, certo arrefecimento dos constructores, porém, actualmente, já muitos applaudem-na e acham-na boa e indispensavel.

EXPEDIENTE

Durante o anno de 21 de outubro de 1920 a 23 de outubro proximo findo, foram enviadas a esta Prefeitura, devidamente calladas, 901 petições, sendo: para construção, reconstrução e concerto de predios particulares, 310; para outros fins, 591.

Foram expedidos 244 officios a diversas autoridades deile e de outros Estados e Municipios, bem como a commerciantes e sociedades, tendo esta Prefeitura recebido 490 de diversas procedencias. Foram baixadas 206 portarias em differentes sentidos; publicados 20 decretos e convertidos em lei 4 projectos; conforme annexos juntos. Os demais serviços da secretaria, graças ao esforço do sr. Anisio Borges, tiveram a maior regularidade possivel.

FONTES PUBLICAS

Cinco eram as fontes publicas que abasteciam grande parte desta cidade, hoje reduzidas a três, e em máo estado de conservação, sendo abandonadas.

A do Gravatá, que era uma das mais importantes, situada ao lado ponte da rua Maciel Pinheiro, está completamente cheia de lixo, vendo-se, somente, pequena parte de suas muralhas acima

obstruirl-a; a Bica dos Milagres, de somenos importancia, situada ao lado sul da ladeira S. Francisco, acha-se completamente inutilizada; a Maria Feia, situada ao nascente da estrada de Manducarú, não se presta a melhoramento util de especie alguma, por ficar ao sopé de uma ladeira muito íngreme, de difficil comunicação, e mesmo por ter pouco valor; e, finalmente, e chamada Cachimba do Povo, situada no vale que fica a oeste da rua dr. Epitacio Pessoa e a Fonte do Tambiá, no bairro do mesmo nome, muito abundante d'agua e que, pelo seu valor, deve merecer grande parte de nossa attenção. Muito já tenho feito nesta ultima, com grande auxilio do governo do Estado, torrecendo-me uma turma de presos e custeis de parte do operariado, reconstruindo-a completamente, ou melhor, restaurando-a, ampliando-a e melhorando-a, fazendo banheiros publicos, tendo sido construida totalmente, desde a base, a parte que se destina especialmente à captação das aguas das diferentes nascentes, em numero de oito, e, enfim, organizando ao seu lado o Horto Municipal, iniciado pelo meu illustre e operoso antecessor em um pequeno terreno alugada á rua 12 de Maio, desta capital, e creando um aprasivel parque, como veremos mais adiante.

DIVERSOS SERVIÇOS

É este serviço um dos que bastante me preocupam e grande tem sido o esforço empregado para manter, tanto quanto possivel, a limpeza geral da cidade, tanto publica como particular. Turmas de capilladores permanecem em serviço continuo pelas differentes ruas da cidade, inclusive as de menores que fazem a capinação das ruas calçadas, com resultado mais ou menos satisfactorio.

Quanto á remoção do lixo domicilliario, que tem sido feita pela firma J. Barros & Serrano, muito ou tudo deixa a desejar, em virtude mesmo da defficiencia do proprio contracto, não cabendo aos contractantes, justiça lhes seja feita, senão pequena somma de responsabilidade.

Nó firme proposito que estou de tornar efficiente este serviço, foram publicados editaes durante cinco mezes, tendo se apresentado tão somente os mesmos contractantes, cuja proposta para remoção e incineração do lixo urbano, opportunamente passarei ás vossas mãos, pedindo vossas acaladas e lucidas opiniões.

HYGIENE E ASSISTENCIA

Com a maxima satisfação registramos não ter nenhuma molestia infecto-contagiosa de caracter epidemico, continuando relativamente boas, as condições sanitarias da cidade e do interior do municipio.

Está sendo executado com regularidade o serviço de inspecção sanitaria de gado destinado ao corte de carnes verdes expostas ao consumo publico, ainda mesmo quando vindo de outros municipios, conforme o decreto n.º 27, baixado em 20 de novembro de 1920.

Durante o anno de 23 de outubro de 1920 a 23 de outubro ultimo, foram abatidos, conforme relatório do sr. veterinario, 4.340 bovinos, 4.025 suínos, 1 ovinos e 4 caprinos, tendo sido regeitados 2 bovinos e 3 suínos, provando, assim, o zelo que o sr. Francisco Xavier Pedrosa tem pelo departamento a seu cargo.

Em obstaculo á maior boa marcha e empenho nessa fiscalização, temos o velho pardeteiro que se diz Matadouro Publico, por demais insufficiente e falho na menor condição hygienica exigida para tal fim. Ha alguns mezes venho melhorando seus arredores, com a construção do deposito publico; reconstrução da estrada; limpeza e aterros enquanto chega vosso apolo orçamentario para construll-o e saneal-o, abastecendo-o d'agua, com o aproveitamento da Cachimba do Povo, distante oitocentos metros, cuja superioridade de nivel é de oito metros, tornando-o, assim, merecedor do nome que tem, condizendo com o progresso do nosso povo e com o adeantamento de nossa capital.

Muito ou, melhor, tudo carece a inspecção do leite posto á venda em nossa capital, para espurgal-o dos elementos que alteram sua constituição normal, mas, infelizmente, nada se tem con-

seguido, a despeito dos esforços empregados, em virtude da falta de numerário para uma instalação própria, limitando-se a fiscalização em verificar tão sómente a densidade e inspecção visual desse producto. Felizmente, porém, não são os negociantes delle tão inescrupulosos e as transações usualmente empregadas, entre nós, são pela aguagem e pela adição de amido, facilmente reconhecíveis e de maleficio relativamente pequeno.

A inspecção das vacas leiteiras estabuladas e respectivas accommodações tem merecido nossa especial attenção, sendo feita com regularidade e real proveito, não havendo, actualmente, molestia alguma infecto-contagiosa, sendo ainda a desejar as condições hygienicas da maioria dos estabulos.

Custeia o municipio quatro escolas primarias mistas com uma frequencia total de cento e cincoenta creanças, sendo uma creada ultimamente pelo decreto n.º 34, de 7 de junho de 1921, já por vós approvada, destinada, exclusivamente, para os menores expatriados desta cidade.

A criação dessa escola, que mais tarde se poderá transformar em de menores abandonados, tem por fim amparar mais dignamente essas creanças desprotegidas da sorte, dando-lhes o Municipio, ao mesmo tempo, o pão para o desenvolvimento physico e o pão espirital, tornando-os, assim, homens fortes e mais aptos para a lucta pela vida. São esses meninos divididos em duas turmas de 25 cada uma, e alternam diariamente na escola e na capinação: isto é, enquanto uma, num dia, frequenta a escola, a outra trabalha na rua, sendo que a da escola sae ás 13 horas, indo trabalhar com o jardineiro chefe, aprender o que for possível de jardinagem e horticultura e pomicultura, devendo em breve ser também installada uma pequena officina de marcenaria e ferraria para consertos, onde irão também ter um rudimentar aprendizado. Sendo mal cuidados, insufficiente e não proporcional ao que dispende, é meu desejo fornecer-lhes a alimentação na propria escola, a cargo da mesma professora, para o que já estou aparelhado, correndo a despesa por conta dellas. Cada menino deixará, para isto, \$500 diários dos seus vencimentos, que são de \$200, partilhando a importância de 25000 diários, sufficientes para uma alimentação abundante e sadia, fornecida ao lado de uma fiscalização de boas costumes e de rudimentares regras hygienicas.

Com a desaproprição do Mercado do Porto para as obras do porto do Estado, ficou reduzido a dois o numero de mercados municipais: o Beaurepaire Rohan e o de Tambiá, passado ultimamente, por decreto do governo do Estado, para o Municipio, a quem já pertencem. O primeiro, muito pequeno e insufficiente, como sabeis, para o movimento que tem, podendo, entretanto, ser um pouco ampliado sem prejuizo de arejamento e luz, está em bom estado de conservação; o segundo, amplo, solidamente construido, bem dividido, bem arejado e illuminado e magnificamente situado, está, apesar da custosa remodelação e limpeza que soffreu na administração estadual passada, com a cobertura totalmente estragada e fallando os alpendres que protegem a maioria dos seus apertados do nascente, os quaes se conservarão abandonados enquanto perdurar essa falta. São de maxima necessidade esses serviços, de total substituição do zinco da cobertura e da collocação dos alpendres, sob pena de ficarmos sem os lozarios e sem a renda respectiva.

Os trabalhos que estou realizando na Fonte de Tambiá alertaram-me a idéa da criação de um logradouro publico nos terrenos a ella pertencentes, aproveitando, assim, a pequena mata ainda existente, o que fiz pelo decreto n.º 37, de 3 de agosto do corrente anno, creando o parque, que, em homenagem ao grande naturalista parahybano Manuel de Arruda Camara, tomou o seu nome. Para tornar o maior, mais accessivel e de melhor aspecto, desapropriei, amigavelmente, um terreno ao nascente, com onze metros de frente, na rua dos Bandeirantes, e cento e dois de fundo, pertencente a d. Balbina Varandas de Carvalho; e um outro, ao poente, com 4.565 metros quadrados, pertencente a d. Tarcilla Soares de Pinho, na pessoa do sr. Joaquim Antonio Soares de Pinho. Servindo de passagem para a propriedade Paul a mesma estrada da Fonte, achei de toda conveniencia tornar a independente, comprando, para isto, ao sr. dr. Antonio Botto de

Menezes uma faixa do terreno contiguo, com quatro metros de largura, por onde fiz a estrada da referida propriedade, ficando deste modo, o Parque completamente isolado. Para essas aquisições foi dispendida a quantia de 2.500\$000.

Com a reflorestação, arborização e outros beneficios que pretendo fazer, penso que ficaremos com um pittoresco e magnifico ponto de distração e repouso.

A fiscalização como departamento encarregado de fazer observar o cumprimento de todas as leis municipais, principalmente as referentes á policia administrativa, influe poderosamente na administração do Municipio. O desprestigio, porém, em que estavam os funcionarios encarregados desse serviço, grandemente diminuidos de sua auctoridade funcional, me tem creado serios aborrecimentos e dificultado sua eficiencia. Para melhor desempenho dessas funções, faz-se necessaria uma revisão completa das leis municipais, organizando-se o nosso Codigão de Posturas, no qual se adoptem as modificações que salvaguardem os interesses municipais e que a pratica tem aconselhado.

O serviço de fiscalização de vehiculos tem sido feito regularmente, de accordo com a lei ultimamente organizada, nada se verificando digno de especial menção. Foram matriculados no corrente exercicio 107 automoveis, sendo 63 particulares, 32 de aluguel, 7 officiaes e 5 auto-caminhões. Foram também matriculados 12 carros de passeio.

Este serviço, que estava a cargo do Estado, passou recentemente para a Prefeitura, já tendo sido feita a revisão das casas e a encomenda dos respectivos numeros a serem collocados. Quanto á placagem das ruas, acho de maxima conveniencia uma sensata modificação para serem conservados nomes de ruas, tirados e substituidos por outros sem nenhuma explicação justificada e em desacordo com a origem dessas mesmas ruas ou praças.

Não tendo ainda o nosso horto plantas em condições de desenvolvimento para continuar a arborização da cidade, foi, graças á cooperação do illustre dr. Solon de Lucona, sempre sollicito ás cousas de interesse geral, que consegui grande numero de mangueiras, rose e espidos, bem crescidas, compradas pelo Estado ao dr. José Vinagre, já tendo sido feita, até agora, a arborização das avenidas João Machado, Maximiano de Figueirêdo, Vidal de Negreiros, D. Pedro I, Capitão José Pessoa; praças Caldas Brandão e da Cadela e Jardim da Borburema. Com pesar vos digo, mrs. conselheiros, que mal comprehendido ainda é, por certas pessoas, esse culto, embora interesseiro, que todos nós devemos ter pelas plantas em geral e, muito especialmente, pelas arvores; pois constantes são os meus dissabores constatando estrago na arborização de nossas ruas, praças e jardins.

Embora não tenhamos um serviço organizado de combate á formiga saúva, bom resultado está dando a perseguição diariamente feita por esta Prefeitura, tão sómente com dois homens empregando o arsenico em folhagem. — No "Parque Arruda Camara" e Horto foi extinto totalmente o grande formigueiro lá existente, sendo preciso para isto o arrancamento dos seus esconderijos ou spanollas.

Julgo de maxima utilidade publica a criação de uma lei municipal, obrigando aos proprietarios a estinguirem os formigueiros existentes em seus terrenos; ou a entrarem com uma proporcional contribuição para este fim, comprometendo-se a Prefeitura a exterminar os que hajam nas vias publicas, em terrenos do seu patrimonio, do Estado ou da União.

Indo ao encontro do decreto federal, que estabeleceu as feiras livres, e a necessidade do barateamento dos generos de primeira necessidade, institui, pelo decreto n.º 36, de 15 de julho de 1921, as feiras livres entre nós, as quaes têm sido muito abundantes de generos alimenticios, productos naturaes e manufacturados variados, e vão satisfazendo bem, apesar de algumas irregularidades referentes aos preços.

Não tendo o Municipio allegoria que o distinguisse e nem servisse para timbrar seus papeis, procurei instituir suas armas, pedindo, para isto, a collaboração de pessoas entendidas na materia, obtendo, para satisfação minha, três projectos — do meu illustre amigo major Frederico Cavalcanti, do sr. Genesio

de Andrade e do sr. Frederico Falcão — os quaes, depois de bem commentados e estudados, foram fundidos num só, o que constitue as armas do municipio, cuja descripção deixo de fazer, reproduzindo aqui, na integra, o decreto baixado em 21 de outubro ultimo, em homenagem ao primeiro anniversario do governo do illustre e benemerito dr. Solon de Lucena.

«Prefeitura Municipal, 21 de outubro de 1921 — Decreto n.º 41, de 21 de outubro de 1921 — Institue as armas para o Municipio da capital — Dr. Walfredo Guedes Pereira, prefeito do Municipio da capital do Estado da Parahyba do Norte — Decreta: — Art. 1.º — Ficam creadas nesta data as armas para o Municipio da capital, que serão usadas em todos os seus papeis. Art. 2.º — As armas constam do seguinte: um escudo tendo ao lado direito dois coqueiros e do esquerdo um ramo de cajueiro com fructos, plantas estas que melhor representam a nossa flora e que constituem as principaes industrias deste Municipio; nas partes superior ás palavras PREFEITURA MUNICIPAL DA CAPITAL DA PARAHYBA, despende-se da parte inferior do escudo um laço, tendo-se nas pontas a seguinte legenda ENSE ET ARATRO (Com a espada e com o arado), o que significa que com a espada servimos a patria durante a guerra e com o arado durante a paz; abaixo do laço está escripta a data 1892, anno da organisação municipal; dentro do escudo vê-se uma estrada e o Sol nascente, representando o progresso, e um campo de criação com alguns animaes, demonstrando a nossa pecuaria. Art. 3.º — Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, 22 de outubro de 1921. Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrario. — Mando, portanto, a todos a quem a execução do presente decreto competir, que cumpram e façam cumprir tão fielmente como nelle se contém. — O secretario da Prefeitura faça imprimir o presente decreto, expedindo as ordens e communicações necessarias. — Prefeitura da capital da Parahyba, em 21 de outubro de 1921. (Ass.) Dr. Walfredo Guedes Pereira — Prefeito.»

Em virtude de grande quantidade de cães vagabundos pelas ruas, foi creado o serviço de pega dos referidos animaes, os quaes vão para uma prisão construida para este fim, onde demoram 72 horas, regularmente alimentados, aguardando serem reclamados pelos seus donos, que deverão matricular-os, preenchendo as formalidades exigidas, findas as quaes serão sacrificados. Tem sido também observada a pega de outros animaes encontrados pelas ruas e praças, pagando os seus proprietarios, quando o reclamam, as respectivas multas.

PROPOSTA ORÇAMENTARIA PARA O EXERCICIO DE 1922

Attendendo que ainda nos asseberba immensa crise mundial, paralyzando os mercados, alterando profundamente as trans-

ações commerciaes, achel que não devia solicitar-vos para o orçamento futuro, além do que nos proporciona o actual, mantendo-o em quasi todos os seus paragraphos, fazendo, apenas, algumas modificações para menos, em certas taxas, melhor discriminando e esclarecendo a redacção de outras, e juntando, desde logo, os addicionaes para effeito de mais facil fiscalização.

Supprimi o paragrapho n.º 153 da tabella n.º 1 e, em substituição, creel juntamente a taxa sanitaria, o imposto de caridade, de muito menor contribuição, cobrando \$100 por entrada nas casas de diversões, de qualquer natureza, da capital, em favor das instituições piás do Municipio.

Solicito vos nas discriminações de verbas algumas alterações de accordo com os ensinamentos de nossas necessidades.

Proponho ao vosso lucido criterio ser concedido ao prefeyto permissoa para, dentro do que fór razoavel, e caso as condições do Municipio não permittam, fazer contractos com particulares ou com alguma empresa para a construção do «Mercado do Porto», ficando o contractante explorando-o por um certo tempo até pagar-se do capital e juros, e, obrigado, enquanto isto não se der, a recolher, mensalmente, aos cofres municipaes uma porcentagem, previamente estipulada, sem entretanto, poder cobrar dos contribuintes além das taxas orçamentarias em vigor. Para a effectivação deste serviço, a Prefeitura entrará, de uma só vez, com a importancia da venda do antigo mercado.

Proponho, ainda, o mesmo com relação ao Matadouro Publico, e ao contracto da remoção e incineração do lixo urbano.

Outrosim, peço auctorização para contractar um advogado de merecimento comprovado para aproveitar o que temos de bom, confeccionar o nosso Código de Posturas e promover a cobrança da divida activa do Municipio, já relativamente bem avultada.

Ahi, estão, srs. conselheiros, as informações e as solicitações que me occorreram e que me cumpriam apresentar-vos sobre o andamento e necessidades dos negocios e dos serviços municipaes.

Excusado é declarar-vos que sempre me encontrareis, com a mais elevada consideração, ao vosso inteiro dispor para informar o que por ventura tenha escapado a esta exposição e necessarlo para o zelo e bom desempenho de vossas patrioticas funções.

Parahyba, dezembro de 1921.

Dr. Walfredo Guedes Pereira

Prefeito

“PARAHYBA AGRICOLA”

Sob a criteriosa direcção dos dres. Diogenes Caldas, Alpheu Domingues e Sylvio Torres e Antonio de Lucena, brevemente circulará nesta cidade um importante magzino intitulado «Parahyba-Agricola», que tem por programma incentivar, cada vez mais, a agricultura, a pecuaria e demais industrias que constituem a riqueza publica do Estado.

De ha muito que se fazia mister entre nós a publicação de uma revista como a «Parahyba Agricola», propugnadora dos interesses das classes laboriosas de nossa terra.

O referido magzino, a fim de melhorar e instruir os nossos agricultores, criadores e in-

dustriales nos methodos scientificos e modernos, hoje universalmente disseminados, inscriirá em suas columnas trabalhos praticos illustrados, assim como creará uma secção de consultas sobre os meios a serem empregados na plantação, criação e combate ás molestias que lhes são caracteristicas.

Pelo programma traçado pelos directores da novel revista vemos tratar-se de uma publicação mensal, que trará serviços inestimaveis a todos os diversos ramos industriaes da Parahyba, procurando desenvolvê-los através de intensissima propaganda e mostrando os beneficeos resultados advindos com a adopção de

medidas que venham exclusivamente concorrer para o beneficiamento das principaes fontes de riqueza do Estado.

O mensario em questão, conforme fomos scientificados, manterá constante collaboração de personalidades illustres no paiz e no estrangeiro, confiando-a, por conseguinte, a profissionaes competentes nestes misteres.

Congratulamo nos com os esforçados directores da «Parahyba-Agricola», que deverá circular na primeira quinzena de janeiro, pela ardua tarefa que vêm de pôr a hombros, auspiciando-lhes brihante trajetoria na imprensa indigena.

A CARLOS D. FERNANDES

A QUEDA DA ARVORE

Na hora em que o Sol dardeja e anda o socego em tudo,
vi, pasmo, o homem vibrar no tronco da araucaria
o machado sinistro, a um golpe ousado e rudo,
sob o estranho poder da força extraordinaria!

Com um gemido interior a arvore centenaria
outros golpes soffreu, sem queixa oppôr-lhe e escudo;
e, estrondeando ao redor da selva multifaria,
tremeu... tomou... cahiu dentro do bosque mudo!...

Ah! grande dôr profunda, em meu viver sombrio,
si, ao dessa arvore, aqui, tronco de igual feitio,
e vida egual te desse, em seus dominios, Flora

e, na ansia em que me vens, latente, em toda parte,
eu podesse, também, um dia arremessar-te,
Como esse tronco foi arremessado agora!...



SILVA LOBATO

A OLEGARIO MARIANO

Cyclopeo na estatura, entre as arvores, entre
os vegetaes que a flora em seus dominios toma,
é o empinado baobab, que baloiça a aerea coma
e faz com que o viajor, pasmo, o olhar lhe concentre!

Ah! por mais que o Sol queime, ascuas dardeja, e lhe entre,
a grande arvore sonha, e ergue a copa, a redoma
de folhas, no alto; e expõe ao deus que aos céos assoma,
o harto ralzame, o tronco annoso e o intonao ventre!...

Caminheiro que um dia, a andar suarento perde,
de ao pé delle, em redor, grato, o refugio encontra
na frescura e na paz da ampla folhagem verde!...

E é feliz o baobab, amando a luz que o cinge,
que é feliz todo ser que ama a Vida—anho ou lontra—
Monstro, embora, á feição de mysteriosa esfinge!

BAOBAB

DIARIO DE UM NEURASTHENICO

I

Começo por apresentar-me, como nos livros, com uma tirada que leve, outr'ora, o nome de prefácio e, modernamente, se chama prefácio, qualquer que seja o seu tamanho, da mesma forma que não se diz mais preparo e sim preparação, porque a terminação parece augmentativa.

Até hoje ainda não comprehendí a razão dos preambulos, principalmente nos grandes volumes que por isso mesmo, deveriam conter toda a materia em seus capitulos ou coisa que o valha. Afigura-se-me um gesto de quem estende a mão ou tira o chapéu antes de falar. Um gesto não digo bem: uma pantomima, que é gesto falante e também pôde ser escrevente.

O prologo, geralmente, é para escusas que, se fossem sinceras, deveriam explicar não porque se publica, mas porque se não publica a obra, ou, no contrario, para uma pontinha de elogio próprio. Sirva de exemp. o prefacio do *Espiritualismo versus phenomenismo*, do conego Florentino que, tendo tanto amor ao proximo, a ponto de rezar missas para o diabo (não quer dizer que o demo seja proximo d'elle nem de ninguém), não pôde deixar

de ter um pouquinho de amor a si proprio.

A prefacio (levetia ser masculino . . .) é escripta no fim do livro, embora vá no começo. Mas eu principiei por onde se deve principiar, porque não sei se irei ao termo, se ficarei no meio, nem mesmo se passarei do começo. Dependendo tudo de meu costado, que talvez não esteja disposto a levar pancadas até o cahir do panco que; no caso, deveria ser ensopado em vinagre, arnica ou simplesmente agua fria, como quer o prof. Gregorio, quer dizer Juvenal C. filho de Matto. Esta indiscreção talvez me custe o mais duro dos castigos: uma semana de dieta naturista sem o direito, que só assiste aos propagandistas do systema, de comer carne atraz da porta.

Volto á vacca fria que, na hypothese, é o assumpto, para não dizer que sou eu mesmo. Foi um salto mortal passar do prof. Juvenal á vacca fria ou quente. Mas de saltos mortaes vivemos vós, nonreadamente na politica e no amor.

Diário, sim, apesar do sahír quinzenalmente, por uma liberdade de . . . imprensa, de que gosou o defuncto *Diario do Estado*, que circulara com maiores intervallos e, ás vezes, de xava até de circular. Os jornaes têm dessas contradicções. Haja vista *A Tarde*, que está apparecendo de noite, affinidade com os ha-

curáos) e até na manhã que não se sabe se é a seguinte.

Para que o dr. Soledade, ultima encarnação de *Mané Vigia*, não me tome como bern-roista, estendo o reparo ao *O Norte*, que já percorreu todos os pontos cardaes, e á *A União* que, em verdade, ainda não fez causa commum com os opposicionistas, isto é, ainda não uniu. Não me tomem os dois ultimos

NO MUNDO DA CLINICA



Dr. Manoel de Azevedo Silva, illustre e competente medico allopatha, residente nesta capital.

orgams como nilista. Olhem que eu sou, como muita gente que não se fia no futuro, uma e outra coisa: de Nilo pelo coração e de Bernardes pela mão, isto é, pelo voto . . . de um neurasthenico. Atacado de uma molestia endemica na Parahyba, sou um intermediario entre o malcreado e o desordeiro. O primeiro não tem entrada nos meios de educação; o segundo tem-na, as mais das vezes, na cadeia; o meio termo tem entrada em toda parte menos na cadeia, e mais o direito de ser malcreado e desordeiro.

Para poupar futuras contrariedades decorrentes desta collaboração é que confesso a

minha forma clinica, a mais providencial das dirimentes no crime e fóra d'elle.

Estou no rol de Bidú, padre Mathias, João Florencio, Antonio Lyra, em boa companhia, como se vê, quando estão nos seus azetes, como se diz a no tempo em que não havia Tracção, Luz e Força. Hoje em dia, o que nos exaspera não é esse oleo grosseiro: é a luz electrica . . .

E aqui não finda o prefacio que, por signal, é prefacio. No proximo numero direi porque e como sou neurasthenico, como, em parte, já ficou dito, quando alludi á Tracção Luz e Força . . .

E o *diario* hoje vai ruim como . . . como . . . um prefacio.

D. ALTISSIMO

Se minha porta tem lama,
Na ma fica um lameiro;
Quando falares dos outros
Olha para ti primeiro,

Tempos houve em que os demónios falavam e o mundo os ouvia, mas depois que ouviram os politicos ainda é peor o mundo. — *Vieira*

Entre pedras e pedrinhas
Nascem r. minhos de salta;
Pega-te á feia que é firme
Deixa a bonita que é falsa.

Conselhos a uma noiva

Que a mulher accbite, portanto, solitaria e resignada, as mil responsabilidades do destino superior a que aspira.

Queres ser amada e ser feliz? Queres fazer do casamento a re-lizacção das mais puras e risonhas ambições da tua mocidade; queres fazer do teu *ménage* um modelo de tranquillia paz, de elegancia intelligente, de conforto moral e phisico?

Nes'e caso prepara-te para não ter outro pensamento, outro fito, outra idéa, outra occupação.

Muitas vezes, ao cabo de longos e tenacissimos esforços, encontrarás o desalento, a horrivel certeza de que foi em vão todo o teu trabalho, mas não desistas ainda assim, e se de todo em todo não poderes ser feliz, farás ao menos felizes os que te cercaram . . . já é alguma coisa.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

IMAGENS QUE DESLUMBRAM

A MAIS BELLA MULHER DO BRASIL e o concurso que se va e realizar

QUAES AS BASES ASSENTADAS PELA REVISTA DA SEMANA E A NOITE — PODEMOS CONCORRER A'S OLYMPIADAS DA FORMOSURA

Os exemplos no estrangeiro

A Franca, e logo depois a Inglaterra, os Estados Unidos, a Hespanha, a Italia, e agora Portugal, offercem exemplos triumphantes de concursos analogos ao que vão realizar a «Revista da Semana» e A NOITE. As provas realizadas naquellas primeiras paizes, como as que elle tua presentemente Portugal, por intermedio do «Diario de Noticias», demon-tram de sobejo o interesse despertado em todas as populações pelos certames em que se exalta o modelo mais perfeito da belleza de uma mulher, e se facilita o confronto da formosura de todas.

O contagio do exemplo fez com que outras nações se preparem para descobrir sua mulher mais bella, talando-se já nos proximos concursos da Belgica, da Polonia e de algumas nações sul-americanas, como a Argentina, o Chile e a Bolivia.

Por outro lado é idéa firmada a de um concurso internacional em Nice, ou antes de celebração das «Olympiadas da Formosura», para as quaes serão convidadas todas as mulheres de belleza victoriosa em certames nacionaes. Quer dizer que, para o anno, naquela cidade de flores, hão de reunir-se, a convite especial, ao lado das mais bellas mulheres da Franca, da Inglaterra, da Italia, de Portugal, da Hespanha, da Europa em summa, as da America, e dos Estados Unidos, como a da Argentina, do Chile ou da Bolivia.

Por que não ha de ir também a nossa mais linda patricia revelar naquellas Olympiadas a belleza da mulher brasileira?

O alcance social do concurso

No plano da «Revista da Semana» e da A NOITE, plano cujas bases dentro de poucas linhas vamos abstrah estampar, resalta, de certo, á comprehensão de todos o alto intuito patriótico que o anima, o seu extraordinario alcance social, visto que em semelhante realização é nosso unico objectivo offercer á contemplação do pais e do mundo o mais bello exemplar da mulher brasileira, seja do Norte, do Centro ou do Sul, porque não nos pertubam de modo algum quaesquer preconceitos ou sentimentos de regionalismo.

A mulher mais bella do Brasil tanto pôde ser lida desta capital e cruzar pelas nossas avenidas, e entrar em nossas casas de chá, como

andar pelo sertão brasileiro, admirando o povoado com as linhas de sua propria sombra reflectida nos caminhos em noites de luar. Demais, esse concurso virá sem duvida despertar grande interesse pelos estudos da raça que se va firmando, evoluindo para um typo unico ou diferenciando-se de accordo com as diversas regiões e influencias historico-sociaes.

O concurso, proclamando a mulher mais bella do pais, vae naturalmente permittir que se cotejem as bellezas de todos os nossos Estados, como as Olympiadas de Nice hão de

As phases do concurso

O importante concurso organiza-se pela «Revista da Semana» e a A NOITE, com o auxilio effica e indispensavel de toda a imprensa dos Estados, será processado em três phases distinctas que vaem por três concursos, isto é o concurso dos municipios, o concurso dos Estados e o concurso da capital, sendo os três regulados pelas seguintes bases:

Concurso dos municipios

1.º O prazo para a realização dos concursos em todas as capitales e municipios do

CYCLO

Antevisão de um bem que se procura,
ao penetrar na liça—eis a esperança!
O coração delira, o sol fulgura,
e, pelo Ideal, ao sol, ergue-se a lança...

Trava-se, então, a lide accessa e dura,
e o braço tomba, e a mão torcida cansa;
a Gloria é triste, o Amor é desventura,
ano-a faiz de um bem que não se alcança...

Pende o sol para o occaso, no declinio,
e a alma se põe a recordar, serena,
rubor de aurora, alvorecer sanguineo...

Noite cerrada, enfim. Deixando a arena,
penetramos o inógnito Dominio:
—Sombra, que nos redime ou nos condemna...

J. PASTOS CABRAL

permittir que se confrontem as mulheres mais bellas de todas as raças. O interesse do confronto nacional sabe de ponto quando se alenta na diversidade dos nossos modos de formosura, na variedade de belleza brasileira, nos factores multiplos que a plasmam, desde o Amazonas até o Rio Grand do Sul, tornando, por vezes, inconfundiveis a mulher do interior e a do littoral, os typos das fronteiras do Prata com os que florescem nesta capital, os do Paraná com os de S. Paulo, os de Pernambuco com os da Bahia.

A comminação dessas circumstancias não nos escapou por signal a organização do plano, por isso que faz parte do nosso programma um apello aos homens de sciencia e letras, no sentido de enriquecer a grande prova de monographias sobre a mulher de cada Estado ou das varias regiões do Brasil, o que servirá de base solida para um serio estudo ethnographico do nosso povo.

Brasil será de oito mezes prorrogaveis, desde a presente data até 30 de maio de 1923.

2.º Nas capitales dos Estados, o jornal incumbido do concurso promove á entre os seus leitores a eleição nas mesmas condições estabelecidas para cada municipio.

3.º O concurso em cada municipio será realizado pelo jornal local, por votação popular.

4.º Os votos deverão ser inscriptos em boletins publicados no corpo do jornal ou por elle distribuidos entre a população eleitoral de ambos os sexos.

5.º A votação deverá realizar-se dentro de um prazo não superior a dois mezes, a contar da data da recepção do convite annexo, de modo a permittir a publicação antes de 30 de maio de 1923, dos resultados das eleições apuradas em todos os municipios do Brasil.

6.º O resultado de cada eleição deverá ser communicado immediatamente ás redacções da REVISTA DA SEMANA e a A NOITE, jun-

tando á acta da apuração dois retratos da senhora ou senhorita mais votada.

7.º Todas as noticias do concurso, nas suas diversas phases, deverão ser dirigidas á redacção da A NOITE, com a designação, na sobrecarta, de "Concurso de Belleza".

8.º Os dois retratos serão remetidos ás redacções da REVISTA DA SEMANA e da A NOITE, com o direito de ampla reprodução. Estes retratos terão no verso a designação do nome da eleita, o numero de votos que obteve, o municipio onde se procedeu á eleição e o jornal que a promoveu.

9.º Os retratos deverão ser de busto, nunca menor de formato album.

10.º As despesas de photographo correrão por conta da REVISTA DA SEMANA e da A NOITE, organizadoras do concurso, que satisfarão a sua importancia logo que esta lhes seja communicada.

Paragapho unico—O concurso da capital realizar-se-á no mez de abril de 1922, por suffragio da população, nas mesmas normas dos concursos municipaes.

As condições regulamentaes do plebiscito serão com a necessaria anticipação publicadas pela REVISTA DA SEMANA e a A NOITE, que providenciarão no sentido de dotar o concurso de todas as indispensaveis garantias, não poupando esforços para que elle revele o exemplar typico da belleza carioca.

Concurso dos Estados

1.º Decorrida a primeira phase do concurso, a A NOITE e a REVISTA DA SEMANA submetterão a um jury reunido na capital de cada Estado os retratos das eleitas nos concursos dos municipios, a fim de que entre ellas seja escolhida o mais perfeito typo de belleza estadual.

2.º Este jury será composto de personalidades eminentes de cada capital de Estado e organizado por iniciativa do jornal incumbido das operações do concurso.

3.º O prazo para organização da segunda phase do pleito expirará improrogavelmente no dia 1 de julho de 1922. Os resultados de cada julgamento serão communicados com a maior brevidade ás redacções da REVISTA DA SEMANA e da NOITE, pela remessa das actas respectivas.

Concurso federal

1.º A ultima prova do Concurso de Belleza, que dependerá da decisão de um jury escolhido pelos directores da REVISTA DA SEMANA e da A NOITE, deverá realizar-se no Rio de Janeiro, no dia 1 de setembro de 1922.

2.º O jury incumbido da prova final, composto de personagens illustres nas letras, no jornalismo e nas bellas-arts, proclamará nesse dia, entre as 21 eleitas dos Estados, a mais bella mulher do Brasil.

A collaboração da imprensa estadual

Como se vê das bases supra publicadas, o exito do concurso-repousa na collaboração da imprensa dos Estados, no auxilio dos jornaes das cidades e villas. O appello que os promotores do concurso fazem aos seus confrades de todos os Estados da Republica, está formulado na seguinte circular, assignada pela direcção da A REVISTA DA SEMANA e da A NOITE:

"Illmo. sr. director e prezado confrade.

A REVISTA DA SEMANA e A NOITE, combinando a sua acção no mesmo empreendimento, solicitam o apoio de V. S. para a realização no Brasil de um concurso de belleza feminina, grandioso certamente que proclamará entre nós, como exacta expressão do

EBRIO

Meia noite, O marido inda não veio.
Está na rua, em grande bebedeira,
Enquanto inda a esposa sem canceira
Tendo o filho pequeno junto ao seio.

Alguém abriu a porta sem cuidado.
E' elle. Contento vem controlando.
Encontra a esposa triste, solganço,
A beijar ternamente o filho amado,

Chega-se á ella, e, com brutalidade,
Tira a loura creancinha dos seus braços
Apertando-a em estupidos abraços.

Depois, num gesto de leviandade,
Destampa uma garrafa, e, calmamente,
Bebe copos e copos de aguardente.

ANGELO CATENDE

suffragio nacional, a mais perfeita representante das qualidades ethnicas do nosso povo, no que respeita ao conjunto harmonioso das graças da mulher.

Na impossibilidade de acompanhar os exemplos de "Le Journal" e do "Daily Mail" que conseguiram facilmente proclamar as mais bellas mulher da França e da Inglaterra, consideramos condição essencial de exito distribuir em três provas consecutivas esta vasta iniciativa, de modo a condensar na terceira e ultima o julgamento expresso nas duas provas anteriores.

Ao 1.º concurso, que deve simultaneamente interessar todos os municipios do Brasil, será concedido um prazo de oito mezes, dentro do qual o diario ou periodico da localidade submetterá á votação dos seus leitores a escolha da senhora ou senhorita que elles considerem a mais formosa dessa circumscripção territorial. Sendo a prova de inicio, esta é, sem duvida, a mais importante, constituindo-se em alicerce do edificio total do concurso. Compreende-se que as populações dos municipios, impulsionados em massa por emulação justificavel,

prestigiarão nessa campanha a iniciativa dos órgãos locais de publicidade.

Dois retratos da eleita, obtidos no melhor photographo local—despesa que correrá por nossa conta—nos serão enviados depois da apuração final.

Toda a correspondencia relativa ao certamente será remetida á redacção d'A NOITE, que acompanhará as phases do concurso, mantendo a população da capital do Brazil no minucioso conhecimento do grande pleito registando quotidianamente todas as noticias a elle referentes.

Encerrados dentro do prazo determinado os concursos municipaes, proceder-se-á nas capitales dos Estados, por decisão de um jury constituído de figuras eminentes, a escolha da mais formosa no concurso de todas as formosuras estaduais.

Estes juries reunir-se-ão no dia 1.º de julho de 1922. Ultima-se com elles a segunda phase do pleito.

Finalmente, no dia 1.º de setembro, um grande jury procederá no Rio de Janeiro á eleição, entre as 21 premiadas dos concursos estaduais, da mais bella mulher do Brasil.

Como V. S. terá perfeitamente comprehendido pela succinta exposição do nosso programma o exito deste arrojado empreendimento repousa quasi exclusivamente na iniciativa dos nossos estimados confrades estaduais. Os concursos das municipalidades, a cargo dos órgãos da imprensa local, constituem a base das seleções posteriores. Pela primeira vez este certamente congrega todas as influencias da imprensa nacional, na conquista de um mesmo objectivo, cujo alcance patriótico e esthetico será inutil encarecer.

Confiado em que s. s. não recusará a este empreendimento o dedicado e valioso concurso do seu jornal, e ficando á sua disposição para todos os informes que lhe sejam necesarios, subscrevemo-nos com a mais distincta consideração e sincero apreço, etc.

Livros novos

VERSOS—Pericles Barrêto—SERGIPE

Temos sobre a nossa banca de trabalhos o livro de versos do malogrado jovem sergipano Pericles Barrêto, morto tragicamente em sua terra em 1918.

Trata-se de uma publicação póstuma carinhosamente feita por pessoas da familia e amigos do indoloso poeta, que apenas contava 20 annos de idade.

Pelas produções enfiçadas nesse voluminho vê-se quanto perderam as letras sergipanas com o prematuro desapparecimento do distincto intellectual, que em tão verdes annos já se affirmava uma segura esperanza da Patria, em cujo culto elle vivia:

"E eu que em ti vivo em culto verdadeiro
Acclamo teu valor, que o mundo acclama,
Vendo sagrado o povo brasileiro."

Agradecemos a offerta dos Versos que nos foi feita por intermedio do no-so prestimoso collaborador João Cabral, residente no Rio de Janeiro.

UM FORRÓ NO CATOLÉ

ERCAN

(DE UM LIVRO EM PREPARO)

Me convidou, besta de Festa, um companheiro
Dunga feito no pandeiro
P'ra mim samba eu i toá
Com Manezinho, jove moço, muito mole,
Mas bichão tocando fole,
Cunhicido sem iguá.

De uma cabôca, das mais bruta qui hai na roça,
Muito teia, baixa e groça,
Qui nem sapo cururu,
Chega curria, quando deu vinte pinote,
Suô grôço do cangote,
Cum catinga de timbú!

(Istruhio) — Ai, sá Chiquinha!
Qui horrô crué!
Nunca vi tanta canaja
No sertão do Catolé!

A brincadêra era na casa de um vaquero
Qui no ofiço era o primêro:
Neco Ogêno Niclau.
Me preparô, c'u vjôlho e os camarada
E marchemo, Pula istrada
Já cantava co bacuru.

Quando chegemo no terrêro da paioça,
Diz Rumão: «Pur eça joça
Já tô canto de ispera!
Chegaro os musgo, tão aqui, seu Pêdo Soiza!
Muita gente, anima as coisa,
Qui a foigança é de ronca!»

Acim qu'intrei, tuncê tenença da negrada...
Vendo as coisa bem safada,
Fui falando p'ra Mané:
Toma côidado, bem côidado, im meu amunço,
Manezinho: êce furdunço
Vai virá sarapaté!

Pêdo Rovinho, de camisa azul, de meia,
E um cigarro atraz d'ôrêta,
Apôlhado num pilão,
Tava sereno! tão bêbinho qui não via
Nem o cuspe qui cuspia
Fazendo pôça no chão!

Uns cinco cabra, já banzêro de cachaça
Inda ôlava p'ra cabaca
Cum vontade de imbicá...
E outros cabôco, nêgo, branco, curiboca:
«Vamo, vamo! Toca, toca!»
Pegou tudo a valia...

Toquemo um chute qui pidiu seu Malaguêta,
De parêta cum-a preta
Dos cabêlo de cupim
Ai, sá Chiquinha, no tô-fô dêca festança,
Cum cem braça de distancia
S'ispaiava o pituin!

Dançava Aurora, de ôlo pardo, cô de praia,
E um charuto bem pacaia,
Cum sá Chica Cuncelção,
Nêga buxada, qui nem pé de macahiba
Finha cara de gorila...
De muê não tinha, não!

Vimo outra nêga de ventão isparalada
E de boca bem laseada
De minino se açombrá,
Cum um pé belecho dos maio piaduracão,
Qui nem dois bruto chucão
Nas ôrêta a imbalança...

Zé Culodino, valentão da fala rôca,
Catrusava eça cabôca
Cum tenção de namora,
Mas a cabôca era já norva de um sujeito,
Cachilado intê nos peito,
Condemnado p'ra brigá!

O cabiludo ahí berrou: «Dê-se a respeito,
Capadoco! o meu dêreito
Eu não dou nunca a você...
Cachorro lato, mia os gabo, ronca os poico,
Mas cummigo bicho afôito
Só se mete é p'ra perdê!»

Seu Culodino disse acim: «Eu não me aguenta!»
E prantou-le, pulas venta,
Um bufete de laska.
Fêchou-se o tempo: se atracaro e fóro ao barro...
Eu sinti logo um pigarro
E vontade de isquipá...

A vêia Zefa, da laigura de uma pipa,
Cum Miguê perna de ripa
Se isbarrou, de supetão...
Im riba d'eu cabiu (qui horrô!) qui nem rebôlo...
Quagi péro os meu miôlo!
Pá! quebrou meu violão!

Não vi, nem selo, qui atrivido tão ôsado
Se laigou dos seus côidado
E a candêta bratifou...
Haja cacête, haja bufete, haja supapo...
Me arrancaro inome lapo
Bem atraz, no palitô.

Quando o tranquero se atrochou na casa iscura,
Manezinho, cum trimura,
Dixe acim, p'ra banda d'eu:
«Ai, qui trumenta! de tê mêdo eu já m'inroco...
Companheiro, acenda um phosco:
Meu cachimbo se perdeu!...»

Ahí, nós fumo se agachando, qui nem gato,
E ganhemo logo o mato,
Puchando bem pulo pé...
Cum meia legua de loujura nósuvia
Os cachorro qui latha
E o berrêro das muê!

Dispois dois dia, quando o só quiarlava,
Quando os galo já cançava
De cantá «eu-cu-rucê»...
Ai, sá Chiquinha, me dixero, minha fia,
Nêgo bêbo inda drumla
Nas tôcêra dos bambú!

ERA NOVA

O PROBLEMA DO ENSINO

INSTITUTO BANANEIRENSE — Impressão do General Cardoso de Aguiar

Ha na cidade de Bananeiras um estabelecimento de instrução modelar, que pôde competir com os melhores no genero.

Amplamente instalado em confortavel pre-



DR. DYONISIO MAIA

do com todos os requisitos necessarios pela moderna pedagogia, o Instituto Bananeirense ministra todo o curso de humanidades, dispondo para isto de habilitado corpo docente, agora mesmo accrescido de mais três proficuos e reconhecidos capacidade profissional.

Nos ultimos exames que se procediram no Lyceu Parahybano, os alumnos daquelle estabelecimento obtiveram approvações lisongeiros nas materias em que se habilitaram.

Actualmente o professor Pedro de Almeida encontra-se no Rio de Janeiro com o fim de obter novo material escolar e um gabinete de Physica e Historia Natural de que o Instituto está carecendo.

Nessa viagem o sr. Pedro de Almeida, que é uma segura revelação pedagogica, observata na metropole do paiz os melhores methodos de ensino, indo até a culla capital de S. Paulo, cujos progressos de ensino assimilara.

Dest'arte fica a Parahyba com um excellento educandario em Bananeiras, que ha de attrahir as vistas dos seus paes de familia, pela amenidade do clima e optima localização da quella cidade, prestes a ser ligada a esta capital por estrada de ferro.

Felizmente a iniciativa particular no ramo de instrução tem vindo ao encontro dos governos, que por seu turno se não têm descu-

rado deste importante problema. Já se comprehendem os nossos dirigentes de que a analphabetização de um povo é o estorvo mais forte ao desenvolvimento do Estado.

Não pôde haver evolução moral nem desenvolvimento algum numa sociedade de ignorantes: todo o esforço nesse terreno seria imprudico, dada a negação do analphabetismo á prosperidade de nossas melhores instituições.

Apesar dos esforços dos nossos governos pouco se ha feito no interior relativamente ao ensino publico.

As escolas são em muitos logares desprovidas dos moveis necessarios e deapparelhos imprescindiveis para a boa marcha dos trabalhos escolares.

Os predios são geralmente sem as accomodações proprias, estreitos, acanhados, sem hygiene, pela deficiencia da verba para os respectivos alugueis.

São, portanto, para estimar os beneficios que neste sentido decorrem das iniciativas particulares que quando bem orientadas não podem

de cem alumnos; a sua matricula atingiu o anno findo a 90 alumnos, sendo 60 internos.

E' de esperar pelas razões expostas que no proximo anno lectivo o Instituto Bananeirense



PROFR. PEDRO ALMEIDA

augmentar a sua matricula, já bastante numerosa.

Constitue motivo de satisfação as opiniões alheias com respeito ás nossas coisas, mormente quando ellas partem de pessoas eminentes, já de si menos insuspeitas; por isso estampamos mais adiante a impressão que o general Cardoso de Aguiar, quando de sua visita á florescente cidade de Bananeiras, deixou sobre o Instituto.

Illustramos tambem esta rapida noticia com os cliches dos ses. Drs. Dyonisio Maia, Pedro Almeida e Pedro Anizio, respectivamente director, vice director e secretario do conceiho collegio.

Est a impressão do general Cardoso de Aguiar:

«Foi magnifica a impressão que tive deste Instituto, porque senti de modo bem vivo o estorvo dos bons patriotas que conseguiram esse grande objectivo, o de ministrar a instrução aos nossos pequenos patriotas, esperança de nossa Patria. Eu os felicito a todos—General Alberto Cardoso de Aguiar».

Em 1919 a Parahyba figurou como contendo o maior numero de analphabetos dentre os demais Estados da Federação; graças po-



DR. PEDRO ANIZIO MAIA

frassar. Haja vista o estabelecimento a que nos vimos referindo, que conta cerca de quinze annos de existencia e passa agora por uma phase de renovação.

Ultimamente adquiriu mais um pavilhão e tem presentemente capacidade para accomodar mais

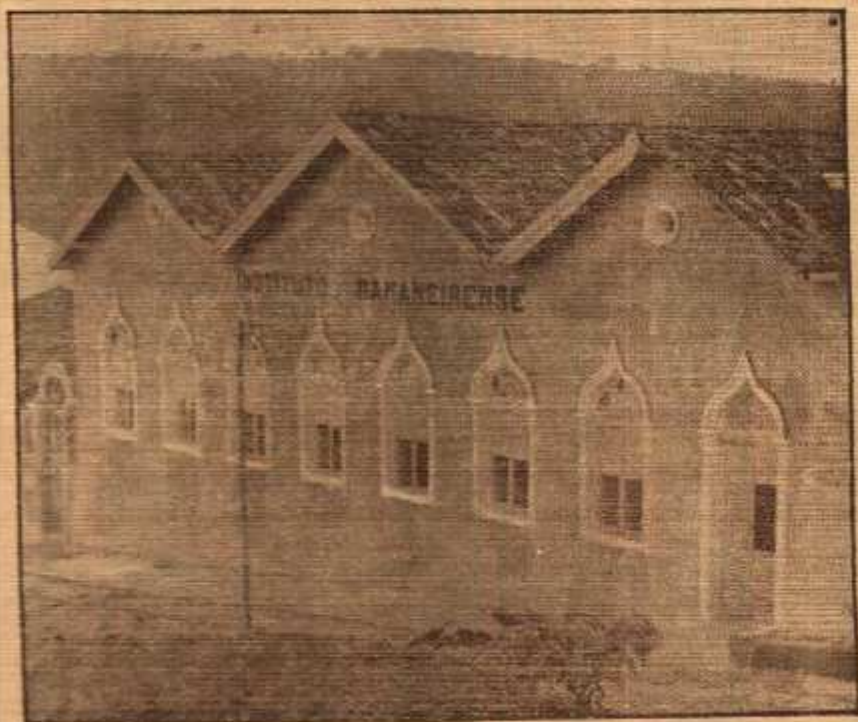
...pães essa colação que tanto a amica
quinhava já cedemos a outros menos cuida-

ERA NOVA

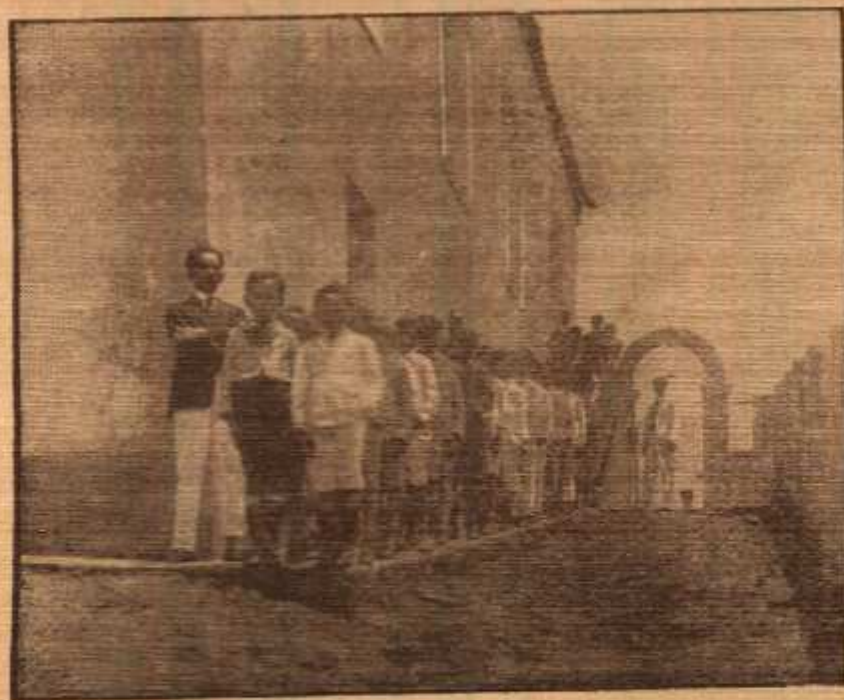
rem aos esforços dos governos estaduais e municipais essa colação que tanto nos amica-
quinhava já cedemos a outros menos cuida-
dosos com o problema do ensino.

Muito tem concorrido para figurarmos no primeiro plano dos Estados que mais se interessam pelo problema nacional de combate ao analfabetismo o grande numero de estabelecimentos de ensino desampliados no interior da Paraíba. Logares ha em que existem mais de um estabelecimento que muito bem podem rivalizar com os congêneres de nossa capital. Dentre estes figura o Instituto Bananeirense, o qual está fadado a um futuro promissor e em época proxima. Especial carinho preside ao ensinamento de todas as materias que compõem o seu curso. Professores competentes e perfeitamente integrados em suas funções muito concorrem para o justo renome que goza o estabelecimento que, por todos os titulos, se impõe á nossa consideração.

Não seriamos sinceros se desconhecêssemos os beneficios que ás populações das zonas brejeira e sertaneja tem proinado o meritorio educandario.



Edifício em que funciona o INSTITUTO BANANEIRENSE



Alunos em formatura para recreio

A instrução, como nós todos o sabemos, é um dos maiores factores para o engrandecimento de um povo. Sem instrução as populações do interior desconhecem o que seja patria e portanto lutará o governo com grandes difficuldades para chamal-as ao cumprimento do dever quando se fizer mister.

Esse magno problema será resolvido, aos poucos, com o auxilio dos particulares, accudando a obra dos governos, grandemente em penhados na sua solução, que, objectivada, nos collocará no plano em que realmente devismos estar no concerto das nações, na parte referente ao saber dos seus filhos.

E' increditavel que em um país como o nosso dois terços da sua população viva a braços com a praga do analfabetismo, deixando obscurecidos tantos espiritos que podiam brilhar nos multiplos affazeres da actividade humana.

Esta revista, desvanecida, publicará sempre os esforços postos em praticas por quem quer que seja para diffusão do ensino, sendo sem pre motivo de satisfação noticiar iniciativas grandiosas como a do Instituto Bananeirense.

BONUS DA INDEPENDENCIA

Compras por 20\$000 um BONUS DA INDEPENDENCIA e tereis direito a 20 entradas para a Exposição do Centenario e aos premios de ... 50\$000 a 500:000\$000.

FARPAS & FISGAS

Ecce iterum Ovispinus! Eis-me de novo, leitores, reclamando para as vossas frías e frias vossa sempre benevolenta atenção, depois de um involuntário retratamento em que dei treguas à vossa paciência. Não tenho, por isso, de que vos pedir desculpas, e antes devo felicitar-me, pelo prazer que vos dei com a ausência temporária, mas, ainda assim preciosa, desta enlaidada seção. Quantos que morejam na imprensa não poderiam, imitando-me, tornar-se também credores de vossa eterna gratidão! Se o fizerem daqui até 25 de dezembro — que rico brinde de festas para todos nós, os seus heroicos e esforçados leitores! Se deixassem para fazer-o no próximo anno vindouro, com que propriedade lhe chamaríamos o anno da graça de 1922!

Que trará nas dobras do seu discreto vên esse novo Adonis, para quem ora convergem, numa enervada homenagem, todos os olhares, de supplicas, esp'ranças e ambições?

Sua condição é analogá a de um chefe de governo, no inicio de sua bem augurada gestão, e que entre o fumo das isonjas e o arrocho das innumeras pretensões, qual mais absurda e descontraída, ha de operar um milagre que o proprio Christo não conseguiu realizar na terra — agradar a todos. E a f' do festejado idolo, no tragico e azulado dia, em que, por fundadas razões, deixar de atender a um só, entre noventa e nove pedidos, porque será destituído do seu esplendido throno, declarado réu de alta traição e, como tal, apposto ao pelourinho do opprobrio e da infamia! Anno de 1922! serás saudado, com regosijo, em todo o universo; mas, ou eu me enganar muito, ou a tua sorte será a mesma dos teus míseros antecessores, semelhante, na feliz comparação de José do Patrocínio, a aquella celebre João Valjean dos *Miserables*, de Victor Hugo, — magro, esqualido, fugitivo, vendo em cada coisa um espectro, prompto a prendel-o e justical-o! E es que, lá para este tempo, lerem ou souberem que te defendi, ficarão tão escandalizados quanto eu, pelo menos, liques, ha largos annos passados, quando o Cotilano de Medeiros, numa das folhas do tempo, defendeu Judas Iscariote! Fez mal com isso o nosso ex-ro Medeiros. No outro dia perambulavam aqui, radiantes, os discipulos do famoso traidor, aspirando tambem a calorosas defesas... Desde então proliferou, como nunca, essa praga, em nossa terra. Já não é um chefe de estado, traindo a confiança dos membros do seu partido. Já não é, por seu turno, um membro de

partido, rebellado contra seu chefe, e cuspiendo hoje a mão que hontem o alçou da miseria. Já não é o rapazelo volúvel e tratante, fugindo ao compromisso de casamento, que assumira entre tantos protestos e juras... Já não é, tão pouco, a moçoila inconsequente e trivial, que, a despeito dos rogos e ponderações paternas, retira a palavra dada ao noivo — homem de bem, e com posição social nobremente definida, — para aceitar a corte de qualquer *almofadinha*. Já não é a criança bisbilhoteira e má, prompta a contar ao abelhudo vizinho particularidades altamente compromettedoras, que ella apanhara na intimidade facil-



GREGÓRIO DE MATTOS

do lar... São os proprios nascituros... muita vez se annunciando ao mundo, contra a expectativa dos imprevidentes paes...

Estas considerações vêm-me de tropel ao bico da penna neste dia para sempre memoravel em que, pela vez primeira, appareceu sobre o nosso ingrato planeta o homem destinado a ser victima da mais revoltante e monstruosa traição que nunca houve até hoje, — Jesus Nazareno, vendido por Judas, tres vezes negado por S. Pedro, crucificado e morto, sendo o maior dos Justos, por culpa manifesta de um juiz, a quem exprobram hoje mais a fraqueza do que a provavel maldade...

E' certo, porem, que um homem de recta ju-

tenção, pode, por fraqueza, commetter deslizes no terreno da justiça. Se, por exemplo, reconhece o direito de uma parte, mas lhe denega a graça impetada, por intrigantes suggestões de terceiros; se faz indebitas concessões a outra, com receio de lhe incorrer no desgado, ou no de algum dos seus poderosos *pistolões*; e se, por falso e vão sentimentalismo, deixa de punir um subalterno, quando passivel de merecida correção; ou de demittil-o, quando, embora não haja committido fallas, as não são necessarias suas onerosas funções, — tal homem, evidentemente, não pode, com justiça, ser reputado forte. E de todas essas communs e lamentaveis fraquezas, a de mais graves e menos not-das consequências, a contra que devemos estar sempre prevenidos pela frequencia com que nos salteia, sem nem sequer darmos por isso, é a que, de proposito, assignalei por ultimo; porque, longe de passar como fraqueza mesma, é assignhada como exemplo de rara virtude, como prova de elevado altruismo, ou de que se possui bom coração. Tendes a vosso cargo o desempenho de uma ardua missão, e não punis, pelos citados motivos, o empregado em falta para convosco, ou para com a boa marcha do serviço que f'nhels os requisitos para bem superintender, — que — não falta logo quem diga — possuis um bello, um excellentes coração!... A verdade, porem, é que vos mingou, neste caso, a necessaria fortaleza de animo.

Parallela a essa, ha outras curiosas inversões. Entra um homem, com bons modos, numa repartição, para tratar de negócios. O chefe, curvado sobre a papelada, não dá tino do que entrou, e só, quando este lhe dirige urbanamente a palavra, levanta com entono a cabeça, oua o de soslaio e responde com azedume. Estúpido! era como no outro tempo se chamava a um typo destes; hoje diz-se que é *neroso*, e apruas, para certos casos, quando a estupidez sobe ao cumulo, se reserva um epitheto mais forte — o de *neurasthenico*.

Semelhantermente, quando um sujeito é por outro accusado a tua das amarguras, calumnias, deprimido, achincalhado, e volvidos os tempos, se reconcilia com o algoz de sua honra, sem lhe pedir satisfação pelos pungentes ultrages, tem *bom genio!* — é como hoje todo o mundo diz.

Sim, mas antigamente, quando se davam ás coisas os seus verdadeiros nomes, dizia-se sem vergonha! e toda gente o tinha, de facto, como um perfeito canalha.

Esta ultima especie me é particularmente

antipathica, porque, pelo facto de, no caso de que se trata, rezar pela velha cartilha, sou, por alguns dos meus illustres ex-amigos, tido, injustamente como homem de maus bofes . . . O dia, porem, não é só proprio para recriminações. . . Se elle nos infunde tristeza e pesar, por ser o anniversario do Homem — Deus TRAIUO, tambem nos verte nalma o balsamo de uma grande, de uma immensa, de uma tu prena consolação — é o natal DAQUELLE que, nas mãos do Todo Poderoso, foi o docil e providencial instrumento de nossa admiravel e gloriosa Redempção! Natal! . . . Aonde te-reis ido, gentil leitora, passar este grande dia? A' praia? Lá ha, de certo, muita animação, mas poucas probabilidades de maurimonio . . .

Este facto realmente extraordinario, num meio delicioso, em que tudo nos desperta a volupia dos sentidos para mim só encontra explicação no retrahimento excessivo a que se votam, alli, as meninas casadoiras. Outros quereirão ver a causa do que digo, precisamente no contrario. . . Seja como fôr, os passatempos na praia são contra indicados para as moças que aspiram á maridança. O melhor é permanecer em casa, não sair da fazenda, ficar mesmo no *eugenho*. . . A solidão só é contraria ao casamento quando vai até á separação dos sexos. Em havendo, porem, alguns rapazes é faciisimo arranjar-se um par de botas . . . Estou-me rindo, porque daqui vejo um, muito proximo a ajustar-se . . . Passe, porem, o leitor, e a minha formosa leitora,

o natal onde quizer: desejo-lhes muito boas festas e uma entrada *imponente* no anno de 1922. Desejo-o de coração, e não por *detrás das costas*, apesar do meu *clichê* se vos apresentar de costas . . . Mas reparem bem que sou eu mesmo . . . Com o Juvenal Coelho, a quem tenho visto attribuir-se a autoria destas tolas cavaqueiras; nada tenho de commum, senão o tamanho dos orelhas, que aquelle nosso confrade tem grandes de mais para gente, enquanto mais de uma pessoa conheço que as possui pequenas de mais para burro.

Advirto que não é meu o remoque, aos que tiverem orelhas minuscultas. . .

GREGORIO DE MATTOS.

ASPECTOS AMAZONICOS

AURI SACRA FAMES

A imponencia e a magestade dos scenarios amazonicos tantas vezes decantadas por decenas de escriptores e cientistas, ao mesmo tempo que desequilibra o senso analytico dos primeiros e empolga a imaginação dos espiritos menos propensos aos devaneios, ha pervertido, por outro lado, desde as recuadas éras do seu descobrimento, as uelheores intensões da maioria dos seus exploradores.

As suas selvas mil vezes devassadas pelo olhar prescuidador dos botanicos e naturalistas, têm sido igualmente theatro de mil tragedias sanguinolentas e burlescas; umas e outras, inaugurou-as Lopo de Aguiar, em 1561, com o assassinio de Pietro de Ursua, e com o reinado de opreção do seu comparsa Fernando de Gusmão, victima, por seu turno, dos planos homicidas daquelle perverso bandeiro.

Ainda hoje o silencio das solidões e a espessura das grandes matias encobrem e abafam os ecos afflictivos dos mesmos dramas que alli se repetem, *malis matandis*, sob o regimem feudal dos seringares inhóspitos.

Insulados no isolamento angustioso daquelles "desertos dagua", como classificara Mayne Reid, assalta, dentro em pouco, o espirito dos que se internaram, como inoportunos intrusos, no recinto dadivoso e hospitaleiro das plagas amazonicas, o pavor do ermo e com este a idéa da desercção.

Faz-se preciso abandonar-as quanto antes e enquanto podem reagir, para se não deixarem vencer pelas proprias forças mysteriosas da natureza que os enxotam, acoçando-os com a malaria, com as polynevrites ankiliosantes, com as dysenterias coleriformes, com as le-

chmanias corrosivas, com as horrendas deformações produzidas pelos nematodeos de Bancrofti e pelos bacillos de Hansen. E não ha fugir e escapar de tantos males senão por meras eventualidades do acaso, ou pela adopção dos mais rigorosos preceitos de hygiene e prophylaxis individual; elles se transmitem e se propagam pelas investidas inevitaveis dos ensames culicidanos, ou traçoiramente pela propria agua ingerida, supercarregada de amebas, de cercarias e da desova dos helmintos desglobulizantes.

Ao natural instincto de conservação, pela fuga, allia-se como que por uma especie de hereditaria fatalidade, a preocupação do maximo de proventos, no minimo de desamorosa permanencia.

Domina-os, então, a obcecação do enriquecimento facil, tal como a sentiram os seus mais remotos colonizadores.

Despertam ce-lhes nesse momento de doctia satisfação dos mais desregrados appetites, para o aprestamento da partida, todos os sentimentos adormidos de selvagem animalidade. As tropelias e violencias de toda a sorte, succedem-se, então, com uma intensidade proporcional á resistencia dos explorados.

Assim tem sido e assim ha de ser por muito tempo ainda, enquanto o homem não se alfeiçoar á terra de maneira mais desinteressata, enquanto a terra não offerecer ao homem melhores condições de estabilidade, sem o espantallo apavorante das suas multiplicas endemias.

Sobre a colonização da Amazonia poderemos dizer o mesmo que Peschel dissera em relação ao povoamento do Novo-Mundo: ". . . foi o maro ou a illusão do ouro que povoou quasi toda a America. . .

A synthese historico-social de todo um continente resumida nessa dolorosa verdade, é, restringindo-se o parallelismo, o resumo historico do povoamento do grande pantanal do septentrião brasileiro.

Vem de longe, dos primeiros dias do seu imperfeito conhecimento pelos navegadores da epoca, as temerosas investidas ao desconhecido para a descoberta dos vultuosos thesouros que se diziam accumulados no mythico Eldorado.

A convicção da sua existencia real deu logar ás successivas expedições de Ursua e Orellana, dos Pizarro e von Huten, de Hortsman, Quesada, Belalcázar, Walter Raleigh, de Berrio e dos que lhes seguiram as pegadas aventureiras atravez da trama potamographica do immenso valle sul americano.

Procuraram n'õ, em vão, do planalto cundinamaguez e das grimpas do Parima ao tujucal das varzeas amazonicas; das cabeceiras do Orenoco e das ribas do Guatavita ás margens do Yapurá, ainda hoje conjecturado, reza a tradição, como o repositorio de ouro e pedrarias onde as náus de Hiran e de Salomão, vinham se abastecer, em inacreditaveis periplos de uma tal natureza, para a insipiente navegação de epoca tão longinqua.

James Orton chegara, mesmo, a appellidalo de "Ophir Occidental".

Os velhos cartapacios e massudos relatorios de Fresle, Carvajal, de Oviedo, Guimilia, de Pedro Simon, Juan Castellanos e outros, attestam, por sua vez, as contradictorias supposições relativas á veracidade ou á sua cavillosa existencia.

A partir dos fins do seculo XV, a idéa do Eldorado constituiu, por longo tempo, a illu-

são mortificante e aleatoria dos mareantes de Castella e Granada, da mesma forma que a obelinada procura da hypothetica "Serra das Esmeraldas", e das grandes jazidas de ouro e prata, nortearam annos seguidos, pelo desconhecido, as desnoiteadas "bandeiras" dos Roberio Dias e do Fernão Paes Leme.

Assim se desbravaram as terras de Santa-Cruz em quasi todos os sentidos da "rosa dos ventos", dilatando os anhangueiras e garhupos as nossas fronteiras para além do planalto central, ampliando-as, sem o pretenderem, setões a dentro, rumo ao oeste, em busca das faisqueiras e das grapiáras. Assim foram igualmente navegados e percorridos quasi todos os tributarios do Mar-Dulce até as suas mais invias e lethíferas cabeceiras, sem jamais encontrá-lo.

Esses roteiros fluviaes se estenderam em toda a longura do grande rio, da inacabada alcaçova de Macapá ao marco fronteiro de 1639, recuado de algumas centenas de kilometros para Tabatiuga, em nosso desfavor, pela convenção perdularia de 1851, quando devera prevalecer a primitiva tomada de posse.

A cupidéz dos palmilhadores das invertidas rôtas de Orellana e Pedro Teixeira não lhes dava tempo, entretanto, de reflectir que o Eldorado não passava de uma allegoria, porque o Eldorado era a propria Amazonia com todos os seus recursos inexplorados, com toda a sua pujança de seio fartamente inexgotável.

E elles não queriam crer na supposição de uma utópia pela enganosa certeza da sua realidade tangível.

Nublava o raciocínio daquelles pugilos de navegadores-espadaclins, avidos de vangloria e cheios ainda mais de ganancia monetaria, a preocupação de regressarem ás côrtes europeas levando na ponta das espadas totedanas e dos estoques biscainhos os louros de uma conquista nova, e nas escarcellas o luzir das pepitas e o scintillar das pedras raras, para encher o regaço das empoadas damas palacegas.

A preocupação das riquezas sobrepujava a dos triumphos.

Era mister, portanto, enticar sem olhar os meios, em detrimento e pelo morticínio dos legitimos donos da terra,

E os morticínios para usurpação dos preciosos haveres de algumas raças autochtones, occasionaram verdadeiras hecatombes, sobretudo no Perú e no Mexico. Se valiosissimos eram os thesouros e reliquias sagradas dos lucas e dos Aztecs, mil vezes superiores deveriam ser, presuppontamente, os pertencentes aos habitantes da ambicionada patria de El Rey-Dorado.

Pelo facto, talvez, de não ter sido jámais encontrada, buscavam-n'a, por isso mesmo, com maior e mais redobrado afincio, redobrando tambem as violencias e os processos sanguinarios, para arriancarem dos pobres ncolos escravizados, confissões sobre o local

exacto em que se occultava o maravilhoso reino das terras auríferas.

Diverzia os o esraçalhamento das suas victimas atadas á bocca das bombardas quando não eram arcabuzadas, como distração venatoria.

Esses dramas de misérias, de traições, de villanias, de homicídios, reproduziam-se quasi que simultaneamente de um extremo a outro do continente colombiano, com um despudor de declavadas rapinaeas.

As duas Americas que até então viveram isoladas do resto do mundo, defendidas pelo Grande Oceano e pelo Mar Tenebroso, assis-

EM PEDRAS DE FOGO



O sr. Braz Felizola, conceituado commerciante.

tiem cheias de espanto e surpresa aos continuos assaltos dos elementos adventicios que as desvirginisavam impiedosamente. Entregues á simplicidade nativa de uma existencia socegada e primitiva, sob a guarda ingenua e desinteressada das suas tribus indigenas, muito soffreram ellas das hordas archipiratas que as brutalizavam em nome da Civilização.

Os continuos mallogros dessas sequiosas batidas ás mirificas terras do maravilhoso reino do Gran-Parú, longe de lhes arrefecer os animos aurisedentos, parecia instigal-os a novas e arriscadas empreitadas.

Ao regressarem com as mãos vazias das riquezas que imaginavam encontrar a cada passo, entheasouradas nalgum recanto enxuto daquellas terras perpetuamente ensopadas pelas encheutas periodicas, traziam, contudo, o cerebro já de si escaldado pelas febres contrahidas e trabalhado pelos mil infortunios de tão loucas aventuras, peçados de phantasmagorias e de visões fabulosas, origem de tantas lendas;

o Eldorado e o proprio nome do mais caudaloso dos rios, não tiveram outra origem.

Enlouquecia-lhes a mente exaltada pelo ardor das conquistas e do ganho illicito, o brilho introspectivo da imaginaria cidade dos palacios de ouro e prata.

Ao lado dessas delirantes miragens subjectivas contrapunha-se como a mais segura affirmativa das magnificencias que buscavam, a propria refulgencia dos céos equatoriales, a emoldurar aquella incomparavel natureza estuante de vigor, de selva, de farturas, em prodigalidades de cornucopia. Era alli que deveria se occultar a verdadeira Gotconda.

A desmedida grandeza daquelles scenarios, excrcicia sobre os bandos tapaces dos aventureiros a diabolica fascinação dos abyssos. E resolutamente, allucinadamente, numa afolteza de irreflectidos, investiam pela espessura das florestas a dentro, sob o imperio irrefreavel da perversão doentia que os dementavam.

A insaciavel sede do ouro foi o movel principal, senão o unico, que impelliu os novos argonautas da grande era dos descobrimentos maritimos, a demandarem o recesso maisadio da vertente amazonica em busca do famoso Vellocino das terras americanas.

Nada os dessedentava e os fazia retroceder, nem as riquezas nativas ao alcance das mãos, nem a virulencia das enfermidades que os dizimavam. Outro era o alvo antevisionado e perseguido, e a merecer tão grande copia de ingentes sacrificios a que voluntariamente se entregavam.

Ao cabo, porém, de tantas mortificações e desenganos, os sacrificios dispendidos não os sagraram com o renome de heróes, mas com o ferrete de bandoleiros, porque na realidade assim o foram.

Os propositos subalternos aninhados na consciencia de quasi todos, deslustraram, em grande parte, a gloria dos descobrimentos de novos rios, dia a dia assignalados nos seus roteiros de viagem.

A sequiosidade pelos thesouros imaginados era proporcional á vastidão das aguas por elles percorridas mezes seguidos nas tremuras dos frios sezonaticos, sob a tolda esbraseante das igratés em que viajavam.

Nessas dolorosas perigrinações ao vogar das correntezas, queimados pela canicula crestante dos meio-dias, e emregelados pela humidade das noitadas ao relento, dir-se-lham rejar, intimamente, a guisa de reconfortantes preces, o *auri sacra fumes*, as três unicas palavras que constituam o breviario maldito da sua religiosidade de mercenarios.

Era a divisa e o lemmá pelos quaes se guiavam e se conduziram atravez o dedalo dos innumerados cursos dagua, e foi o distico que parecem haver gravado, como uma legenda impercível, no portico do Amazonas.

NOTAS SOCIAES

GORDEILLE DES DAMES

ELIZIA DE ALMEIDA — Esplendida compleição feminina: talhe bem proporcionado, physionomia sympathica, epiderme fina, cabellos negros com uns leves tons alourados. Esta senhorita ama a palestra, mas a palestra amena, instructiva, pendendo para as cogitações philosophicas. Tem observação, talento, estudo e as suas maneiras sinceras, naturaes, de uma gentileza sem calculo, sem affectação, espelho purissimo da propria alma, têm-lhe merecido encomios e admiração.

Conversando, sabe mostrar-se mulher e moça envaidecida do seu sexo, orgulhosa de uma juventude que se alegra com a vida, misturando o riso discreto com umas doses de reflexão que se firma em cuidada sensatez.

Mas, um dos bellos attributos é sua capacidade mental e que ella talvez não curio, não avaliou, nem procurou fazer-nos desprezimento de quem não possui pretensões, de quem se contenta com o carinho da familia, com a gentileza das amigas e, no entanto, Elizia de Almeida, com o conhecimento que tem da lingua patria, sem romper o veu de sua delicada modestia, podia em qualquer canto do Brasil, cultivando mais o espirito, apresentar-se como escriptora fluente, imaginosa e correctis.

Ah se podia! Mas, estão certo ninguém a convencerá de que tem, de par as conhecimentos indispensaveis aos arranjos domesticos, talento, muito talento!

Amora

Não lhe fica mal, senhorita, ... o qualificativo de orgulhosa! Uma menina de boa familia, e educação esmerada não deve ser popular. Orgulhosa, disseram na, porque não te tribue umas tentas saudezes, e faz muito bem.

Não é o simples conhecimento que dá ao homem o direito de cumprimentar em plena rua, a seu aberto, a vista de todos, a mulher solteira ou casada; para tanto é necessario que se tenha estabelecido entre ambos coherentes e sinceras provas de amizade.

A menina que quizer corresponder a todos os cumprimentos de Janotas, almodadinhas e mesmo de cavalheiros, fatalmente se vulgarizará se não der passo ás mais linguas.

Permanega sempre orgulhosa; isto vale por uma virtude.

Numa aldeia da Belgica existe um costume singular: todos os annos, no domingo de pentecostas as moças casadoitas oferecem um opi-

pero banquete aos rapazes, solteiros e viúvos em condições de contractarem matrimonio, sejam da localidade ou não; nacional ou estrangeiro; a restricção é para senhoritas, que, não sendo do districto, não podem tomar parte no banquete.

Chamam á festa — A feira de corações — e a Communa a julgou tão útil que a subvencionou, pois de cada banquete annual, pelo menos, sabem três casares de noivos.

Festa-feira completa! A quinzeza não registrou nenhuma reunião elegante. Hoje, o dia do Natal de Christo sempre tem para nós um ar pesado e triste.

E' que a espeta da missa do gallo, a noite e vigilia, nos traz um dia de cansaço, de esmorecimento, de bocejos.

Out'ora, ao cahir da noite a cidade aninhava-se: as familias despejavam-se riuas afóra a visitar lapinhas sem outras donos nem logares, mesmo porque não havia lapinha que não estivesse exposta a visita publica...

Hoje a lapinha cahiu em desuso e as nossas patricias que não estiverem á beira-mar têm de recorrer ao cinema, ás praças, aos boulevards, ás visitas, para matarem o tempo.

Bôas festas! Bons Annos!

Letora amiga:
A Musa triumphal da alegria
Vos exvia
Votos de um feliz Natal
E deseja também
Que o anno que vem
As venturas, vos dê, apetecidas
E ainda mais:
Uma sóra infante de esposas
E saias mais compridas!

DUPLO-ZERU

ANNIVERSARIOS

PROFESSOR CORIOLANO DE MEDEIROS:—Marcou o dia 30 do mez transacto o natalicio do illustrado professor Coriolano de Medeiros, figura de grande destaque na intellectualidade parahybana e um dos nossos mais distinctos colaboradores.

Com a sua scintillante penha, o professor Coriolano de Medeiros vem emprestando valioso concurso á feição litteraria desta revista. Por um lapso imperdoavel deixamos passar despercebida a data anniversaria do nosso prezado collaborador, pelo que lhe pedimos desculpas.

Pela passagem desse grato evento recebeu o digno natalicio numerosa felicitações, ás quaes, embora tarde, apresentamos os saudaes da «Era Nova».

No dia 2 do andante registou-se o anniversario natalicio do nosso distincto collega de redacção José Pessoa da Costa, que foi por este motivo alvo de inequivocos testemunhos de apreço por parte do avultado numero de suas relações de amizade.

Commemorando o decurso dessa ephemeride, o prezado companheiro de trabalhos reuniu em um jantar intimo os seus numerosos amigos desta capital.

Cumprimentamol o affectuosamente.

Fez annos no dia 5 o intelligente bacharel João Manoel Silva, residente no Rio de Janeiro onde é funcionario de categoria no Banco do Brasil.

Ao distincto moço, que pertence a tradicional familia parahybana, endereçamos, embora tardiamente, nossos parabens.

DIA 16:—Major Anisio Borges Monteiro de Melo, secretario da Prefeitura Municipal desta cidade.

DIA 17:—A deceto do corrente passou a data anniversaria do primoroso jornalista patricio, sr. Celso Matta, director da secretaria da Assembléa Legislativa do Estado.

A s. c., que foi comosamente felicitado, apresentamos sinceros parabens.

—Revista, d. Santino Coutinho, arcebispo de Belém, Pará.

DIA 18:—A graciosa menina Laura, filhinha do engenheiro-agrimensor sr. Armando Nobrega de Vasconcellos, funcionario do Ministerio da Viação, presentemente neste Estado addido á repartição de Obras contra as Seccas. —Dr. Neta de Figueiredo, leader do governo na Camara Estadual.

DIA 19:—Acad. João Gonçalves de Medeiros, principista da Escola de Medicina da Bahia.

DIA 20:—Helyette, dilecta filhinha do sr. Olympio Pedrosa, escripturario da Imprensa Official.

A menina Suzette, filhinha do dr. Euripedes Tavares, director da Cadeia Publica.

DIA 22:—Passou no dia 22 do corrente mez o natalicio de minha, Maria Nathercia Dantas, virtuosa esposa do sr. Leonardo Bezerra Cavalcanti e irmã do sr. Edgard Dantas, director commercial desta revista.

DIA 25:—Faz annos hoje o sr. Luiz Salles, activo empregado do commercio desta praça.

DIA 31:—SENADOR ANTONIO MASSA: Anniversaria á 31 deste mez o sr. dr. Antonio Massa, illustre representante da Parahyba no Congresso Federal e membro preeminente da politica situacionista deste Estado. Saudamos antecipadamente o s. exc., apresentando-lhe as mais cordias felicitações.

NASCIMENTOS:—Mme. Amalia Bezerra Vêras Junior e seu esposo sr. João Vêras Junior tiveram a gentileza de participar-nos o nascimento de seu filhinho Adherbal, occorrido no dia 26 de novembro transacto, ao que nos confessamos gratos.

Nasceu a 28 do mez passado, em Conceição, a graciosa creança Hilton, filhinho do sr. Luiz

Soares, agente fiscal alli e de sua exma. sra. dona Maria Alencar Soares.

ENLACE MEIRA LUCENA:— Realizou-se o mez passado, na cidade de Bananeiras, o enlace matrimonial da sra. d. Maria José de Lucena, filha estremosa do cel. Baroncio de Lucena, fazendeiro naquelle municipio e pagador da estrada de ferro de penetração, com o dr. Constantino Vieira, engenheiro da estrada de rodagem Serraria-Pilões.

Os recém-casados pertencem a importantes familias parahybanas, desfructando as mais arraigadas sympathias na sociedade bananeireuse e nesta capital.

Felicitemos aos jovens desposados, desejando-lhes as maiores venturas.

Na cidade de Guarabira consorciou-se nos fins do mez p. findo o academico de direito sr. Agrippino Nobrega, funcionario federal e o nosso prestimoso representante naquelle municipio, e a sra. d. Bertha Aragão, filha do saudoso conterraneo cel. Eulálio do Aragão.

Ao distincto par, que goza de geraes sympathias em o nosso meio social, apresentamos os nossos parabens.

Acham-se noivos em Escada, Pernambuco, mlle. Emilia Gabina de Mello e sr. Severino Ribeiro de Mello, os quaes se dignaram de communicar-nos este acontecimento.

VIAJANTES:

EDGARD DANTAS:— No gozo de férias, viajou para o sertão parahybano o nosso esforçado director commercial sr. Edgard Dantas, que, servindo se da occasião, fará uma intensa propaganda desta revista.

Ao distincto companheiro, que deverá estar de regresso a esta capital o mais breve possível, desejamos optima viagem e feliz retorno ao centro de suas actividades.

Regressou da Bahia, onde vem de obter distinctas approvações no 1º anno medico da respectiva faculdade, o academico Waldemir S. de Miranda, filho do cel. Tota Miranda, grande industrial em Guarabira.

Esteve ligeiramente entre nós o sr. major Luiz de Miranda Henriques, adeantado agricultor em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, e nosso digno assignante.

VARIAS:

Ha cerca de um mez encontra-se nesta capital o distincto moço Ernani de Sá, apreciado caricaturista patrio.

A serviço do conhecido semanario «O Malho», Ernani de Sá desde o começo do anno espirante que se achava na metropole da Republica, onde conseguiu vasto circulo de rela-

HORAS PERFIDAS

Dezembro vae passando... Horas fugiram!...
Dias, noites, manhãs e madrugadas...
Esperanças! Chimeras que partiram...
Sombrio céu de estrellas apagadas!

As almas virginaes que me sorriram,
Urnas de amôr, inspirações sagradas...
Numa tristeza atroz se transfundiram,
Em visões vesperaes de ermas estradas!

Breves dias sómente... e o anno finda...
E volvo o olhar a estrada percorrida,
No dôce engano de voltar ainda!

E a relembrar prazeres e agonias,
Lamento... porque fogem-me da vida
Trezentos e sessenta e cinco dias!

AMERICO FALCÃO

ções, conquistadas pelas suas bellas qualidades de espirito.

Esta revista por mais de uma vez tem illustrado suas paginas com interessantes charges devidas ao seu lapis.

Gratos pela visita que nos fez, fazemos votos de feliz permanencia entre nós.

O exmo. sr. des. Trajano A. de Caldas Brandão e familia tiveram a nimia gentileza de apresentar-nos attenciosos cumprimentos de boas festas e felizes entradas de anno ao que somos muito penhorados e retribuimos-lhe identicas felicitações.

Effectnou-se no dia 18 deste, na residencia do cel. João Barbosa de Lucena, em Queimadas, uma festa politica em regresso á elevação dessa localidade á categoria de districto.

Solemnizando festivamente este jubileoso acontecimento, a população de Queimadas, tendo a cooperação de diversas pessoas da melhor sociedade campinense, promoveram as mais entusiasticas manifestações de apreço aos srs. dr. Solon de Lucena, presidente do

Estado, e Christiano Lauritzen, chefe politico de Campina Grande.

Dentre os festejos realizados, salientamos uma soirée dançante, duas passeatas promovidas por senhoritas e crianças, que percorreram as principaes ruas daquelle districto, salvas de 21 tiros, além outras cerimoniaes que decorreram no meio da maior cordialidade.

Obtiveram approvações distinctas nos exames a que se submeteram ultimamente, na Escola Medica da Bahia, os talentosos jovens conterraneos Waldemir de Miranda, Celso de Mattos Rolim e João Joffily.

ECOS DE ARTE:— Realizou-se a quinze do corrente, no theatro Santa Rosa, um festival de beneficio ao sympathizado artista conterraneo sr. Peryllo de Oliveira, sob o patrocínio da imprensa de nossa terra.

CHAPÉOS e CALÇADOS finos, na "Casa Penna". Rua Maciel Pinheiro n.º 88.

Reinaldo de Oliveira & C.

Grande estabelecimento
de miudezas e fazendas

RUA MACIEL PINHEIRO N. 172.